



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A REPRESENTAÇÃO DO SAGRADO NA ARQUITETURA
E NA ICONOGRAFIA DA IGREJA NOSSA SENHORA
CONSOLATA, EM BOA VISTA – RR**

FRANCISCO MÁRIO RIBEIRO CASTRO

RECIFE/2015

FRANCISCO MÁRIO RIBEIRO CASTRO

**A REPRESENTAÇÃO DO SAGRADO NA ARQUITETURA
E NA ICONOGRAFIA DA IGREJA NOSSA SENHORA
CONSOLATA, EM BOA VISTA – RR**

Dissertação para defesa pública, como requisito parcial para obtenção de título de mestre, em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos.

Área de conhecimento: Ciências Humanas.

RECIFE/2015

C355r Castro, Francisco Mário Ribeiro
A representação do sagrado na arquitetura e na iconografia da igreja Nossa Senhora Consolata, Boa Vista - RR / Francisco Mário Ribeiro Castro; orientador Sérgio Sezino Douets Vasconcelos, 2015.
161 f. : il.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado em Ciências da Religião, 2015.

1. Igreja Nossa Senhora Consolata - Boa Vista (RR) - História. 2. Espaço sagrado.
 3. Ícones. 4. Arquitetura Religiosa - Conservação e restauração - Boa Vista (RR).
- I. Título.

CDU 27(81)

FRANCISCO MÁRIO RIBEIRO CASTRO

**A REPRESENTAÇÃO DO SAGRADO NA ARQUITETURA
E NA ICONOGRAFIA DA IGREJA NOSSA SENHORA
CONSOLATA, EM BOA VISTA – RR**

Dissertação para defesa pública, como requisito parcial para obtenção de título de mestre, em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos.

Aprovada em: ____/____/____

Banca examinadora

Prof^a Dr^a Ana Elisabeth Lisboa Nogueira Cavalcanti

Examinadora titular externa – UFPE

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

Examinador titular interno – UNICAP

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

Orientador - UNICAP

Dedico

À senhora, minha querida mãe, a mulher mais forte, mais guerreira, mais sensata e criativa que já conheci. A senhora é a origem do meu ser e a causa de minhas inspirações. Dona Nonada Ribeiro, meu amor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus autor e fonte de toda beleza, o mais inventivo de todos os seres, obrigado por toda a inspiração e todo o bem. Agradeço também ao Governo do Estado de Roraima, por ter nos dado a oportunidade desta formação, bem como por ter nos concedido o afastamento das atividades didáticas para dedicar-me integralmente aos estudos.

Agradeço ainda a Universidade Católica de Pernambuco através do seu corpo docente que nos acolheu. Desta instituição quero fazer um agradecimento especial ao professor Sérgio Douets, que aceitou o desafio de orientar-me nesta empreitada, ao senhor muito obrigado.

Não poderia deixar de agradecer a Diocese de Roraima na pessoa de seu bispo Dom Roque Paloschi, pelo apoio e incentivo sempre.

Agradeço também aos colegas do curso, pela troca de experiência e a cumplicidade nas dificuldades, a todos vocês, muito obrigado.

Agradeço ao amigo prof. Dr. Raimundo Nonato, pelos socorros prestados em tantos momentos de sombra e aridez.

Por fim, quero agradecer a minha família, em especial a minha mãe, que mesmo não estando presente fisicamente, sempre me incentivou e apoiou nas horas mais difíceis, aos irmãos e irmãs de perto e de longe, meu muito obrigado.

“Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova,
tarde te amei! Eis que estavas dentro e eu fora.
Estavas comigo e não eu contigo. Exalaste perfume
e respirei. Agora anelo por ti. Provei-te, e tenho
fome e sede. Tocaste-me e ardi por tua paz.”
(Santo Agostinho)

RESUMO

A Igreja Nossa Senhora Consolata é o espaço sagrado constituído pela comunidade do bairro São Vicente em Boa Vista, estado de Roraima. Este templo, construído no ano de 1983, pelos Missionários da Consolata, com a ajuda e colaboração dos fiéis da comunidade, é consequência dos múltiplos processos socioculturais e religioso pelos quais passou essa comunidade. Este templo, tido como o lugar sagrado, passou recentemente por um processo de reforma e adequação do seu espaço. Tal processo, além de modificar a antiga arquitetura do templo, inseriu novos elementos e símbolos e redimensionou seu espaço dando-lhe uma nova arquitetura. Este trabalho tem como objetivo analisar esse processo de reforma, mas principalmente refletir sobre o significado dos símbolos e ícones que aí foram introduzidos com a reforma. Nesta análise parte-se do princípio de que o templo é o espaço sagrado por excelência na experiência católica cristã e por isso, nele deve conter elementos simbólicos que ajudem a comunicação entre o fiel orante e o seu adorado – o ser divino. Portanto, esta reflexão dar-se-á na tentativa de compreender o significado das formas geométricas do templo, bem como dos ícones aí expostos, a saber: o Cristo Pantokrator, a Cruz, os mosaicos do altar e o ícone da Virgem Consolata.

Para a realização da mesma, nos utilizamos da metodologia da pesquisa qualitativa, nos apoiando em instrumentos como: pesquisas em arquivos e levantamentos bibliográficos, rodas de conversas e entrevistas.

Todo esse trabalho de pesquisa nos fez constatar que o processo de construção do grupo social do bairro de São Vicente de Paulo e da comunidade Nossa Senhora Consolata foi fruto dos diversos encontros e desencontros que dos processos de êxodos ao qual o povo se submeteu (ou foi submetido), imprimindo, assim, um caráter particular naquele grupo religioso.

Denota-se, portanto, que criar um espaço de culto, era a motivação para que também, se lutasse por um espaço de vida. E nessas experiências é que o povo foi se descobrindo, foi se sedentarizando e foi se estabelecendo como grupo cultural, social e religioso, garantindo assim, seu território, sua identidade e sua sobrevivência.

Seguido nesta perspectiva, podemos dizer que nesse caso o espaço de culto torna-se um fator vital, tanto como expressão das conquistas, como instrumento importante nesse processo histórico, fruto de sua criatividade e ressignificação constante que a vida exige, principalmente, para um povo que soube reinventar a sua própria cultura e seus símbolos.

Palavras Chave: Igreja Consolata, Espaço Sagrado, Reforma e Ícones.

ABSTRACT

Our Lady Consolata Church is the holly place made by Saint Vincent's community in Boa Vista city, State of Roraima. This temple, built in 1983, by Consolata's missionaries helped by catholic folk who lives in the district where the church is situated, is the result of the many social cultural and religious processes for what this catholic community has passed by. This temple, considered the holly place, suffered actually a reform and reorganizational process of its space. Such process, besides modifying the ancient architecture of the temple, added new elements and symbols and redimensioned its space by giving to it a new architecture. This work has as objective to analyse this process of reform but mainly to reflect about the meaning of the symbols and icons which were added by the reform process. In this analyses we start from the principle which the temple is the most holly place into the Christian catholic experience and because this such place must have symbol elements for helping the communication between prayer believer and theirs worshipped – the divine be. Therefore this reflection will be done by trying to understand the meaning of the geometrical shapes of the temple and all icons in its interior side such as: Cristo Pantokrator, the cross, the mosaics of the altar and Virgin Consolata icon.

To come true the analyses we used the qualitative search methodology by taking as investigative tools such elements: searches in archives and bibliographies, talking groups and interviews.

All this search work made us to realize that the composition process of the social group of Saint Vincent Paul's district and of Our Lady Consolata Community were the result from several rights and wrongs that is also the result from exodus process which the people was submitted (or submitted themselves), printind this way, a particular character in that religious group. Understand itself, therefore, that to create a worship space, was the motivation for fighting for a life space too. And in these experiences the folk was discovering itself, it was raising roots and it was growing up as cultural social and religious group by conquering its territory, identity and suverving.

Followed in this perspective, we can say that, in this case, the worship space become itself an essential factor, such as conquests expression as important tool in this historic process, result from their creativity and frequent re-meaning required by the life, maily, for a people which knew re-invent own culture and their symbols.

Key-words: Consolata Church, Holly Space, Reform and Icons.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DA COMUNIDADE RELIGIOSA DO BAIRRO SÃO VICENTE: CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO	12
1.1. O povoamento da região da bacia do Rio Branco e os principais processos migratórios em Roraima entre as décadas de 1970 e 1980.....	25
1.1.1. Processo inicial de ocupação da Bacia do Rio Branco: as Fazendas Reais. .	29
1.1.2. As migrações como consequência dos garimpos e dos projetos de assentamentos agrícolas.....	31
1.2. O surgimento da comunidade religiosa no bairro São Vicente: A comunidade São Vicente de Paulo.....	34
1.3 – Um novo espaço e uma nova padroeira para a comunidade religiosa do bairro São Vicente.....	45
1.4 – A paróquia Nossa Senhora Consolata.....	50
2.1. A dimensão simbólica e cultural do espaço religioso do bairro São Vicente.	55
2.2. A arte como expressão do sagrado e elemento de socialização.	64
2.2.1. Arte e a religião	65
2.2.2. A arte sacra e arte religiosa	70
2.2.3 A arte sacra do Cristianismo.....	73
2.3. A arte bizantina	75
2.3.1 A importância da arte bizantina para a Igreja Cristã	79
3. A IGREJA NOSSA SENHORA CONSOLATA: NOVAS FORMAS E NOVOS SÍMBOLOS.....	83
3.1. A Igreja Nossa Senhora Consolata: a configuração do espaço.	94
3.2 – O templo reformado: suas formas e seus ícones.....	99
3.2.1 – As formas	99
3.2.2 - Os Ícones.....	107
3.2.3 – Os mosaicos do altar	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS.....	118
ANEXOS	122

INTRODUÇÃO

O espaço sagrado, na experiência de fé dos cristãos, sempre foi tido como um espaço de referência, que se constitui a partir de uma experiência, que *a priori* se dar no nível individual, ou seja, algo que está no coração do indivíduo religioso e que encontra seu sentido mais amplo na experiência comunitária, isto é, no encontro com o outro. É, portanto, nesse encontro com o outro, que este, em conjunto, a partir da experiência comum, elege um determinado espaço para sacraliza-lo, e, portanto, torná-lo lugar de encontro com seu Divino e com os seus semelhantes.

Aqui é válido ressaltar que a escolha e/ou eleição do espaço a ser sacralizado, dar-se de muitas formas, a partir das mais diversas experiências e/ou manifestações hierofânicas como nos diz Eliade (1992). Segundo este autor, nos processos de eleição de um determinado espaço, para torna-se sagrado, são levadas em consideração, em alguns casos, alguma manifestação da divindade ou hierofania, assim por ele chamada. No entanto é possível outras motivações para se identificar um espaço como sagrado. No caso do bairro São Vicente, o critério de eleição não passou pela experiência de uma hierofania, mas o critério levado em consideração foi a localização geográfica, a extensão do espaço e sua funcionalidade.

Portanto, é possível constatar que o espaço sagrado da Igreja Nossa senhora Consolata, se constituiu a partir de múltiplas experiências, social, cultural e principalmente religiosa, através da fé, coragem e determinação de um povo marcado por múltiplos processos migratórios que não soube viver sem o seu Deus, e que dele necessitou para reconstruir sua história, sua cultura e a sua religiosidade.

Desta forma, percebemos que o processo de construção da comunidade Nossa Senhora Consolata foi marcado por diversos encontros e desencontros, característico do nomadismo (migrações), as vezes forçado, as vezes espontâneos, fator que foi imprimindo um caráter particular naquele grupo religioso. Aqui se denota, portanto, que mais que criar um espaço de culto, era necessário estabelecer um espaço de vida. Contudo, e necessariamente neste caso, o espaço de vida passa pela experiência da fé. E nessas experiências é que essa comunidade foi se descobrindo, foi de sedentarizando e

foi se estabelecendo como grupo cultural, social e religioso, garantindo assim, seu território, sua identidade e sua sobrevivência.

Seguido nesta perspectiva, podemos dizer que nesse caso o espaço de culto torna-se um fator vital, tanto como expressão das conquistas, como instrumento importante nesse processo histórico, fruto da criatividade e ressignificação constante que a vida exige, principalmente, para um povo que soube reinventar a sua própria cultura, sua religiosidade e seus símbolos. É, portanto, sobre esse processo de reinvenção cultural e religiosa que se dar no bairro São Vicente, e principalmente sobre os símbolos sagrados que compõe o espaço de culto destes cristão que nos dedicaremos neste trabalho.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de constituição do espaço sagrado da Igreja Nossa Senhora Consolata, sua forma arquitetônica e sua iconografia.

Para a realização da mesma, nos utilizamos da metodologia da pesquisa qualitativa, nos apoiando em instrumentos como: rodas de conversas, entrevistas, pesquisas em arquivos e levantamentos bibliográficos. É importante ressaltar que as entrevistas, foram semiestruturadas. O pesquisador apesar de possuir um roteiro de entrevista, sempre que se fazia necessário, se utilizava de outras questões, dependendo das respostas, assim como, do tempo e do nível de envolvimento do entrevistado com a comunidade e do próprio desenvolvimento das entrevistas, as mesmas foram todas gravadas. As entrevistas e rodas de conversas foram realizadas majoritariamente com pessoas da própria comunidade.

A pesquisa nos arquivos fora realizada principalmente nos arquivos da Diocese de Roraima e no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Após a coleta dos dados, os mesmos foram analisados, resultando na escrita da presente dissertação. Aqui é importante lembrar que para orientar nossa análise da questão do espaço sagrado, nos pautamos principalmente nas concepções teóricas de Eliade e Geertz. E para analisar as formas e a simbologia dos ícones da igreja, nos pautamos nos referencias dos autores acima aludidos, bem como de outros autores, a saber, Pastro, Cavalcanti, Antunes e Burckhardt.

Portanto, a presente dissertação está composta por esta introdução, três capítulos e considerações finais. Nesta introdução, apresentamos resumidamente nosso tema, objeto de estudo, metodologia e referencial teórico.

No primeiro capítulo, intitulado Caracterização histórico-geográfica da comunidade religiosa do bairro São Vicente: construção e reconstrução do espaço sagrado, fazemos uma análise histórica do processo de ocupação do bairro São Vicente, bem como demonstramos a formação da comunidade cristã, de São Vicente de Paulo, e sua posterior mudança para Nossa Senhora Consolata.

No Capítulo segundo, que traz como título: Aspectos culturais e a constituição simbólica do espaço; refletimos sobre a simbologia do espaço a partir da religião. Enfatizando os aspectos artísticos que constituem este espaço com ênfase na arte sacra.

A Igreja Nossa Senhora Consolata: novas formas e novos símbolos; é o título do terceiro capítulo. Neste apresentamos uma descrição do espaço sagrado da igreja, bem como descrevemos e analisamos as formas e os ícones principais que compõe este templo sagrado. Ressaltamos que não se trata apenas de um trabalho meramente teórica, mas parte principalmente da experiência de seu autor, haja vista que, autor e artista se fundem neste trabalho.

Por fim, podemos constatar que o processo de construção do grupo social do bairro de São Vicente de Paulo e da comunidade Nossa Senhora Consolata foi fruto dos diversos encontros e desencontros dos processos de êxodos ao qual o povo se submeteu (ou foi submetido), imprimindo, assim, um caráter particular naquele grupo religioso.

Ressaltamos a importância do espaço de culto, sinal de união, na determinação e motivação, para que as lutas resultassem na conquista do espaço de vida. E nessas experiências é que o povo foi se redescobrendo, se sedentarizando e se estabelecendo como grupo cultural, social e religioso, garantindo assim, seu território, sua identidade e sua sobrevivência.

1. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DA COMUNIDADE RELIGIOSA DO BAIRRO SÃO VICENTE: CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO

A Igreja Nossa Senhora Consolata, cujo espaço sagrado, é objeto desta pesquisa, está localizada no bairro São Vicente, na parte sul da região central da cidade de Boa Vista, no estado de Roraima. Seu território paroquial, do qual é sede e matriz, está atualmente composto por seis comunidades, sendo cinco distribuídas em quatro bairros vizinhos e uma na Cidade Santa Cecília, distrito do município denominado Cantá, separado de Boa Vista apenas pelo Rio Branco.

A Igreja Nossa Senhora Consolata, com suas formas e sua iconografia, constitui-se nosso objeto de estudo, porém, é necessário, antes de qualquer coisa, nos adentrar na história da comunidade que está em volta de si, digo, a história do bairro São Vicente, os processos nos quais seus habitantes protagonizaram para firmarem-se como grupo social e como comunidade religiosa.

Ninguém soube dizer ao certo o início da ocupação do bairro São Vicente, supõe-se que tenha surgido de forma espontânea, contando com os primeiros moradores a partir do início da década de 1950, mantendo-se esparsamente habitado sem característica urbana até a década seguinte. Esse bairro inicialmente era conhecido como bairro Redenção, passando a chamar-se São Vicente anos depois.

Devido ao trabalho de religiosos no bairro desde aproximadamente a primeira metade da década de 1950 (DIOCESE DE RORAIMA, sd), a comunidade católica elegeu como seu padroeiro o santo francês Vicente de Paulo¹, com isso os moradores passaram a reivindicar que o bairro tivesse o mesmo nome do Santo. Após algumas tentativas inglória, a estratégia usada pela comunidade para que os poderes públicos atendessem sua reivindicação foi a decisão de construir uma pequena igreja para o santo pretendido a padroeiro. Já havia um terreno doado pela Prelazia² de Roraima para a

¹ Vincent Depaul, nasceu em Pauy, França, em 1581. Foi ordenado sacerdote católico aos 19 anos. Foi diretor de inúmeras obras de caridade em Paris. Fundou as comunidades religiosas dos Padres da Missão e as Filhas da Caridade e inspirou muitas outras obras, entre elas destacamos as Conferencias Vicentinas por Frederico Ozanam no século XIX (MISSAL COTIDIANO, 1985: 1749)

² Nome que é dada ao Território Eclesiástico, correspondente a uma Igreja particular ou Diocese, mas que, de alguma forma não goza de todas as prerrogativas de uma Igreja particular (Cf Código do Direito Canônico, Can. 370).

Conferência Vicentina que aí desenvolvia trabalhos religiosos e assistenciais – essas também conhecidas pela sigla SSVP, é uma organização de católico leigos fundada em Paris, França, há 180 anos, inspirada na prática caritativa de São Vicente de Paulo. É reconhecida pela ONU e pela Igreja Católica como instituição que se dedica ao serviço voluntário de promoção humana e assistência social com mais de um milhão de voluntários e colaboradores chamados de vicentinos atuando em quase 150 países (SSVP ps. 16-22). Estando concluída a construção da igreja no ano de 1962, no início do ano de 1964, a Prefeitura Municipal de Boa Vista, por reivindicação dos moradores de Redenção, achou por bem substituir o nome de Redenção pelo nome do santo ao qual fora dedicada a igreja, conforme nos confirma o DECRETO N.º. 1/64³ da Prefeitura Municipal de Boa Vista, datado do dia 17 de janeiro do mesmo ano.

Considerando o apelo formulado pelos moradores do populoso bairro situado na parte sul da cidade de Boa Vista, conhecido pelo nome de REDENÇÃO, denominação dada ao referido bairro sem qualquer motivo que o justifique; [...]

Art.1.º. Fica denominado bairro de SÃO VICENTE, toda a área existente nas proximidades dos subúrbios de CALUNGÁ e CAXANGÁ, conhecida anteriormente pelo nome de Redenção (DECRETO N.º 1/64, anexo G).

Calungá é o bairro que está a leste do bairro São Vicente e Caxangá é um igarapé, que hoje, não passa de um extenso esgoto. Esse fazia limite entre o que atualmente é delimitado como centro de Boa Vista e a região periférica em expansão, no caso o bairro Redenção. O senhor Júlio Martins⁴, que trabalhou no governo do então Território Federal de Roraima e depois foi prefeito municipal, lembra bem dessa geografia e da precariedade estrutural nas quais o povo dessa comunidade vivia:

Até a década de 1960 toda essa região, após Igarapé Caxangá, era a extrema periferia, o arrabalde da Cidade, inclusive isolada pelo Igarapé. Não tinha organização urbana, estava ocupada esparsamente, com casas espalhadas. Sei que nos primeiros anos da década de 1960, estavam construindo a Igreja de São Vicente, pelos padres e os moradores do bairro Redenção e, depois, em 1963, o governo do território construiu o Colégio São Vicente, que teve como primeiro

³ Ver Anexo G.

⁴ Ver Anexo D.

nome o do então Deputado Federal Gilberto Mestrinho (MARTINS, anexo D).

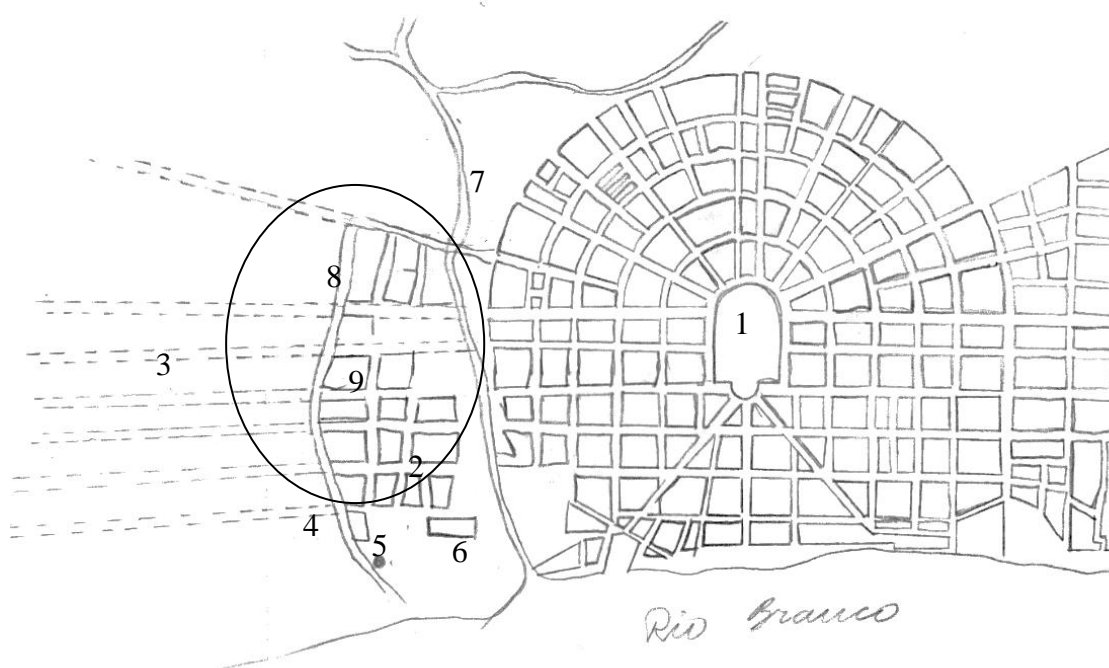
No início da década de 1960⁵ a extensão territorial do bairro Redenção, era menos que a metade do que é hoje, estava esparsamente povoado, havia uma casinha aqui e outra ali. A respeito do período que antecede aos anos 1970, o senhor Vandir de Souza, 70 anos, que passou toda sua infância, sua juventude e parte da vida adulta, envolvido nesta comunidade, traz em suas lembranças alguns detalhes importantes da paisagem local daquela época:

O bairro Redenção, até final da década de 1960, não passava de umas poucas casas espalhadas desse outro lado do Caxangá. A única via de acesso era uma estrada, a oeste fazendo um contorno para o leste, que dava acesso à fazenda dos padres e ia até uma oficina do governo onde hoje é a escola Barão de Parima. No início da estrada, na saída da cidade, fizeram uma ponte de madeira sobre o referido igarapé, hoje Rua Professor Diomedes. Entre essa estrada, que era conhecida como estrada do Calungá, e o Igarapé Caxangá, havia somente algumas casas, talvez umas quinze casas [...] Ao norte estava o centro, bem pequeno, tudo muito atrasado, e ao sul só o campo – que chamamos de lavrado – que se dizia fazenda dos padres (SOUZA, anexo B).

Seguindo as descrições do senhor Vandir de Souza e o mapa da ocupação do espaço urbano de Boa Vista entre 1920 e 1980 (imagem 2), traçamos um outro mapa, (imagem 1), para demonstrar como era o bairro São Vicente até final da década de 1960. O mapa da figura é 2, é importante porque nos oferece uma visão da planta planejada da região central da cidade de Boa Vista e como foi acontecendo a expansão e a ocupação do seu território no decorrer dessas décadas, num processo de crescimento bastante tímido, em relação as décadas posteriores, fator que possibilitava a expansão da cidade obedecendo os traços de seu planejamento inicial. Nas décadas posteriores esse processo de crescimento desobedeceu a esses padrões, devido aos contingentes bastante altos de pessoas que chegavam todos os dias, acarretando ocupação rápida, e invasões nas regiões mais periféricas. Esse mapa representa menos de um sêxtuplo da extensão urbana de Boa Vista, atualmente. Vejamos a baixo os mapas:

⁵ Ver Anexo J.

Imagem 1: Mapa da cidade de Boa Vista, na descrição de Vandir de Sousa, entre as décadas de 1960 e 1970, com o bairro São Vicente em destaque, historicamente mais coerente que o mapa seguinte, que a apresenta o povoamento do bairro São Vicente de forma generalizada a partir da década de 1970.



Legenda:

1. Centro de Boa Vista; 2. Bairro São Vicente quando ainda se chamava Redenção; 3. Extensão do bairro São Vicente a Partir de 1970; 4. Local da Construção da Igreja de São Vicente; 5. Oficina do Governo; 6. Bairro Caetano Filho – Beiral; 7. Igarapé Caxangá; 8. Avenida Prof. Diomedes; 9. Estrada do Calungá atual Av. Castelo Branco. A parte em destaque corresponde aproximadamente o que hoje é a extensão do bairro São Vicente.

Imagem 2: Mapa da evolução do espaço urbano da cidade de Boa Vista entre as décadas de 1920 e 1980 (Portal Amazônia) – Esse mapa apresenta incoerência quando coloca de modo geral a ocupação do bairro São Vicente na década de 1970. O mapa da imagem 1 construído a partir das descrições do senhor Vandir de Souza, retrata já a presença já a presença de moradores no bairro entre as décadas de 1950 e 1960. No destaque menor, o bairro São Vicente antes dos anos 1970 e no destaque maior, o bairro São Vicente a partir da década de 1970⁶.



Com o contingente de moradores aumentando, a partir do início da década de 1970 a Prefeitura Municipal de Boa Vista toma a iniciativa de fazer loteamentos que estava ao sul do velho bairro (DIOCESE DE RORAIMA, sd), essa área, até então, permaneceu totalmente desabitada. Segundo dona Cleonice Vasconcelos⁷, moradora do bairro São Vicente desde a época de sua ampliação, esses lotes eram disponibilizados aos novos moradores para a construção de casas e a quem os desejassem. Esta informação nos é narrada por ela, que vivenciou este período, e constata o nível de precariedade em que ainda se encontrava o referido bairro.

⁶ Os destaques, acrescentado por nós. Inclusive as setas para indicar a localização das igrejas que aí foram construídas: a seta vermelha a Igreja de São Vicente, hoje desativada e a azul a igreja nossa Senhora Consolata.

⁷ Ver Anexo C.

Nós morávamos onde hoje chamam de Caetano Filho⁸, alagava todos os anos. A prefeitura estava dando essas terras, então resolvemos pegar um pedaço para nós. Mas, aqui era quase um deserto, a noite era tudo escuro, luz, só de lamparina. Não havia essas avenidas que vão ao centro de Boa Vista. Havia uma separação entre o centro e aqui, o Igarapé Caxangá não dava passagem, dávamos uma imensa volta, a pé. Para chegar aqui era uma estrada, um caminho na verdade, beirando o rio, o que hoje chamamos de Avenida Castelo Branco que se juntava com a rua Professor Diomedes (VASCONCELOS, anexo C).

A partir do que nos expõe dona Cleonice podemos constatar que essa precariedade estrutural urbana não estava restrita ao bairro São Vicente, mas, a toda a cidade de Boa Vista, mesmo que em alguns casos, em menor proporção. Contudo é bom observar que estamos nos situando a partir da década de 1960, na parte mais setentrional do país, essa porção do povo brasileiro que estava quase que totalmente isolada de todo o resto do país, estradas internas quase intrafegáveis, para sair desse território só era possível contar com transporte fluvial ou aéreo. É importante que se diga que esses meios de transportes eram bastantes limitados a população. O transporte fluvial só tinha pleno funcionamento no período das cheias, que incide entre os meses de maio e setembro e o aéreo somente para pessoas de maior poder aquisitivo como, por exemplo, políticos e militares. Júlio Martins lembra como isso era determinante para Roraima, pois esse isolamento era a maior dificuldade para o acesso e conseqüentemente para o desenvolvimento da região.

O fator que mais determinava aqui, em Roraima, nesse período, era o isolamento. Só se chegava aqui via aérea ou fluvial. Aérea, saía muito caro, só as autoridades ou em situações de emergências, a via fluvial também era muito precária, o Rio Branco só dava acesso até Caracaraí, no período da seca a situação se tornava mais precária. De Caracaraí a Boa Vista são 140 Km de estradas, nessa época sem asfalto, período das chuvas era quase que intrafegável. No período da seca o rio não dava acesso. Então, sair ou entrar em Roraima não era uma coisa muito fácil (MARTINS, anexo D).

⁸ Bairro no centro de Boa Vista, situado à margem do Rio Branco.

Podemos observar a partir da fala de Martins, que a precariedade nos transportes refletia conseqüentemente nas estruturas e na disponibilização de serviços na esfera pública, forçando as pessoas a uma constante busca de novos espaços que lhes oferecesse um mínimo de conforto e acomodação, mesmo dentro do próprio território. Os níveis de dificuldades eram muito altos, água encanada e luz elétrica eram artigo de luxo conforme nos descreve Dona Francisca Rufino que também participou desse processo e passou a morar no bairro desde novembro de 1973, onde reside até hoje:

Aqui era um lugar muito longe, fora da cidade, havia muitos alagados, ninguém queria vir para cá. Se recebia os lotes, mas, ficavam abandonados, inclusive o nosso já foi comprado de alguém que ganhou e não quis vir. Nós mesmo só resolvemos mudar pra cá algum tempo depois dos primeiros moradores, só vínhamos nos finais de semana. Era muito deserto, só se via algumas casas pelo meio do mato. Muitos dos primeiros moradores eram pessoas que vinha do Ceará, inclusive minha família. Não tinha luz elétrica, não havia água encanada. Para lavar roupas, a gente ia ao Igarapé do Pricumã e do mesmo trazíamos água para beber. Era um tempo muito difícil (RUFINO, anexo E).

Observemos as imagens abaixo – mesmo não tão nítidas devido ao desgaste do tempo, contudo – nelas podemos ilustrar aquilo que tem sido testemunhado até agora a respeito desse processo de urbanização de Boa Vista, nessa área que dá acesso ao bairro São Vicente:

Imagem 3: Avenida Benjamin Constant, anos 1960.



Imagem 4: Rua Professor Diomedes, anos 1960.



Imagens 3 e 4, ambas, acervo digital de Vanthuy Neto.

As duas imagens acima, retratam a drenagem do igarapé Caxangá: a primeira na rua Professor Diomedes e a segunda na avenida Benjamim Constant, vias essenciais na ligação do bairro São Vicente ao centro de Boa Vista. Na primeira imagem é possível visualizar ao longe um pequeno prédio, trata-se de escola que também leva o nome de Professor Diomedes, ela mostra exatamente o limite urbano da cidade. Essa foto foi tirada da perspectiva do bairro para o centro.

Abrindo aqui um parêntese a partir da fala de dona Francisca acima, e ela mesma, assim como a maioria dos demais moradores do bairro São Vicente, foram protagonistas desses grandes êxodos, consequentes da desigualdade social, dos privilégios dos quais desfrutam as oligarquias de nosso país inclusive no que diz respeito à posse de terras, com isso afirmar que a vida difícil sempre leva as pessoas sair a procura de novas possibilidades a se aventurarem nas incertezas na esperança da vida justa e farta.

Tendo até então permanecido esparsamente habitado, é a partir da década de 1970 que o bairro São Vicente vai passar por um amplo processo de urbanização. Esse

processo se efetiva a partir de duas etapas básicas. A primeira diz respeito a estruturação do bairro através do loteamento que possibilitou a organização de quadras e ruas. A segunda iniciativa foi a construção de um conjunto habitacional (BNH), em 1974, sendo que este era um empreendimento do governo Federal por meio do Ministério do Interior, hoje extinto, acolhido pelo governo do Território Federal de Roraima, que tinha como gestor Fernando Ramos Pereira, em parceria com a prefeitura municipal, administrada na época por Júlio Augusto Magalhães Martins (DIOCESE DE RORAIMA, sd).

Segundo Júlio Martins, esse novo empreendimento atrairia para o bairro novos moradores entre eles, funcionários federais, servidores do território, também militares que chegavam de outras unidades da federação por questões da guarnição das fronteiras e outros ainda com valor aquisitivo que proporcionasse acesso as novas moradias. Com isso o bairro ia ganhando forma, se urbanizando e ganhando vias de acesso que o interligava ao centro da cidade, consolidando assim o seu processo de urbanização. Dona Francisca Rufino também lembra desse período e corrobora com alguns detalhes:

Depois, aos poucos as coisas foram melhorando. O governo construiu essas casas do BNH e aí começou vir mais moradores. Era os funcionários do território e gente que chagava de fora. Isso fez com que o bairro crescesse mais. Abriram mais as ruas, inclusive indo até o centro. Foram colocando bueiros no igarapé para poder fazer essas avenidas, Veio na época o ministro do interior Mario Andreazza para fazer a inauguração desse conjunto. E assim aqui ficamos, aos poucos com muito trabalho, fomos arrumando nossas coisas e nos estabelecendo (RUFINO, anexo E).

A ampliação pela qual passou o bairro São Vicente trouxe novos moradores. O bairro se estendeu muito ao sul, leste e oeste. E assim a igreja de São Vicente perdeu destaque em sua localização, ficando mais isolada e distante da parte mais nova do bairro que se estendeu ao sul, cujos moradores novos não tinham ligação com a história dessa igreja. Com o aumento da população a comunidade religiosa sentiu a necessidade de um espaço mais amplo, centralizado, com capacidade de estruturar melhor o que seria no futuro a nova paróquia. Um espaço que satisfizesse as necessidades religiosas a contento dos missionários e de toda comunidade, assim como as atividades de esporte e

lazer⁹, pois a vida da comunidade São Vicente, sempre esteve muito ligada as atividades esportivas dos moradores. Dona Elda¹⁰ antiga moradora do bairro testemunhou esse processo de mudanças.

Esse movimento de transformação agradou muito aos moradores, tanto os mais antigos assim como aos mais novos, pois era um sinal de crescimento, de prosperidade, pessoas novas chegando, o bairro ia superando seu isolamento, e logo sentimos a necessidade de uma nova Igreja. A igreja para nós católicos é sempre um ponto de unidade, de encontro, é um espaço de convivência. Aquela igreja, parecia já ter cumprido o seu papel, precisávamos agora de um espaço maior, mais amplo, que viesse atender as nossas necessidades de católicos, o que não esperávamos é que fosse mudar de padroeiro. Mas para os moradores mais novos, que passou a ser a maioria, isso não fazia muita diferença, mesmo sabendo que os moradores mais antigos não gostaram muito da ideia (BARBOSA, anexo F).

Dona Elda, não faz parte do grupo dos primeiros moradores do bairro São Vicente, mas nos deixa constatar duas coisas importantes em sua fala: primeiro, a comunidade estava em estado de decadência e estagnação, havia um esfriamento das primeiras motivações que alimentaram os moradores da pequena comunidade na sua organização como grupo social e grupo religioso. Provavelmente isso tenha acontecido em decorrência do esfriamento das atividades do grupo dos vicentinos. Esse bairro, pelo que nos consta, parece ter sido um foco importante para o trabalho dos vicentinos, mas que na década de 1970 haviam cessado suas atividades; a segunda é que ela se faz porta voz do descontentamento por parte dos moradores mais antigos em relação à troca de padroeiro da comunidade, fato que não foi abordado em nenhum aspecto por qualquer outro morador.

Foi exatamente a figura do santo Vicente o elemento primordial na construção da identidade social e religiosas do povo dessa comunidade, naquele momento histórico, como veremos adiante. Os moradores desse pequeno bairro lutaram para construir sua identidade, inclusive se apagando à figura do santo e dele fazendo um elemento de reivindicação para que o bairro tivesse o seu nome, já que a comunidade religiosa já era por ele nominada.

⁹ Ver Anexo B.

¹⁰ Ver Anexo F.

Na verdade, com a escolha do novo espaço para a nova igreja, não era proposta a mudança do padroeiro, e sim um local mais amplo que viesse atender as necessidades da comunidade e que comportasse um templo maior. Mas com essa questão não parece ter havida maiores polêmicas, mas alguns descontentamentos mais isolados, por parte de alguns moradores mais antigo do bairro, até porque o grupo mais novos dos moradores, que não tinha ligações históricas com a primeiro grupo tornou-se maior e mais atuante na comunidade do que estes e como possivelmente fosse da vontade dos padres e das freiras que ai atendiam, isso não contou com muita dificuldade para se tornar real.

Outra coisa importante que vamos notando nas sublinhas das falas dos moradores é o movimento acelerado de povoamento, isso indica que pessoas estão chegando, e isso é determinante para a comunidade de São Vicente. Portanto, veremos como as migrações foram usadas como estratégia por parte dos governos, federal e local, nesse processo de povoamento, que estrategicamente promoveu a ocupação da região a fim de garantir a posse efetiva do território, uma vez que tratava de um espaço fronteiro entre duas nações, no caso, Venezuela e Guiana.

É importante que se diga que se tratando de processos articulados de migrações, a infraestrutura não era a primeira preocupação dos governos, o que levava a maioria das pessoas a viverem em situação de necessidades quase que extremas. Partindo dessa perspectiva, podemos perceber que o processo de ocupação do referido território, no primeiro momento, não tinha como finalidade o desenvolvimento econômico da região, mas tão somente a garantia de posse das fronteiras entre Brasil e Venezuela e Brasil e Guiana.

Voltando à fala de dona Elda, logo percebemos como as necessidades de mudanças sempre refazem as sociedades. Essas se constroem e reconstroem, se reinventam constantemente, contudo, conservando as características da instabilidade, isto é, sempre dispostas a mudar dependendo da época, do local e das disposições exteriores e interiores. Foi, portanto, na necessidade de sobrevivência, no sonho de dias melhores e na busca de um sentido para a vida, que as pessoas das mais diversas regiões do país se aventuraram naquelas terras distantes.

É válido ressaltar que, embora os processos migratórios tragam mudanças radicais na vida cultural e social das pessoas, muitas destas características se conservam, principalmente as de cunho cultural e religioso. Aqui podemos destacar o aspecto da religiosidade, manifestado principalmente, na relação com o sagrado. É, portanto, através desta relação com o sagrado que os indivíduos vão se firmando e ao mesmo tempo adquirindo elementos para a construção de uma nova identidade coletiva e individual indispensáveis para a organização social no novo espaço.

A experiência com o sagrado proporciona uma concepção do espaço para além das características geográficas, pois é a partir desta experiência que os indivíduos elegem um ponto central no território habitado, como lugar da relação com o Divino, legitimando assim, a ocupação do território. Esse lugar torna-se significativo porque adquire posição de centralidade e status de sagrado, para o qual tudo converge justificando a escolha do território habitado. É, portanto, o espaço sagrado, eleito pelos indivíduos o lugar central para das manifestações e para as experiências religiosas de todos e de cada um, caracterizando-se assim, como o lugar especial, lugar de sobrevivência, de convivência e das relações. Estas sendo somente possíveis devido as experiências culturais e religiosas anteriores que se conservam nos indivíduos, possibilitando essa reconstrução da identidade cultural e religiosa.

Mircea Eliade (1992) nos ajuda a entender essa concepção religiosa do espaço que supera a concepção físico/geográfica assumindo qualidade de sagrado, ganhando posição de centralidade territorial e cosmológica quando explica a o ritual do poste da tribo dos achilpa.

Instalar-se num território equivale, em última instância, a consagrá-lo: Quando a instalação já não é provisória, como nos nômades, mas permanente, como é o caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade. “Situá-lo” num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”. Ora, esse “Universo” é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses (ELIADE, 1992: 23).

Seguindo essa lógica de Eliade, podemos dizer que no Bairro São Vicente, em Boa Vista, as pessoas tomaram essa decisão vital. Comprometeram todos os seus projetos de vida futura, condicionados às novas perspectivas de vida, como afirmou acima Francisca Rufino “E assim aqui ficamos, aos poucos fomos com o nosso trabalho, arrumando nossas coisas e criando nossos filhos”. Isto é, as pessoas que lá chegaram e ficaram, assumiram aquele lugar e fizeram dele o seu lugar, enfrentaram suas dificuldades e lutaram pela melhoria de suas vidas.

Assumindo esse território, os moradores do bairro São Vicente, condicionam a ele as suas esperanças de vida, de modo que todos os esforços e os laços de convivência agora estão comprometidos com este novo empreendimento, pois habitá-lo significa assumi-lo, desenvolve-lo, comprometendo-se com ele em todos os seus aspectos desde o geográfico estrutural como nos aspectos culturais, de modo particular o aspecto religioso.

O bairro São Vicente consolidou sua história e seu destino e continua construindo-se no decorrer das décadas. Hoje se apresenta primordialmente como um bairro residencial, de vizinhança tranquila e próxima, que conserva bem suas características de outrora. Povo hospitaleiro, onde os laços de proximidade são cultivados, principalmente na convivência da comunidade religiosa, onde se mantém habitualmente os encontros semanais na celebração das missas e em várias outras atividades devocionais, caritativas e sociais – obviamente que diferentemente dos anos 1960 e 1970. Hoje, constata-se a presença de várias igrejas cristãs com as mais variadas denominações, assim como terreiros de Umbanda e Candomblé. O que enfatizamos aqui é a continuidade da comunidade católica com todo seu fervor e dinamicidade que continua alimentado a fé e a esperança do povo daquela comunidade.

O Bairro São Vicente, segundo o censo demográfico de 2010, conta com o total populacional de 6.222 habitantes, com 2.074 residências conforme as estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em Roraima (IBGE/RR)¹¹. Ainda conserva boa parte de seus imóveis como residências fixas de família que estão lá há décadas. Também oferece bastante imóveis de aluguel – um dos fatores que constata que a mobilidade populacional ainda é uma das características bastante forte em Boa

¹¹ Dados coletados diretamente na agência do IBGE/RR, localizado na Avenida Getúlio Vargas, 5795, Centro. Boa Vista, no dia 17 de setembro de 2014. Ver planilha IBGE, Anexo H.

Vista – mas, também é notável o aumento inevitável de comércios: inúmeras lojas que vão se instalando ao longo das avenidas de maior movimento.

Lá encontra-se também algumas estruturas importantes da capital, Boa Vista. O teatro municipal, mesmo em processo de finalização de sua construção, apresentando estilo arquitetônico arrojado e moderno, uma escola estadual, creches públicas e particulares, um posto médico, um mercado público, a cadeia pública além disso, outras estruturas comerciais importantes: postos de combustíveis, supermercados, lojas, restaurantes, pousadas, hotéis, e além disso, e também com certo respaldo estético, encontramos a Igreja Nossa Senhora Consolata que sedia a segunda maior paróquia de Boa Vista.

A seguir veremos como esse quase inabitado território – não nos referimos somente ao bairro São Vicente mas também ao então Território Federal, hoje estado de Roraima, como sua capital Boa Vista – com extensão territorial de 224.300,506 km², apresentando densidade demográfica média de apenas 2,01 habitante por quilômetros quadrado, passou de um pouco mais 28.300 habitantes em 1960 para 450.479 em 2010 com estimativa de 496.936 habitantes em 2014¹². Somente extensos processos migratórios podem justificar esse aceleração ocupacional desse território, e nesse caso incentivados pelos governantes locais, com duas motivações básicas: a primeira a promessa de terra fácil para a agricultura e a segunda as largas descobertas de garimpos de ouro e diamante que se alastraram principalmente em terras indígenas.

1.1. O povoamento da região da bacia do Rio Branco e os principais processos migratórios em Roraima entre as décadas de 1970 e 1980.

Roraima, de um modo geral, sempre contou com os processos migratórios como principal elemento de povoamento em todo o seu território. Muitos foram os fatores que motivaram tais migrações. Mesmo que essa abordagem não seja o elemento principal da nossa investigação, é impossível não fazê-la, pois ao contrário deixaríamos sem chão o que posteriormente queremos apresentar. Como já frisado anteriormente, se faz necessário conduzir, por enquanto, o nosso estudo por essas etapas da história, não

¹² Idem.

somente para situar historicamente nosso objeto, mas para colocá-lo como parte destacada dentro de um processo, pois é aí que o bairro São Vicente e a igreja Nossa Senhora Consolata se esboçam e ganham os seus contornos.

São Vicente, é parte de um todo, que é Boa Vista, que é Roraima, portanto precisamos mergulhar nesses processos de mudanças e transformações para melhor entender a cultura e a religiosidades da comunidade a qual investigamos, mesmo sendo nossa finalidade tão somente explicar o processo de constituição do espaço sagrado da Igreja Nossa Senhora Consolata, sua iconografia e suas formas geométricas, a sua importância na vida dos moradores do bairro e o seu significado na vida dos católicos, que pelo motivo da troca do padroeiro ressignificaram sua experiência religiosa, a partir da santa trazida de Turim¹³ pelos missionários que ali atendiam.

Portanto, é impossível para nós não estabelecer uma relação estreita entre o objeto em estudo, isto é, a Igreja Nossa Senhora Consolata e a história do bairro onde se localiza e este por sua vez, com os processos migratórios que se sucederam de forma múltipla nas últimas décadas do século XX, em todo esse território.

Esses processos migratórios reconfiguraram o espaço urbano de Boa Vista, porém, queremos ir até aos processos anteriores que contavam com motivações diferentes para a ocupação da região diferentemente desses que se intensificaram a partir de 1980. Esses processos, a princípio, foram a forma encontrada na época, de garantir a posse da região, eram na verdade tentativas de ocupação a fim de evitar as possíveis invasões das fronteiras. Essas ações estavam ligadas mais diretamente ao governo central brasileiro, isto é, o interesse era estrategicamente ocupacional e não econômico e isso talvez justifique o porquê da ocupação definitiva desse território tão tardiamente em relação aos demais estados brasileiros, já que não havia projetos que desenvolvesse economicamente a região.

Em Roraima, de modo geral, os aglomerados humanos não indígenas, se constituíram em decorrência desses processos de migração, que foram motivados pelos vários fatores, como já vimos. Entre esses motivos o que mais se demonstrou consistente foi a distribuição de terras para a agricultura, levando a formação várias colônias

¹³ A devoção a Nossa Senhora da Consolata, foi trazida para Boa Vista pelo Instituto Missões Consolata, oriundos de Turim, Itália.

agrícolas, em várias partes do território roraimense no centro dos quais se formaram vilas, muitas dessas posteriormente foram transformadas sedes dos municípios existentes no interior do estado.

As primeiras tentativas de povoamento, no alto Rio Branco antes da instalação das fazendas foram com os índios, os chamados aldeamento, mas esses fracassaram devido as diferenças culturais e com isso a dificuldade de se adaptarem ao sistema de trabalho e o ritmo dos brancos colonizadores. Posteriormente, pelos meados do século XVII, a criação de fazendas foi outro meio encontrado para o povoamento da região, (IBGE; 2005: 9-10) e os aglomerados seguintes se deram principalmente nos projetos de assentamentos agrícolas que se intensificaram a partir do final da década de 1970, se estendendo pelas décadas seguintes.

Todo o território que compõe o Estado de Roraima, sempre contou com a expressiva população indígena de diversas etnias (Macuxi, Wapixana, Maiongong, Taurepang, Wai-wai, Ingaricó, Yanomami, Waimiri-atroari, entre outras), mas como em todo Brasil, esses povos pouco não se enquadraram nos sistemas de colonização com regimes de mão de obra tão desumanos e destonantes de suas culturas. Em Roraima também não foi diferente. Desde o século XVII, a chamada civilização branca foi marcando sua presença por lá, a fim de garantir territorialidade na parte fronteira da chamada Amazônia Setentrional, mas tiveram que contar com outros meios para o povoamento com característica urbana, pois nesse caso, em Roraima, também o aldeamento dos índios não obteve sucesso.

Como medida de desenvolvimento econômico e de ocupação física da região em 1830, foi fundada a primeira fazenda particular de gado denominada Boa Vista, que mais tarde deu origem à Freguesia de Nossa Senhora do Carmo e em 1890 tornou-se município de Boa Vista (IBGE, 2005). Boa Vista era uma das fazendas de gado situadas ao longo dos rios que compõem a bacia do rio Branco pertencente à jurisdição da extinta vila de "São José da Barra do Rio Negro", atual Manaus.

Graças à imensidão de seus campos naturais, onde bonitos buritizais serpenteiam nos diversos cursos d'água, que resistem, vigorosamente, aos períodos de verão, Roraima sempre foi um convite à pecuária. Face a esta particularidade, Inácio de Magalhães aqui fundou, em

1830 a primeira fazenda particular de gado bovino, denominada Boa Vista, [...]. Deve-se, portanto, a esse cearense, a designação de Boa Vista e, ao mesmo tempo, a criação da primeira fazenda particular, de vez que já existiam as três fazendas do rei: São Marcos, São Bento e São José (MAGALHÃES, 1997: 59).

Essas fazendas foram, aos poucos, dando origem a esse pequeno povoamento que foi elevado à categoria paroquial de freguesia¹⁴ de Nossa Senhora do Carmo do Rio Branco em 1858, ligada à Província Eclesiástica do Amazonas. Esta freguesia foi elevada à categoria de vila, sede de um novo município denominado Boa Vista do Rio Branco, em 9 de julho de 1890.

Pela Lei nº 92 de 6 de Novembro de 1858, o Presidente da Província Francisco José Furtado criou a freguesia de Nossa Senhora do Carmo, acima das cachoeiras do rio Branco, no lugar denominado de Boa Vista, sem, no entanto, estabelecer os limites dessa freguesia. Estes só foram fixados pelo Decreto nº 132 de 9 de julho de 1865 [...]. Por este decreto, a nova freguesia foi desmembrada de Moura. Dos limites da freguesia de Moura foram levados até abaixo das cachoeiras do rio Branco e os da freguesia de Nossa Senhora do Carmo, desse ponto em diante até a cordilheira da Fronteira (FREITAS, 2001: 130).

Posteriormente os municípios acima citados, isto é, Boa Vista e Moura, tiveram seus territórios somados e posteriormente desmembrados da Província do Amazonas e juntos constituíram-se como Território Federal do Rio Branco em 1943. Conseqüentemente, a vila de Boa Vista que ficou centralmente localizada foi elevada à categoria de capital do novo Território. O então Território Federal do Rio Branco tornara-se homônimo da capital do então Território do Acre, e isso causava inúmeros equívocos postais, motivo pelo qual o território Federal do Rio Branco passou a ser chamado de Território federal de Roraima, em 1962. Com a Constituição de 1988, os Territórios Federais foram extintos e Roraima foi elevado à categoria de Estado, consolidando assim Boa Vista como sua capital (DINIZ; SANTOS, 2013).

Com os vários processos de povoamento pelos quais passou, Boa Vista vai de sede de fazenda à capital do estado de Roraima e por consequência disso se tornou o seu

¹⁴ Termo que determina pequeno povoamento caracterizado pela aglomeração de pessoas em função de uma prática religiosa ligada ao catolicismo.

principal e mais populoso município, concentrando cerca de 63,25% de toda população do Estado, atualmente (FERREIRA, 2012). Uma de suas particularidades geograficamente relevante é que é a única capital brasileira localizada totalmente a cima da linha do Equador, isto é, todo seu território está localizado no hemisfério Norte.

1.1.1. Processo inicial de ocupação da Bacia do Rio Branco: as Fazendas Reais.

No início do século XVII, os holandeses, os ingleses e os espanhóis interessados na região subiram a bacia do Rio Branco, mas logo, em 1639, os portugueses tomaram definitivamente a posse dessa área (BARROS, 1995: 45).

Mesmo definida a posse da região, alguns fatores dificultavam o seu povoamento de modo mais efetivo, entre essas dificuldades estava a ausência de produtos comercializáveis comuns na bacia do Rio Amazonas, fator que desmotivava a subida ao Rio Branco, pois o custo saia muito alto nessas expedições. O que posteriormente vai atrair maior número de habitantes são pequenos grupos de migrantes com as descobertas de jazidas de ouro e diamantes, mas somente já partir da década de 1920. Outro fator que dificultava o acesso ao alto Rio Branco é que esse apresenta uma espessa formação de corredeiras ainda distante 130 km de Boa Vista hoje capital do estado, uma distância de equivalência a 330 km aquém da fronteira com a Venezuela, deixando assim impossível o tráfego por via fluvial (BARROS, 1995: 45).

Somente a partir do final do século XVIII, a fim de garantir o povoamento da região, que o governo português vai iniciar o processo de implantação das Fazendas Reais, foram elas: São Marcos, São Bento e São José. A primeira mantém ainda hoje boa parte da estrutura de sua sede, casa e capela, pertencente aos índios de área demarcada que leva o mesmo nome da fazenda. Na verdade essas fazendas representaram muito mais o esforço de assegurar a ocupação desse território do que o desenvolvimento econômico da região. Pois isso não colocaria a região da bacia do Rio Branco em destaque na produção pecuária brasileira, nem mesmo na região norte.

Esta foi tradicionalmente uma atividade de regiões economicamente marginais, com dificuldade de acesso a mercados, pois possibilitava o suprimento interno e, assim sendo, a relativa independência de que necessitam regiões isoladas. Esta linha explicativa bem se aplica ao início da pecuária em Roraima em fins do século XVIII: além de uma extração de lucratividade duvidosa, eram os campos que imediatamente se ofereciam à vista, e para eles os cronistas voltavam-se com insistência, realçando sua potencialidade para a criação de gado [...]. A pecuária não foi ainda uma atividade empreendida por colonos civis. Ao contrário, sua implementação foi uma iniciativa oficial, visando justamente integrar a região do rio Branco ao mercado interno colonial (FARAGE; SANTILLI, 2014:????????).

Mesmo sendo, essas fazendas, posteriormente, um impulso ao pequeno povoado de Boa Vista, elas não se configuraram como grande elemento de atração para a vinda de novos moradores. Esse processo de povoamento sempre foi lento até meados do século XX. A esse respeito, BARROS (1995) nos oferece os seguintes dados quantitativos sobre a povoação da Bacia do Rio Branco, depois Território Federal e agora estado de Roraima:

Em 1883 seriam 384 pessoas não índias [...]. Em 1887 seriam cerca de 1.000 indivíduos em Roraima, e Boa Vista apresentava 27 casas [...]. Em 1889, com a instalação da república no Brasil, a Freguesia Nossa Senhora do Carmo pertencente à Província do Amazonas passa a ser Município de Boa Vista pertencente ao Estado do Amazonas [...]. Em 1917, Boa Vista e suas cercanias mais próximas teriam 5.000 habitantes, e mais três ou quatro mil pessoas dispersas pelas fazendas e postos de coletas ao longo do Rio Branco; isso em população não índia [...]. Essa Cifra não está longe da oferecida pelo censo demográfico de 1920, de 7,5 mil pessoas. O censo demográfico mostrava uma população de 7.424 vivendo em Roraima. (BARROS, 1995: 51-52)

Isso deixa bastante evidente que a população “branca” de Roraima teve como principal meio de sua formação as migrações, hora mais, hora menos acentuadas, dependendo do fator de atração. Sempre houve o esforço por parte do governo brasileiro de atrair para Roraima um contingente populacional satisfatório, a fim de garantir a ocupação definitiva da região limítrofe mais extrema do Norte do País. E os principais fatores sempre foram a falta de incentivo econômico, como o isolamento em que ainda se encontrava a região.

1.1.2. As migrações como consequência dos garimpos e dos projetos de assentamentos agrícolas

Como parte de um todo, o bairro São Vicente é uma pequena porção da cidade de Boa Vista, localizado na parte sul, na sua região central. Como toda a capital assim como todo o Estado, o bairro São Vicente compôs sua população, na grande maioria, com migrantes que vieram das várias regiões do Brasil, principalmente do Nordeste.

As migrações obedeciam às levas de imigrantes determinadas por Estado: houve a época dos paraibanos [...]; época dos piauienses, época dos cearenses; épocas dos riograndenses do norte; épocas dos pernambucanos; mas sem dúvida, foram os maranhenses os que para cá vieram em maior número [...] (FREITAS, 2001: 123).

Atualmente Roraima continua sendo o estado menos populoso do Brasil com 469.524 habitantes, segundo IBGE. Sendo que desses, 63,25% da população se concentra em Boa Vista¹⁵, isso se dar devido a isolamento físico em que Roraima sempre se encontrou. Sua capital é uma cidade de médio porte, tendo em volta pequenos municípios, onde os três mais próximos se encontram a cerca de 30, 50 e 90 km de distância, consecutivamente, Cantá, Mucajaí e Iracema, sendo que a cidade grande mais próxima é Manaus, capital do Amazonas, há 800 km.

No regime militar, que durou de 1964 a 1985, foi criado o Ministério de Planejamento e Coordenação Geral, e esse criou o Plano Nacional de Desenvolvimento – PND, com a filosofia de ocupar, desenvolver e integrar as fronteiras com homens que viriam de várias regiões do Brasil, a fim de executar projetos de ocupação e futuramente integrar à federação Brasileira (FREITAS, 2001:39).

Segundo Diniz e Santos (2013), o círculo da borracha trouxe muitos nordestinos para a região amazônica, mas com a sua decadência ainda da primeira pra segunda década do século XX, muitos desses nordestinos abandonaram os seringais e voltaram às suas terras. Contudo a região amazônica continua esparsamente povoada outros fatores deverão surgir para fomentar a sua povoação.

¹⁵ Dados coletados diretamente na agencia do IBGE/RR, conforme nota 13.

Em Roraima os múltiplos processos de ocupação espacial se deram nas últimas décadas desse século passado. Estes foram fomentados pelo governo local a partir da propaganda de terra fácil, porém o fator que mais acentuou a entrada de migrantes, principalmente na década de 1980 e 1990 foi a descoberta de várias minas de ouro e diamante que se espalharam pelo norte do estado, principalmente nas terras indígenas. Dessa forma, a mineração torna-se a principal atividade econômica, atraindo para lá milhares de pessoas (IBGE, 2005: 21-22).

Em 1940, a população mal ultrapassava os 10.500 habitantes, já em 1950 o censo contabiliza um aumento de 80% em relação a década anterior somando um total de 18.116 indivíduos chegando a 28.304 em 1960. Contudo, a criação do Território fomentou outras tentativas de manter lá os garimpeiros e suas famílias, assim como manter o movimento de migração para lá e garantir a ocupação de modo mais efetivo da região. Para isso inúmeros projetos de assentamento foram implantados criando assim, várias colônias agrícolas atraindo famílias inteiras das várias regiões brasileiras, principalmente das regiões mais sofridas e exploradas do Nordeste alcançando um total de 40.885 habitantes em 1970 (DINIZ; SANTOS, 2013: 2).

A pesar de todas as propagandas que os governos faziam atraindo para lá milhares de pessoas, Roraima permanecia inacessível, sem estradas, e a única via de acesso a Manaus era o rio Branco, mas que tinha (tem) o seu limite navegável nas corredeiras do Bem-querer, no município de Caracaráí, a 140 km de Boa Vista. Esse problema encontrou solução quando em 1976 concluiu-se a abertura da estrada de rodagem, a BR 174, ligando Manaus a Boa Vista, depois estendida até a Venezuela e concluída em 1998. É bom frisar que essa referida estrada permaneceu sem asfalto até o ano de 1998, isso significa que o tráfego entre Boa Vista e Manaus continuou acontecer de forma muito precária. Situação muito mais agravante no período chuvoso, que vai de maio a outubro a cada ano.

. A construção dessas estradas marca o início de uma nova era de ocupação na região, pois além de garantir uma ligação durante todas as estações do ano, permitiu que vastas áreas fossem exploradas em diversos projetos de colonização. Isso leva a população de Roraima basicamente a duplicar-se em 1980, chegando a 79.159 habitantes (DINIZ; SANTOS, 2013: 3).

Esse intenso processo de crescimento populacional tem como consequência direta o crescimento desordenado da Cidade de Boa Vista que vai passar por profundas reconfigurações espaciais. A maioria dos que lá chegavam fizeram da capital seu ponto de apoio e referência, pois, era Boa Vista o município que melhor apresentava estruturas básicas educação, assistência médica, moradia e mesmo como ponto de chegada e de saída dos aventureiros. Todo esse intenso crescimento populacional Roraima passa nessas décadas, bem como as mudanças de cunho político-administrativo e a crescente complexidade da rede urbana é consequência desses vários movimentos migratórios.

A intensificação desses fluxos estaria associada ao *boom* do garimpo, desencadeado pela descoberta de ouro e diamantes em sua porção setentrional em meados da década de 1980. Como revelado anteriormente, o número de indivíduos envolvidos diretamente no garimpo é estimado em mais de 40.000, sem contar aqueles engajados em atividades de apoio, como pilotos, cozinheiros, motoristas, etc. (DINIZ; SANTOS, 2013: 5).

Com os processos migratórios para Boa Vista intensificados a partir do final da década 1970, o bairro São Vicente passou por um processo de ampliação e transformação a partir de então. Tal ampliação deu-se em virtude dos intensos fluxos migratórios que a cidade de Boa Vista passava. Foi, portanto, devido a esse processo de ampliação que os missionários conjuntamente com a prefeitura resolveram lotear as terras da antiga fazenda do Calungá, ampliando o bairro São Vicente.

Como já vimos, Roraima sempre contou com os fluxos migratórios como fator de crescimento populacional, com maior evidencia na capital Boa Vista. Esses se tornaram mais intensos e rápidos na década de 1970, acentuando o crescimento populacional desordenado que foram forçando a cidade a se expandir.

O Bairro São Vicente, se organizou a tempo. Até o final da década 1970, as migrações eram tímidas em relação aos anos que sucederam. A larga ampliação pela qual passou esse bairro, contou com um loteamento que favoreceu a sua organização antes de ser ocupado. Porém, nas décadas posteriores, esses processos de ocupação da cidade de Boa Vista, não obedeceram ao sistema organizado de urbanização. As invasões em torno da cidade passaram a ser muito frequentes devido ao grande número de migrantes que chegavam todos os dias.

1.2. O surgimento da comunidade religiosa no bairro São Vicente: A comunidade São Vicente de Paulo.

O homem em todas as suas experiências de vida, em suas relações humanas, vai criando e delimitando o seu espaço, de modo que esse espaço se constitui como elemento vital para sua existência. É uma extensão que lhe impõe limites e lhe confere poderes. Assim o espaço conquistado/criado pelo homem, torna-se o lugar do encontro e das possibilidades, onde as coisas acontecem e, aí se faz as mais variadas experiências. É onde ele manifesta o seu ser: sonha, planeja e busca suas realizações dos mais incontidos desejos e se lança para o futuro.

É nessa busca constante, na necessidade de realização e de vida abundante, que o bairro São Vicente, assim como todo o estado de Roraima, tornou-se um lugar de acolhida de tantos homens e mulheres que para lá acorreram em busca de vida digna e fartura, um pedaço de terra para plantar e/ou simplesmente um chão onde pudessem construir uma casa para morar. Esse povo que aí chegava, vindo principalmente das regiões mais oprimidas do Nordeste, marcados por longos e contínuos períodos de seca, fugindo do sofrimento da escassez de água e alimento, sobrevivendo às situações limites de pobreza, trazia consigo seus sonhos, suas histórias, suas crenças a cima de tudo, suas lembranças e experiências que faziam com que, lá chegando, isso servisse de seiva para que suas raízes novamente encontrassem alentos para se estabilizarem. Obviamente que nessa saga muitos se aventuravam no sonho do ouro, a procura por garimpo movia muitos homens a essas terras, muitos desses com a mesma facilidade que chegavam, partiam, mas outros traziam consigo só mesmo a esperança, e sem ter outra alternativa por aqui se estabeleceram.

Os sonhos e esperanças que moveu esse povo ao extremo norte do país eram alimentados a cima de tudo pela fé partindo disso observa-se que a história do bairro São Vicente, está relacionada diretamente com a sensibilidade religiosa do povo, que aí chegou a passou a viver, principalmente, pelos meados do século passado, a maioria dos vários cantos do Brasil, principalmente da região Nordeste e outros das aldeias

indígenas próximas. Alguns poucos desses moradores ainda vivem por lá e contam suas histórias.

Na verdade, não se sabe ao certo o início do povoamento bairro São Vicente. Possivelmente os primeiros moradores tenham surgido aí no início da década de 1950, de forma lenta e espontânea e que levava o nome de “Redenção”. Como território eclesial, estava ligado à paróquia da Igreja Matriz de Boa Vista Nossa Senhora do Carmo, permanecendo assim até o final do ano de 1978¹⁶.

Ainda nos meados dos anos 1950, os missionários da Consolata, única congregação presente na Diocese na época – Instituto Religioso oriundo de Turim, Itália presente em Roraima desde o ano de 1948, sempre tiveram uma grande importância na formação do povo roraimense. Esses, iniciaram os trabalhos religiosos nessa comunidade por meio do grupo dos vicentinos, esses eram grupos de leigos que se organizavam por meio de uma instituição religiosa chamada Conferências Vicentinas. Essa que tinha Vicente de Paulo como patrono inspirador, com toda sua vida de dedicação aos pobres, também inspirava os moradores do bairro nas práticas religiosas em torno do testemunho dele. O grupo de vicentinos estava ligado diretamente à Igreja Matriz de Boa Vista e prestava serviço religioso nesse bairro, e com isso começaram a dar característica de grupo religioso aos seus habitantes que posteriormente adotou também o santo dos vicentinos como padroeiro da comunidade.

No dia 04 de maio de 1952 chegou em Boa Vista o italiano, missionário da Consolata, Pe. Jose Montecone, para ser o novo vigário da igreja Nossa Senhora do Carmo, matriz de Boa Vista. Logo em seguida ele cria a primeira Conferência Vicentina¹⁷ na então Prelazia, a fim de desenvolver um trabalho de atendimento aos pobres e desamparados da cidade, assim como o serviço de evangelização de modo geral. Essa conferência tinha como sua sede a Igreja Matriz, mas tinha também como destinatários de seus serviços os pobres suburbanos de Redenção (futuro bairro São Vicente), Calungá e Caxangá bairros localizados ao lado sul do centro de Boa Vista. (DIOCESE DE RORAIMA, s/d). É a partir desse trabalho dos Vicentinos que os

¹⁶ Conforme provisão Canônica da Diocese de Roraima do dia 31 de dezembro de 1979.

¹⁷ Essa Conferência recebeu como patrono São José. Ela foi extinta anos depois, mas não se sabe ao certo a data, pois sobre ela só encontramos referências, mas sabemos que ela ajudou a fundar anos seguintes outras duas Conferências: a de São Sebastião em 1962 e a de São Pedro em 1964.

moradores de Redenção conhecem a história do santo e alimentam o desejo de tê-lo como referência religiosa e padroeiro do bairro.

No ano de 1954¹⁸, a Prefeitura Municipal de Boa Vista, em parceria com a Prelazia de Roraima, doou um terreno nos limites do bairro Redenção a fim de construir uma “Vila Vicentina”¹⁹, a fim de que o trabalho de assistências aos necessitados fosse melhor estruturado – pelo que nos consta, esse projeto não passou de intenção, pois não encontramos nada que documentasse ou pelo menos evidenciasse a existência dessa vila.

Segundo Freitas (2001), citando o monge D. Vicente de Oliveira Ribeiro, também médico, essa região que hoje compõe o bairro São Vicente e adjacências, compunha uma fazenda de propriedade da Prelazia onde servia como espaço de aprendizado para os índios, “os índios aprendem os trabalhos do campo, a ler e a escrever. Moram em nossa fazenda no Calungá, distante uns 15 minutos a pé da cidade, na antiga residência dos padres”. Na verdade, era toda essa vastidão ao sul que assentou posteriormente outros bairros e áreas militar, a áreas que fora destinado à construção da sede dos vicentinos era o limite entre a cidade e o lavrado.

A fazenda Calungá a que o Monge se refere, trata-se de uma fazenda pertencente a igreja que tinha sede no Calungá, próximo a ponte dos Macuxi e onde hoje está erguida a casa Paulo VI. As terras dessa fazenda abrangiam os bairros de São Vicente, 13 de Setembro, Área Militar, todo o Distrito Industrial, EMBRAPA, Cidade Nova etc. (FREITAS, 2001: 132).

No final do ano de 1958, Pe. José Montecone é transferido da Paróquia de Boa Vista e para substituí-lo chegou Pe. Antônio Curti, missionário do mesmo instituto religioso. Consequentemente esse se torna responsável direto dessa área, onde a comunidade religiosa já se auto nominava de comunidade São Vicente de Paulo, mas sem qualquer estrutura onde pudessem realizar seus cultos ou reuniões. É então quando

¹⁸ Ver anexo I.

¹⁹ As vilas vicentinas são espaços construídos para atender idosos, crianças de rua e outros tipos de indigentes. As vezes são compostos de asilos, casas pra menores, escolas e capelas. Na verdade, esse projeto não passou de um sonho. A Conferência Vicentina, se extinguiu na cidade antes da década de 1970. Segundo atas encontradas, chegaram a ser três grupos, em paróquias diferentes, não conseguiram levar a frente esse projeto.

padre resolve motivar a comunidade para construir uma igreja no bairro (DIOCESE DE RORAIMA; s/d.).

Consta que no dia 24 de julho de 1960, as 16 horas 30 minutos, saiu da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, solene procissão em honra a São Vicente de Paulo, com destino ao terreno onde seria construída a Igreja de São Vicente²⁰. A senhora Dona Cleonice, dotada de perfeita lucidez, nos autos de seus 85 anos, corrobora com essa informação, inclusive afirma que participou desse evento religioso e nesse exato dia, foi lançado a pedra fundamental da Igrejinha de São Vicente de Paulo.

Eu me lembro como se fosse hoje, no ano de 1960, só não lembro o exato dia, talvez tenha sido no dia do santo, quando saímos da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, a tardezinha, em direção ao local que seria construída a Igreja de São Vicente de Paulo em procissão com a imagem do santo, pela Benjamin Constant, que depois do Igarapé era só estradinha. Quando lá chegamos, o Pe. Antônio Curti, vigário da época, disse umas palavras e depois colocou a pedra fundamental para a construção da Igreja. Digo isso para que o senhor não tenha dúvida do que lhe conto. Conheço esse bairro desde quando ele ainda era só mato, com certeza há muitas coisas já esquecidas mas, há muitas das quais me lembro com muita clareza, como essa procissão (VASCONCELOS, anexo C).

Mesmo morando próximo a igreja Matriz, a lá participando, dona Cleonice também participava das atividades que envolviam essa comunidade, inclusive das atividades promovidas pelos vicentinos, mesmo reconhecendo que muitas coisas ficaram esquecidas, mas lembra que o então bairro redenção era uma região especial para as atividades missionárias da igreja Matriz.

Se referindo a essa mesma época o senhor Vandir de Souza, nos diz que participou de todo esse movimento religioso quando jovem, e o que a tal Vila Vicentina não chegou a ser construída, pois faltava dinheiro para isso. O que concretamente foi feito, com muito esforço de alguns moradores, em forma de mutirão, em finais de semana, foi construção da igreja, elemento importante que influenciou na posterior troca

²⁰ Ver anexo O, a programação da referida festividade. Esse documento nos oferece precisamente a data desse acontecimento comemorativo, no caso, dia 23 de julho de 1960, com procissão saindo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, às 16 horas e 30 minutos, até o local onde seria construída a Igreja de São Vicente. Nesse escrito não fala da igreja de São Vicente e sim da Vila Vicentina. Mas segundo a fala de Cleonice que segue no texto, a festividade e o local é o mesmo. Até porque a referida vila não foi construída, mas tão somente a Igreja.

oficialmente do nome do bairro, como reivindicação dos moradores que já haviam a muito tempo renomeando o bairro.

Foi mais ou menos em 55 a 58, que comecei a frequentar o bairro redenção, eu já era rapazinho. Já tinha a presença dos padres e das irmãs que davam aulas de catecismo, a gente se reunia em baixo de um pé de cajueiro, e tinha também o grupo dos Vicentinos, que fazia trabalho de caridade. Foi por causas desses vicentinos e das histórias do santo São Vicente que eles nos contavam, que era homem bom, caridoso, que fazia bem aos pobres e necessitados, é que nós desejávamos mudar o nome do bairro para o nome do santo. A prefeitura não reconhecia. Com o passar do tempo foi aparecendo muita diversão por aqui, tinha muitos jovens. Então resolvemos criar um clube de futebol, e para fortalecer mais a nossa luta para mudar o nome do bairro “batizamos” nosso clube de São Vicente Esporte Clube. Ai pronto, o nome se popularizou porque a rapaziada vinha aqui jogar futebol e quando se fala em esporte só se conhecia o São Vicente (SOUZA, anexo B).

Pela descrição do senhor Vandir de Souza, vamos constatando como o povo sempre encontra um jeito para superar os empecilhos que se formam em sua caminhada. Na paciência, vai criando elementos de conquistas conforme sua visão de mundo, e vai criando suas formas próprias de superação e organização. Há uma identificação clara desse povo com a vida do santo Vicente de Paulo, talvez pelas carências da época, o sonho de maior igualdade, a superação das dificuldades cotidianas, o desconforto do isolamento e a própria necessidade de identificação como grupo social. Essas carências fazem com que vejam na solidariedade praticada pelo grupo religioso, uma esperança e uma forma concreta de superação e de organização. Afinal o povo que lá chegava, trazia consigo o sonho de vida farta, coisa que não passaria de uma ilusão, se não fosse a esperança alimentada pela crença praticada por aquela comunidade. E Continua o senhor Vandir de Souza:

Então nos reuníamos aqui bem próximo onde hoje é a igreja. Só tinha um pé de caju. Com a criação do Clube de esporte, começamos a fazer muitas festas, aí começou as bebedeiras entre os jovens. O padre e as irmãs logo se preocuparam com essa situação. Então logo criamos o

grupo de jovens, que também passou a chamar Grupo de Jovens São Vicente, que passou a contar como mais um elemento no processo de reivindicação da mudança do nome do bairro. Mas foi somente no ano de 1962, lembro o ano porque foi o ano da copa do Chile, que o senhor José Ribeiro, presidente do clube, reuni o grupo de jovens, e nos convidou a construir a igreja de São Vicente. Essa já era vontade do padre e das irmãs, mas alegavam falta de dinheiro para isso (SOUZA, anexo B).

Na fala do senhor Vandir, acima, um elemento importante que vale a pena a nossa observação, e a sua noção de igreja, a partir da primeira experiência comunitária que se deu em baixo do cajueiro. Por três vezes isso é mencionado em sua entrevista. Essa visão de Igreja é interessante porque vai para além do templo e da estrutura institucionalizada, mas a igreja que surge a partir da necessidade de organização, das reivindicações dos interesses comuns. Uma organização espontânea, que não se prende as estruturas mas na própria necessidade do grupo, e não importa onde ela aconteça, ela está onde está o povo com seus sonhos e esperanças: “Esse cajueiro era a sede do nosso clube, era nossa igreja, enfim, era a nossa outra casa, nos reuníamos aí sempre que queríamos discutir qualquer assunto a respeito da vida da comunidade [...]”.

Não se sabe qual foi a motivação para que essa porção da cidade de Boa Vista inicialmente se chamasse “Redenção”. O senhor Vandir nos diz que esse nome não dizia nada para eles moradores, mesmo que soubesse que esse nome tivesse, de alguma forma, ligado à religião. Segundo ele, nada justificava esse nome e que por meio das práticas de assistência aos necessitados aprenderam com os vicentinos coisas que são importantes para a fé e para a vida. E construir uma igreja e dedicar a São Vicente de Paulo seria a ação mais acertada para a vida daquela comunidade.

Lembro que no dia 17 de junho, final da copa de 1962 do Chile, nos reunimos, em baixo do tal cajueiro. Esse cajueiro era a sede do nosso clube, era nossa igreja, enfim, era a nossa outra casa, nos reuníamos aí sempre que queríamos discutir qualquer assunto a respeito da vida da comunidade, para fazer o planejamento de como íamos fazer a tal construção. Levamos nosso rádio de pilha para depois da reunião, ouvir juntos a razão do jogo – e deu sorte, São Vicente ajudou, o Brasil foi campeão – onde discutimos muito de como íamos proceder

para tal construção, pois ninguém dispunha de dinheiro (SOUZA, anexo B).

As imagens a baixo retratam dois estágios distintos do pequeno prédio da Igrejinha de São Vicente: na primeira, o mutirão de construção da fachada da igreja na primeira metade da década de 1960, que nos ajudam a visualizar parte das lembranças do Senhor Vandir, e, a segunda imagem é como se encontra atualmente, está cedida pela Diocese para o grupo das Alcoólicos Anônimos (AA)²¹.

Imagem 5: Construção da fachada da Igreja de São Vicente. Em 1963.



Acervo digital de Vanthuy Neto

²¹ É bom frisar que o fato da igreja de São Vicente está cedida ao grupo dos Alcoólicos Anônimos, não tem nenhuma relação com a situação acima colocada por Souza. Esse grupo, como nesse caso, sempre tem parcerias com as igrejas para desenvolver o seu trabalho.

Imagem 6: Prédio da Igreja de São Vicente atualmente. Sede dos Alcoólicos Anônimos.



Acervo nosso, agosto de 2014

É impressionante, observar a partir do testemunho do seu Vandir como os laços de solidariedade vão se firmando nesses acontecimentos, que na verdade são situações marcadas por interesses comuns, que visam no mínimo a maior interação e fortalecimento das relações sociais.

Então planejamos assim: Só podíamos trabalho levantando as paredes nos finais de semana; Então o senhor José Ribeiro da Silva era pedreiro e carpinteiro que se responsabilizou pela obra; Eu também ajudei era pedreiro e me comprometi logo em ajudar; os irmãos Mangabeira, Moacir e Agacir se comprometeram como ajudante de pedreiro. Ai faltava o principal: tijolos e cimento. O senhor Mair Melo, pediu o valor de quinhentos cruzeiros, para fabricar adobe suficiente para as paredes. Não aceitamos, porque não tínhamos como pagar, ele então resolveu fazer de graça. Ele fazia os adobes no

decorrer da semana e nós, os outros, levantávamos as paredes no fim de semana. O alicerce já foi feito com pedra e cimento, para futuramente se construir de alvenaria, foi o padre que conseguiu esse material. Depois para finalizar foi construído em alvenaria os detalhes da frente da igreja, essa parte foi o padre também que arrumou o material e os pedreiros para fazer, não fomos nós. Esse processo foi rápido, logo a igreja ficou pronta. Aí não teve jeito o prefeito mudou mesmo o nome do bairro (SOUZA, anexo B).

Diante das colocações do senhor Vandir uma coisa é muito clara para nós, é esta sensibilidade religiosa, e nisso a necessidade de estabelece-la como linha de frente diante de qualquer projeto que a comunidade venha traçar. E tratando-se de sensibilidade religiosa, fala-se de crenças e práticas adotadas pelo indivíduo e pela comunidade, coisa que parece muito concreta na vida da população do bairro São Vicente. O indivíduo religioso carrega consigo a noção do bem e do mal, do certo e do errado. O bem, o certo é aquilo que realmente dá sentido à vida do homem e ele atribui a isso um valor sagrado, ao contrário disso é o mau, o errado que se não é sagrado, então é profano.

Mesmo sendo algo totalmente fora, diferente, inatingível o sagrado é elemento constitutivo da identidade social. O santo, sua imagem, sua vida é algo sagrado que dá sentido à vida. Neste sentido, os moradores do bairro Redenção não entendiam o porquê desse nome, mesmo que redenção estivesse no âmbito do religioso, a experiência com o “Santo”, que mesmo sagrado é palpável, é visível e essa imagem, era indispensável, pois se tratava de um personagem, alguém que tinha uma história, nome e data de comemoração, algo a festejar.

Na fala do senhor Vandir de Souza, podemos acolher elementos importantíssimos para a nossa reflexão um deles é que ela fala sobre identidade. O que significa para ele essa identidade nesse momento? Num primeiro momento implica em ser católico. Ter o seu santo padroeiro que favorecesse os encontros e as festas. A necessidade da construção do grupo, uma identificação como tal é imprescindível; num segundo momento, que nos parece o mais importante era ter uma comunidade organizada que favorecesse uma maior interação social, que fosse ponto de apoio às reivindicações que lhes garantisse direitos, partindo da qual pudesse ser considerado e respeitado como cidadão.

A gente sentia necessidade de fazer as festas da igreja, ter um padroeiro, fazer procissão, novena, algo que animasse nosso bairro, algo para comemorar [...] naquele tempo, se não fosse católico era como se não fosse ninguém, pois a religião era quem dava vida a gente, tudo que a gente fazia era promovido pelos padres e pelas mães, e não ter um padroeiro era como se faltasse alguma coisa [...] (SOUZA, anexo B).

Para o senhor Vandir, a religião por meio do padroeiro, com sua história e seu testemunho torna-se um elemento capaz de assegurar uma identidade e lhes garantir direitos. Uma coisa é certa, por suas próprias palavras esse era o elemento mais comum a todos. E a experiência vivida no catolicismo seria aquilo que perpassara o passado, perpassa o presente e continuará a entrelaçar as relações dessa comunidade no futuro. Ele é capaz de sentir esse elemento como elo eficaz na promoção da construção da identidade do grupo.

Para Woodward (2003: 27-28) elementos do passado tornam-se importantes nesse processo de construção de uma identidade coletiva. Nesse caso a fé cristã-católica, como elemento mais comum a todos os moradores do bairro São Vicente, na época. Mas nesse aspecto, não uma identidade que repete o passado, mas que se cria e se recria à medida que as mudanças sociais vão acontecendo. Nesse mesmo processo, tratando-se de uma comunidade de migrantes onde as raízes culturais ainda são rasas, justifica-se porque essa comunidade muda de forma tão radical, não somente pela transferência do espaço de culto, mas até mesmo pela troca definitiva do padroeiro.

A história do Bairro São Vicente quanto a sua nomeação é semelhante a de várias cidades brasileiras que surgiram em torno de uma experiência religiosa. Ali naquele bairro a experiência da fé do povo falou mais alto e determina definitivamente, a partir disso, a história e a identidade de seu povo. Suas convicções de fé forçam mudanças significativas que vão para sempre marcar a experiência de vida de todas as pessoas que por ali passarem. O decreto municipal é bem claro que as mudanças se deram pela vontade e pela insistência dos seus moradores.

Considerando o apelo formulado pelos moradores do populoso bairro [...] Considerando, sobre tudo, a celebridade que foi o virtuoso padre francês São Vicente, notadamente pela caridade que exerceu em favor da pobreza, sendo, por isso, sendo por isso mesmo, considerado um dos mais ilustres representantes da renascença católica do século XVII e fundador da congregação Vicentina, hoje disseminada por toda face da terra, com milhares de congregados, seus seguidores, na prática de ajuda aos desamparados; [...] decreta: Art.1º. Fica denominado bairro de São Vicente, toda a área existente nas proximidades dos subúrbios de Calungá e Caxangá, conhecida anteriormente pelo nome de Redenção. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA, Decreto Nº1/64, 1964)

A comunidade religiosa de São Vicente de Paulo não teve um futuro muito duradouro. O seu funcionamento como igreja comunitária não durou duas décadas, finalzinho da década de 1970 deu lugar a comunidade Nossa Senhora Consolata. Hoje o prédio da Igreja de São Vicente, está cedido, ao grupo dos Alcoólicos Anônimos, conforme vimos na imagem 4, acima.

Devido à falta de testemunhos ainda vivos, é difícil detalhar as verdadeiras motivações para tais mudanças. Não somente a mudança do espaço, pois isso pareceu consenso, era uma questão prática, mas sim as motivações que levaram a comunidade adotar outro padroeiro.

Uma coisa é certa, a partir da década de 1970, dois terços da população do bairro São Vicente passaram a ser de novos moradores, que não estavam ligados a história original do bairro e encontraram uma comunidade nascente tendida a ser dedicada a Virgem da Consolata, isso facilitou a mudança, que também coincide com os jubileus da prata dos padres em 1973 e das irmãs em 1975, esses levaram possivelmente tenha sido um fator de relevância na mudança de padroeiro, já essa era uma forma concreta de homenagear e agradecer a esses missionários e missionarias pelos serviços prestados a sociedade roraimense e de modo particular à população de Boa Vista, pois além dos serviços próprios da evangelização esses deram grande contribuição nos setores da educação e a saúde da população roraimense.

No entanto, trocar o padroeiro era uma ação, inevitavelmente causadora de descontentamentos, principalmente por parte daqueles que viram na devoção a Vicente de Paulo um meio eficaz no processo da formação comunitária, mas ao mesmo tempo vale dizer que, em terras de migrações, muitas coisas se estabelecem dentro dos limites

do provisório, e as coisas principalmente no âmbito da vida social carecem de tempo para melhor se definirem, e que é mais pertinente dizer é que o número que chegaram e aderiram a nova comunidade com uma nova padroeira, principalmente com uma devoção mariana, foi maior do que o da antiga comunidade, aí inevitavelmente, um novo caminho, uma outra etapa dessa história.

1.3 – Um novo espaço e uma nova padroeira para a comunidade religiosa do bairro São Vicente.

Em todos os processos da história, o homem se descobre como ser social a partir de suas interações com o seu semelhante e com o próprio meio. Nessas interações percebe que suas ações fazem acontecer uma série de transformações permanentes no meio em que vive e em si mesmo, isto é, o homem transforma seu ambiente à medida que transforma a si mesmo e vice versa. Nisso vai significando suas descobertas e transformações atribuindo às coisas uma dimensão simbólica significativa e determinante através da qual vai construindo uma nova história e agregando novos elementos em sua identidade coletiva.

O espaço tanto no aspecto geográfico como em aspectos mais simbólico cultural, está sempre passível de progressivas mudanças, mesmo que o espaço religioso tenha uma tendência maior de conservação, mas, nem mesmo esse resiste à dinâmica criativa e transformadora do homem. Pois estes são criados pela ação do homem que nunca esteve parado no caminho de sua história. Mudar é uma necessidade inerente à construção social e cultural, e, até mesmo a dimensão religiosa por mais conservadora que seja.

Assim, aconteceu com a comunidade São Vicente de Paulo. O povo que aí morava pelos meados do século XX teve suas vidas marcadas pela pobreza e pelo isolamento. Características muito acentuadas no Norte brasileiro, principalmente nesse período e conseqüentemente mais acentuadas em Roraima, esse por ser o último estado a chegar os processos de colonização, assim como pelo seu isolamento próprio em decorrência de sua posição geográfica.

A experiência do sagrado na vida das pessoas da comunidade São Vicente de Paulo se tornava perceptível a partir experiência da sensibilidade humana, da solidariedade e da partilha, desenvolvida pelas confrarias vicentinas e atribuídas ao santo padroeiro, facilmente apreendida pelas pessoas. Pois, esse se tornou conhecido pelas suas grandes obras de caridade exercidas em favor dos pobres, das viúvas e dos abandonados de um modo geral. Essas confrarias não foram fundadas por Vicente de Paulo, mas sim por Antônio Frederico Ozanam²², inspirados pelo testemunho de vida e carisma de amparo aos pobres e abandonados, no qual viveu Vicente.

De alguma forma podemos constatar uma incrível identificação do povo da comunidade católica de São Vicente de Paulo com a pessoa do seu padroeiro, principalmente com o povo que aí viveu a parti da década de 1950 até o final da década de 1970, povo que se sentia abandonado, sem identidade e que se apegaram a história do santo para construírem a sua própria história.

Na verdade o que os moradores do bairro São Vicente conheceram mesmo foram as obras das Conferências Vicentinas, fundadas pelo italiano Frederico de Ozanam, quase três séculos depois de Vicente de Paulo, mas nele inspirado. Contudo, no bairro São Vicente esse trabalho não chega a durar duas décadas, e toda essa experiência religiosa passa a ser direcionada para a virgem da Consolata padroeira do mesmo Instituto religioso que trouxe a experiência vicentina para a Diocese de Roraima.

Essa mudança vai acontecer a partir do processo de crescimento pelo qual passou o bairro São Vicente – processo esse muito acentuados a partir dos anos 1980 – consequentemente lhe trouxeram mudanças no contingente populacional, na paisagem local e por conseguinte nas relações pessoais. Esse processo foi muito significativo em toda a cidade de Boa Vista, pois o maior processo de expansão urbana, proporcionalmente falando, se deu nessa década. Consequentemente o bairro São Vicente perde sua qualificação de subúrbio e passa a ser considerado como bairro da região central da cidade de Boa Vista.

²² Frederico de Ozanam, nasceu em Milão em 1813. Doutor em Direito e em letras, na França, nunca fez disso um distanciamento entre ele e os mais pobres, tão comuns nos subúrbios franceses. Por isso em 1833, juntamente com seis amigos, funda as Conferências de São Vicente de Paulo.

A extinção do grupo dos vicentinos não significa que o bairro São Vicente perdesse seus pobres, ao contrário, mas outras necessidades se impuseram à comunidade religiosa. Repensar o espaço sagrado da comunidade a partir de então se tornou algo mais urgente, pois já se tinha a intenção de desmembrar a referida comunidade do território eclesial da igreja Matriz de Boa Vista, e para isso era necessário pensar um espaço que fosse adequado.

Mas, o que aconteceu com a comunidade São Vicente de Paulo? Segundo dona Cleonice de Vasconcelos, o período efervescente das Conferências Vicentinas²³, cessaram e com isso o esfriamento da comunidade de um modo geral foi eminente, a comunidade precisava se reinventar, seguir novos caminhos:

[...] há um momento que parece que estávamos parados, as coisas pareciam não acontecer, as conferências se fecharam, deixaram de existir [...] Mas novidades estavam acontecendo. O bairro tava crescendo, alguns novos moradores chegando, eu e minha família também viemos juntos, pois morávamos nas redondezas, mas, não especificamente aqui, neste bairro. Nós morávamos em outro bairro que alagava com as enchentes do rio, construímos uma barraquinha aqui para passar o período chuvoso, e, resolvemos não mais voltar, então com mais gente no bairro, a gente precisava mesmo de outra igreja que coubesse o povo, não se via falar em evangélicos por aqui, todo mundo era católico e só tinha uma igreja para vir. Então quando eu passei a morar no aqui em 1971, eu já frequentava a muito tempo a igreja de São Vicente, mas também já estava celebrando ali onde é a Consolata, era só num barracão (VASCONCELOS, anexo C).

Nas palavras de dona Cleonice está expressa, aquela inquietude própria do ser humano que deseja, que necessita sempre de peregrinar, não se cansa de ir em busca e não cessa enquanto não descobre o seu chão. Seguindo essa história, Francisquinha Rufino corrobora, dando mais alguns detalhes desse novo começo:

²³ Constata-se que nos Livros Ata dessas extintas confrarias, a comunidade do bairro São Vicente nunca sediou nenhuma delas. A primeira, chamada São Jose, da qual só se encontra referências nas atas das demais, estava sediada na igreja Matriz, a segunda São Sebastião, na igreja do mesmo nome, e a terceira São Pedro, numa igreja com mesmo padroeiro também. A primeira delas, a confraria São José, prestava serviço nessa região periférica da paróquia Matriz.

Nesse tempo em que nos mudamos para cá, os padres tiraram esse outro terreno para construir uma Igreja nova. Ali foi logo construído um barracão para se celebrava as missas mas, também se continuava a celebrar lá na igreja de São Vicente e depois construíram um prédio bom onde hoje é a casa paroquial chamado de centro paroquial Nossa Senhora Consolata, que foi concluído em 1974 e as missas então passaram para lá. Nesse tempo teve uma animação muito grande, o padre e as irmãs organizaram a catequese, começamos a fazer muitas festas para arrecadar dinheiro pra construção da nova igreja, fizemos uma coordenação pra comunidade, era tudo muito animado (RUFINO, anexo E)

Esses acontecimentos acima descritos por Cleonice e Francisquinha, marcam o início de um tempo novo para a comunidade de São Vicente, não só no aspecto religioso mais social como um todo. O bairro ganhou novos contornos, mais moradores, largas avenidas, mesmo que ainda permanecesse espessamente povoado. Pelas Atas da Diocese, consta em várias delas referências à “futura paróquia de São Vicente” isso deixa entender, que pelos menos a princípio, não havia a intenção de trocar o padroeiro da comunidade, mas ao contraio, a intenção clara de erigir a paróquia de São Vicente de Paulo²⁴.

Segundo Dona Elda, antiga moradora do bairro e zeladora da igreja de São Vicente e depois da igreja Nossa Senhora Consolata por muitos anos, a criação da paróquia dedicada a Nossa Senhora Consolata no final de 1979, causou um certo descontentamento entre os antigos moradores do bairro São Vicente, inclusive aqueles que lutaram para que o bairro tivesse esse o nome do santo. Esses moradores deixaram de vir as missas motivo pelo qual alguns anos depois viessem fechar definitivamente a Igreja de São Vicente em 1980. Pois, mesmo com a criação da nova paróquia, continuaram algumas atividades na igreja de São Vicente, inclusive missas, mas o

²⁴ Essa intenção é encontrada em vários textos atas Diocese de Roraima, na época Prelazia de Roraima. Na verdade ninguém, nem mesmo os padres sobem dizer por trocaram o nome do santo padroeiro. Pode ter sido por interesse em ter um templo na cidade de Boa Vista que marcasse a presença dos padres e do Instituto ao qual pertenciam, hipótese mais pertinente. De qualquer forma, Isso hoje não significa muita coisa pra os católicos locais. Poucos da primeira comunidade ainda estão vivos, a grande maioria não fez parte dessa primeira experiência e por se tratar de um grupo social formado a partir de processos migratórios, muito dessas histórias ficam para trás. A padroeira local é muito querida pela comunidade e São Vicente, mesmo nomeando o bairro ficou meio esquecido.

povo foi se afastando até fecharem definitivamente a igreja já logo no ano seguinte onde em seguida entregaram para os Alcoólicos Anônimos.

A Diocese criou a Paróquia Nossa Senhora Consolata, no final do ano de 1978, e os moradores da parte mais velha do bairro não gostaram muito, ficaram insatisfeitos com isso. Pois mesmo com a criação da paróquia e a construção da igreja nova, a intenção era continuar celebrando missas na igreja antiga e até se celebrou algumas vezes, mas as pessoas foram deixando de ir por que ficaram desgostosas com os padres. Por esse motivo os padres fecharam a Igreja de São Vicente e as missas foram todas transferidas para a igreja da Consolata. Bom, hoje nós sabemos que foi melhor assim. Com o passar do tempo o povo voltou e hoje todo mundo gosta da Consolata (BARBOSA, anexo F).

Desde o ano de 1980, a experiência religiosa ligada diretamente às práticas vicentinas deixaram de existir dando espaço a uma nova experiência, agora ligada a devoção de Turim, na Itália, trazidas pelo Instituto Missões Consolata missionário da Consolata. Não se sabe ao certo as motivações dos missionários dessa época, acreditamos que a construção desse templo vinha satisfazer à necessidade de ter um símbolo, que visualizasse melhor a presença desses missionários na cidade de Boa Vista.

Para nós, analisar a experiências das pessoas em seus processos de lutas, conquistas, emancipação a partir das narrativas de suas vidas é estar disposto a perceber como a dimensão religiosa da vida é fator primordial. Fator esse, expresso não somente na relação com o sagrado, mas na própria determinação de lutar; do encorajamento em si lançar na defesa da própria vida, alimentando-se na esperança diante das dificuldades presentes sem jamais perder de vista a possibilidade de um futuro mais próximo: vida digna e direitos adquiridos. Acarretando em consequência disso a afirmação de uma identidade que lhe é própria. A identidade de um povo que soube escrever, hora em linhas tortas, hora em linha certas, a sua própria história.

1.4 – A paróquia Nossa Senhora Consolata.

É, então, a partir do início da década de 1970, que iniciou um novo processo na comunidade de São Vicente. Esse processo engloba todos os aspectos da vida dessa comunidade. O aspecto populacional que resulta em sua expansão e em sua estruturação urbana e por consequência disso o novo espaço de culto que será dedicado a um novo padroeiro.

Com significativos fluxos de pessoas chegando a Boa Vista, intensificado pelos consecutivos processos migratórios, toda cidade e, conseqüentemente o Bairro São Vicente, passa por outro processo de reconfiguração em sua territorialidade, adequando-se à nova realidade que aí se impusera. Com a ampliação do bairro, conseqüentemente o aumento da população, a reconfiguração do espaço religioso torna-se iminente e necessário.

Assim, a construção de um novo templo se fazia necessária para atender a nova demanda e satisfazer as exigências dessa nova população que compunha a nova realidade daquela comunidade. Mais que isso, o espaço que antes era reservado para as práticas religiosas tornou-se insignificante, inexpressivo e deslocado. Por isso mais que um novo templo, era preciso transferir este templo, para o centro, onde ficasse exatamente o “coração” da comunidade. No ano de 1970, com o loteamento das adjacências de São Vicente, a quadra mais central é separada para sediar a nova paróquia²⁵.

Inicialmente nesse lugar onde sediaría a futura Paróquia de São Vicente, foi construído um barracão provisório onde eram celebradas as missas, anos depois, um prédio melhor estruturado para atendimento básico das atividades religiosas, chamado de Centro Paroquial que, por causa da imagem da santa que lá estava passou a chamar-se de Nossa Senhora Consolata, concluído em 1974. Esse prédio estava dividido em

²⁵ Em nosso texto fazemos referências as vezes à Igreja Nossa Senhora Consolata, objeto próprio de nossa investigação, as vezes falamos de comunidade Nossa Senhora Consolata e as vezes ainda falamos de paróquia Nossa Senhora Consolata. Vamos fazer então a diferenciação entre esses três elementos. Quando aqui falamos da Igreja Nossa Senhora Consolata, estamos nos referindo ao templo, à casa construída; quando falamos de comunidade, nos referimos a todo conjunto dos fiéis que frequentam esse templo e também aos moradores do bairro em geral e quando falamos em paróquia Nossa Senhora Consolata, nos referimos ao território eclesial instituído canonicamente pela Igreja local para representar uma porção dos seus fiéis. Assim a Paróquia Consolata, se compõe de seis comunidades distribuídas em cinco bairros.

duas partes distintas: um salão onde aconteciam as celebrações das missas e as demais reuniões da comunidade e a outra parte destinada para o escritório e atendimento ao público e também residência para o padre. Foi a partir desse espaço que os fiéis foram se familiarizando com a santa e a ela destinando sua devoção.

Desse modo, resultou que, em 31 de dezembro de 1979, o Conselho de Presbíteros da Diocese de Roraima, cujos membros eram todos missionários da Consolata inclusive o bispo prelado, criou a nova paróquia dedicada a Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, que se popularizou como Paróquia Nossa Senhora Consolata, abrangendo dois bairros: São Vicente, tendo Nossa Senhora Consolata como Padroeira e o bairro Treze de Setembro cuja padroeira é Santa Luzia.²⁶

É válido mencionar que não sabemos as verdadeiras motivações para essa mudança do padroeiro da comunidade. Segundo MARTINS²⁷, prefeito municipal na época, no ano 1975, se celebrou o jubileu de prata da presença das Irmãs Missionárias da Consolata na Diocese de Roraima, cuja casa, sede provincial da Região Amazônica, estava sendo construída na avenida Souza Junior, no centro de Boa Vista. A mesma avenida é o limite esquerdo na sede da futura paróquia. O senhor prefeito querendo prestar homenagens as solícitas freiras, trocou o nome da referida avenida para Avenida Nossa Senhora Consolata.

Como vimos anteriormente, a nova sede da igreja construída no bairro São Vicente, logo ficou conhecido como Igreja da Consolata, efetuando-se assim, a troca do padroeiro da comunidade de São Vicente para Consolata já no ano de 1974, entretanto em termos canônicos essa mudança só aconteceu no ano de 1978.

Com a ereção da paróquia em 1978, logo se iniciou as campanhas para a construção do novo templo, dedicado a nova padroeira. No ano de 1981, mais precisamente no dia 20 de junho, por ocasião da festa da padroeira este novo templo foi inaugurado mesmo que ainda em condições precárias, sem piso, sem portas e sem luz elétrica passou a receber os fiéis da então extinta igreja de São Vicente de Paulo, com uma missa que a inauguraria e mudaria definitivamente a história dessa comunidade religiosa.

²⁶ Informações colhidas nos livros atas da Diocese de Roraima.

²⁷ Ver Anexo D.

A igreja de São Vicente a essa altura já tinha sido fechada. Foi então, dia da padroeira, que o padre celebrou a primeira missa na igreja nova, no ano de 81, no dia 20 de junho. Ainda estávamos aterrando para colocar o piso. Não tinha reboco, não tinha porta, não tinha luz elétrica, mas o padre estava apressado para fazer a tal inauguração (RUFINO, anexo E).

Com a criação da Paróquia Nossa Senhora Consolata, seu território eclesial ficou sob a responsabilidade dos padres e das irmãs²⁸, ambos pertencentes a Institutos que levam o nome da santa Consolata, até porque eram a única presença religiosa que dispunha nessa Diocese. Nesse sentido, a nova paróquia ficou sob gerência destes missionários até o ano 2000. A partir daí, a paróquia ficou sob gerência de alguns outros padres alternando entre religiosos e diocesanos. Entre os anos 2000 e 2003, esta paróquia passou a ser gerida por um padre diocesano local; no final do ano de 2003 a paróquia foi entregue a uma nova congregação, os missionários do Verbo Divino, que aí permaneceram até o final do ano de 2005; em 2006, a paróquia passou a ser gerida por um padre diocesano estrangeiro, de origem italiana que estava ligado à diocese de Piacenza, Itália. Sob a gestão deste, a paróquia permaneceu até o início do ano 2009, quando, mais uma vez, retornou aos padres diocesanos locais.

São as mudanças que ocorreram a partir dessa última fase que nos ocuparemos no terceiro capítulo desse trabalho. De modo específico o templo dedicado a Nossa Senhora Consolata que passou por um processo de reforma quase que total em toda a sua estrutura, buscando, segundo a visão do autor e também pároco, isto é, o responsável pela referida igreja, uma estética simples e austera, mas que, ao mesmo tempo, com seus contornos e formas, com suas cores e imagens se apresente como sinal da expressão da beleza e do mistério que nele se vive e celebra.

²⁸ Nesse período a Igreja Católica chegava nos lugares antes dos poderes públicos. As primeiras organizações comunitárias se davam por meio do trabalho religiosos. Em relação ao bairro São Vicente, Júlio Martins (anexo D) nos confirma essa presença antecipada da Igreja. Que concentrava seu serviço no atendimento aos pobres, na catequese, nas reuniões, na promoção de cursos de corte e costura e até cursos de datilografia, muito útil e comum antes da era do computador.

2. OS ASPECTOS CULTURAIS E A CONSTITUIÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO

No capítulo anterior analisamos o povoamento do bairro São Vicente a partir dos processos migratórios pelos quais passou Roraima. Também analisamos o modo como se constituiu a comunidade católica daquele bairro e a influência que esta exerceu no processo de expansão, estruturação e sedimentação que o levou a sair do isolamento e urbanizar-se.

Os indivíduos que aí chegaram desde o início da ocupação do bairro, principalmente a partir da década de 1970, chegaram dos inúmeros processos de migrações promovidos e incentivados pelos governos a fim de proporcionar a ocupação da região de forma mais acelerada.

Mesmo que esse processo tenha se acentuado a partir dos anos 1980, na busca pelo ouro e pela terra fácil para a agricultura, acelerando consideravelmente esse processo de povoamento, favorecendo inclusive o crescimento desordenado e desproporcionalmente da capital Boa Vista, ainda hoje o Estado de Roraima permanece esparsamente habitado, sendo o estado menos populoso do Brasil.

De qualquer forma, ora mais lentos, ora mais acelerados, esses processos foram dando a sua colaboração na ocupação do extremo norte do país, e foi permitindo o surgimento de situações e realidades que proporcionaram novas configurações no espaço geográfico e na cultura local.

O bairro São Vicente como parte desse cenário, dentro de suas proporções, enfrentou os mesmos processos e assumiu as mesmas consequências, inclusive por ser a porta de entrada dos migrantes na capital, pelo motivo de que o Terminal Rodoviário estava localizado nas proximidades de seu território²⁹.

No que trabalhamos até agora, foi possível constatar que a religião foi um fator de suma importância, e até determinante em alguns aspectos da construção social daquela população. Hora aparece a Igreja católica, como instituição se fazendo presente

²⁹ A Rodoviária Internacional de Roraima foi inaugurada em março de 1979, na gestão do Governo Territorial de Ramos Ferreira e está localizado no bairro Treze de Setembro, com frente para a principal avenida do bairro São Vicente. Se o bairro Treze de Setembro, vizinho do bairro São Vicente, desmembrado a rodoviária estaria localizado em seu território. (MATINS; anexo D)

e buscando estabelecer seu território, hora aparece o próprio povo, se unindo através de sua religiosidade, como traço cultural comum a todos, para delimitar seu território, conquistar seu espaço e construir uma identidade cultural comum.

Assim podemos afirmar que um dos aspectos mais relevantes que se impôs nos processos sociais da comunidade do Bairro São Vicente, tanto na ocupação do território como na construção cultural da identidade comunitária foi o religioso, portanto, é o que nos interessa analisar nesta pesquisa.

Se colocamos aqui o fator religioso como elemento importante, é porque esse, acima de tudo, deu uma conotação diferente a esse espaço habitado. Por ele o indivíduo habitante percebeu esse espaço para além da dimensão meramente física funcional, o atribuiu a ele valores simbólicos, absolveu-o como parte de si, superando a dimensão meramente físico-geográfica.

É nesse simbolismo que queremos nos adentrar, pois o ser humano se reconhece naquilo que faz e o que faz é sinal de mudanças e transformações, dando a cada coisa criada sentido e significado. Para o povo da comunidade religiosa do Bairro São Vicente esses significados são encontrados na vivência da fé e externados no cotidiano pela prática de sua religiosidade.

Assim poder dizer que os crentes de São Vicente materializaram isso a partir de delimitação do espaço de culto, ou espaço sagrado como chama Eliade, mas de forma mais evidente ainda pela construção do templo, por eles considerado casa de Deus.

Na verdade, como nos ensina Eliade (1992) esse espaço, eleito, delimitado, adquire um valor existencial para o indivíduo religioso, pois tem a uma dimensão cosmológica, isto é, se torna ponto fixo de orientação, de onde tudo parte, oferecendo direcionamento e colocando em ordem o caos.

Outro fator importante que revela a visão do mundo pela fé é o modo como o templo é construído, mesmo que nesse caso, passe pela aprovação eclesiástica local, que obedeça a certos padrões estéticos e litúrgicos, no templo construído está a história de seus fiéis. E os fiéis do bairro São Vicente, transcreveram na Igreja de seu bairro, hoje Igreja Nossa Senhora Consolata, o significado de sua trajetória e suas lutas. Resignificando suas vidas, sua cultura, num processo permanente e criativo de busca e transformação.

Assim o homem transforma a si mesmo transformando sua realidade, pois somos todos criadores, como diz Cavalcanti (2010: 9) se referindo a arte, como expressão dessa criatividade, do qual nos ocuparemos mais adiante: “A arte retrata aquilo que é inerente à condição humana, os anseios, angústias, alegrias, ponto de vista, perspectivas do ser humano no tempo em que vive e na sociedade de que faz parte”. Assim como a arte, a religião também se apresenta como possibilidade de leitura e organização da realidade dando novas compreensões à vida abrindo-se como possibilidade criativa de respeito e harmonia com o mundo e consigo mesmo.

2.1. A dimensão simbólica e cultural do espaço religioso do bairro São Vicente.

Por sua própria natureza interativa, o ser humano se relaciona com tudo que está em volta de si e a tudo atribui sentido e valor: coisas, acontecimentos, pessoas e principalmente o espaço onde habita, espaço que é fruto do seu trabalho, das suas interações e concepção de mundo. O espaço vai se constituindo a partir da ação do indivíduo que o habita e passa a exercer poder sobre ele.

Nesse espaço o homem exerce toda sua capacidade criativa e sua força transformadora, pois, esse é o lugar que escolheu para nele fixar sua vida e construir sua história, dando a ele significado e valor, que vão além de uma mera concepção espacial e geográfica, mas que também o concebe como sagrado, a partir de sua sensibilidade e experiências religiosas, que naturalmente carrega consigo.

Quem passou pela a experiência da migração, teve que num determinado momento da vida enfrentar o desafio de se lançar na aventura (ou desventura) de uma nova realidade, buscar um novo lugar para morar, trabalhar, lutar por uma vida digna, deixando para trás o tudo (ou nada) que possuía, viver de um presente incerto e um futuro totalmente sem garantia restando simplesmente a esperança de algo melhor. Isso, significa ter abrido mão de tudo. Em muitos casos essas pessoas foram vítimas da seca e dos latifúndios, que em um sistema político/econômico tão desfavorável, corrupto e exclusivista como o brasileiro, tenha sido essa a única porta que se abriu em busca de uma vida digna.

No processo de adaptação a uma nova realidade, as experiências de vida trazidas, as lembranças guardadas na memória, as esperanças e as expectativas do

futuro, tornam-se elementos importantes para o processo de adaptação ao novo espaço e tornam também, disposições necessárias para reinventar-se e se ajustar a ele.

Na verdade, os indivíduos, conscientes disso ou não, estão mergulhados num processo de reinvenção de sua própria cultura e por isso podemos dizer que, ambos, espaço e indivíduos se acolhem, se reinventam e se interagem mutuamente num processo permanente de mudanças. Dona Francisca Rufino entende isso muito bem quando fala, a respeito de sua vida de migrante, para ela:

Não foi fácil deixar toda uma vida para trás, o nosso lugar, nossa família, coisas, pessoas [...] mas, chega um momento que temos que arriscar. Com tudo isso foi bom ter vindo pra cá, mesmo com tanto sofrimento, pois foi aqui que começamos a ter nossas coisas, trabalhamos muito pra isso. Foi aqui que criamos nossos filhos. Escolhemos esse lugar para ficar e participamos da construção desse bairro. Aqui fincamos nossas raízes, e foi aqui que passamos a reestruturar nossa vida. Encontramos pessoas novas, fizemos novos amigos e assim a vida continuou (RUFINO, anexo E).

Dona Francisca – com sua família – é uma dessas pessoas que se aventuraram em busca de vida melhor, e essa vida melhor significou para ela – assim como para muitos – encontrar um lugar. Lugar para viver, trabalhar e criar os filhos como ela mesma diz.

Isto implica enfrentar um processo novo, é um recomeçar, que na maioria dos casos, nesses processos migratórios forçados, significa recomeçar do nada, é mesmo uma atitude desesperada, mas, determinante na vida dos indivíduos, pois, isso implica deixar tudo para trás e recomeçar de novo.

Aqui é importante ressaltar que neste processo de recomeçar, ressaltado por Dona Francisca, a religião foi um elemento fundamental, pois é através desta que os indivíduos buscam está mais próximo de Deus, para enfrentar as adversidades que a vida de migrante lhes impõe. Neste processo de busca de uma força espiritual, os indivíduos acabam se encontrando com outras que estão vivendo a mesma experiência e terminam por formar uma comunidade, passando a compartilhar os interesses que lhes são comuns, o que resulta na intensificação dos processos de socialização. Dessa forma a igreja e a religião são as molas propulsoras desta ação, passando a se configurar como parte de suas próprias vidas. A fala de Dona Francisca é reveladora dessa ação da igreja

e da religião na vida das pessoas, “a igreja sempre foi a grande motivadora de nossas lutas e nossas conquistas” (...) “a igreja sempre foi uma coisa positiva na vida da gente, aqui eu me engajei e pude ajudar mais”.

Os processos migratórios, espontâneos ou provocados, geralmente acontecem de modo acelerado e sem qualquer planejamento por parte do espaço que acolhe. As mudanças bruscas no lugar tornam-se inevitáveis. O espaço assume assim, uma dinâmica rápida de mudança em suas configurações, devido às essas rápidas atividades, e sofre mudanças radicais e irreversíveis em sua paisagem – nesse caso é bom dizer que independentemente das migrações, ou mesmo que essas aconteçam em processos mais lentos, os espaços ocupados pelo indivíduo humano nunca se estabelecem como algo estático, acabado.

O espaço geográfico estará sempre em processo de transformações, adaptando-se sempre mais às necessidades dos indivíduos que o habitam. Todo território humanamente ocupado, assim como os elementos nele constituído inclusive a paisagem, passa por processos contínuos de transformações, na busca de corresponder e acomodar o homem em suas necessidades.

Santos (2009) aborda de modo interessante esse aspecto porque constata que essas mudanças pelas quais passa o espaço, são provocadas pelo próprio homem, a fim de satisfazer suas necessidades e fazer com que ele corresponda às suas exigências e necessidades.

Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade [...]. A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atende às necessidades novas da estrutura social. (SANTOS; 2009: 54)

Esse processo de relação homem espaço é como uma estrada de mão dupla, porque o homem constrói e transforma o espaço à medida que também está sendo construído e transformado.

Na medida em que o processo de transformação vai acontecendo, é natural que o espaço habitado vá ganhando novas proporções, novos elementos e significados. A medida que é usado, é também transformado, se tornando cada vez mais complexo, cheio de elementos, de formas e de significados capazes de oferecer sentido e valores e vida de seus habitantes, estabelecendo uma verdadeira troca nessas relações onde todos esses elementos, inclusive o próprio homem, se entrelaçam como parte constitutiva de uma mesma trama, digamos, de um mesmo processo construtor e transformador.

Assim, no espaço, as experiências vão se entrelaçando, novos esboços vão se formando e dentro disso um elemento importante se impõe como convergente para ambas as experiências, tantos dos que aí já estavam, como daqueles que chegam em busca de uma nova vida: é o fator religioso.

Constituir um espaço, um novo espaço, não é possível prescindindo da experiência de cada indivíduo, pois cada um traz consigo suas histórias seus sonhos e suas lembranças, que são muito facilmente expressos no elemento religioso, isso se torna como que substrato para a construção dessa nova realidade.

Nesse contexto, é certo que a religião favorece a relação do homem com o espaço e, a mais expressiva experiência religiosa que se pode constatar é a noção do sagrado que o indivíduo carrega consigo. Isso é perceptível no jeito próprio de viver e se organizar do indivíduo crente. Assim define Rosendahl o espaço sagrado:

Como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência ... o poder do sagrado significa força compulsiva e imprevisível... vivido pelo crente com o sentimento de total dependência, respeito e confiança” (ROSENDAHL, 2009:??????).

Partindo da concepção de Rosendahl, podemos dizer que, a dimensão religiosa em que vive o ser humano é imprescindível, pois, ele depende dessa dimensão para suportar a realidade cotidiana e sobreviver em seu ambiente. Assim o ser humano busca mecanismo para significar essa realidade. A prática religiosa é, na verdade, a busca da transcendência, e transcender significa romper em alguns aspectos com o cotidiano. É nessa tentativa de rompimento com a realidade que o indivíduo busca a superação dos próprios limites que o cotidiano da vida lhe impõe e se lança para mais além. Nessa

experiência entre a realidade simples e o absoluto, no desejo de superação dos limites que a vida impõe, o indivíduo cria seus símbolos, seus sonhos e se projeta para uma realidade totalmente diferente, por que é capaz de transfigurar essa realidade pela vivência da fé.

Partindo dessa experiência Eliade constrói o conceito do sagrado e do profano como realidades opostas, mas ao mesmo tempo coniventes, como se uma dependesse necessariamente da outra, pois é na experiência com o sagrado que o indivíduo se dá conta do não sagrado, portanto do profano. Assim o sagrado é uma realidade “que se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 1992: 13-15)

Para Eliade, o sagrado e o profano constituem dois modos de ser no mundo, dependendo das posições que o homem conquistou. Portanto, para Eliade o sagrado é algo que se manifesta como uma realidade completamente diferente das realidades do mundo. É algo incomum, que está a parte e que se opõe inteiramente ao profano que é comum, secular, desordenado e amorfo. O sagrado se manifesta na história e na cultura humana e tal manifestação dar-se conforme as características sociais, culturais e históricas da sociedade a qual se faz experimentar, não é uma realidade para fora do mundo humano, mas ao contrário, ela dá forma, dá sentido a esse mundo do homem (ELIADE, 1992: 17-18).

Assim, para Eliade o homem religioso atrelado às condições de seu espaço, tempo e cultura, se esforça para organizar-se e dar sentido ao seu ser e seu fazer histórico/social. Pensa o seu espaço e o organiza de maneira heterogênea qualificando-o conforme as categorias do sagrado e do profano, portanto para ele existe um espaço sagrado, forte, real e o outro profano, indefinido, amorfo, desprovido de qualquer expressão.

Ainda segundo Eliade, o que confere a qualidade de sagrado a um determinado lugar, geralmente, mas nem sempre, são as hierofanias, isto é, quando um determinado acontecimento nesse lugar seja considerado uma manifestação do sagrado. Porém, segundo este mesmo autor, o espaço sagrado de um determinado grupo não precisou necessariamente de alguma manifestação divina para ser considerado como tal, algum outro sinal, foi o suficiente para assim o determinar: “Inúmeras vezes nem se quer há

necessidade de uma teofania ou de uma hierofania propriamente ditas: um sinal qualquer basta para indicar a sacralidade do lugar” (ELIADE, 1992: 21).

Seguindo esta reflexão sobre o espaço sagrado, Eliade afirma que para o homem religioso, existe uma descontinuidade espacial, “pois há porções do espaço qualitativamente diferentes das outras” tendo, portanto “um espaço sagrado ‘forte’, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos” (ELIADE, 1992: 17). Assim o Espaço sagrado adquire um valor existencial e cosmológico para o homem, pois se estabelece como ponto fixo que dá orientação na realidade caótica. O indivíduo religioso passa conceber o mundo e organiza-lo a partir desse ponto fixo, ou ponto de orientação, para poder assim organizá-lo e torna-lo habitável, aí sim, está a fundação do mundo onde o viver real torna-se possível.

No Cristianismo verifica-se que o espaço habitado só se justifica a parti da identificação desse espaço particular, o espaço sagrado, onde os demais espaços tornam-se extensão desse³⁰. Nesse caso a sacralização do lugar pode acontecer mais comumente de duas maneiras: ou por uma hierofania, ou seja algum sinal considerado extraordinário ou por uma escolha livre da própria comunidade dos fiéis. Em ambos os casos, esse lugar conseqüentemente passará a receber influência por parte dos crentes e da instituição, a primeira delas é a construção do templo. Para os cristãos não basta o lugar. O lugar tem que tornar-se casa. E mesmo “hierofanado” ou não, esse lugar passará por rituais de sagração com celebrações, incensações, unção com óleo de oliva e aspersões com água³¹, como acontece na dedicação (inauguração) de uma igreja (templo) ou na consagração de um altar.

³⁰ No cristianismo contemporâneo (digo, o catolicismo) vai-se aos poucos superando a visão dos espaços delimitado como profano. Tudo é criação divina portanto tudo é sagrado. Existem situações que se podem tornar um espaço especialmente bom, desejável, lugar predileto para o culto ou para a experiência divina, como aqueles no qual se evidenciou alguma manifestação especial. Mas há uma tendência de superação da dimensão do profano, do mau e do pecaminoso. Existem situações, extremamente malélicas (e isso independe do lugar) que podem ser superadas a partir de uma transformação verdadeira do coração humano como as injustiças, a fome a miséria, que de um modo geral, degradam a dignidade humana. Nesses tempos incertos e de luta pelo direito à vida, a igreja anuncia o verdadeiro divino, o verdadeiro sagrado que vem pela construção de um mundo que a justiça traz e na harmonia poderosa que a vida pode ter se os bens forem distribuídos entre os povos.

³¹ É importante lembrar que nem todos os lugares sagrados dos cristãos são reconhecidos pela a igreja oficial, isto é, lugares não oficializados institucionalmente, onde a devoção popular o reconhece e o consagra e a eles acorrem constantemente. Há muitas devoções a lugares, a santos, e situações miraculosas que a Igreja não os reconhece como verdadeiras, mas não nos cabe tratar disso agora. No

A experiência religiosa dos indivíduos faz com que eles atribuam a esses lugares e às coisas que nele conter esse caráter de sacralidade. Numa comunidade cristã católica isso se torna bastante evidente e logo se externa essa sacralidade em seus vários elementos: é o sinal da cruz que o fiel traça sobre si quando passa em frente a igreja, as várias reverências que são feitas dentro ou fora do espaço, as horas a fio de joelhos e silêncio demonstrando contemplação, entre outros.

Evidentemente que o templo construído, é o elemento material que torna mais visível a sacralização do espaço e do tempo³². O templo e todas as manifestações de fé por parte dos fiéis evidenciam o sagrado e isso é o que podemos chamar de exteriorização do sagrado, porque o torna visível na vida dos indivíduos e se estampa materializadamente na paisagem. É portanto esse modo próprio de ser e viver da comunidade que se caracteriza o “ethos” religioso demonstrando portanto, sua “visão de mundo”, idealizada a partir da experiência com o sagrado (GEERTZ, 2013).

Geertz ao referir-se aos sistemas religiosos nos chama a atenção para uma questão fundamental na análise sociológica - o como lidar com os significados que são produzidos na comunidade religiosa. Dessa forma nos adverte que os símbolos sagrados têm como função sintetizar o ethos de um povo bem como sua visão de mundo portanto, “o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas” (GEERTZ, 2013: 66-67). Ou seja, tudo aquilo que constitui nossa realidade e que é experimentado e compartilhado socialmente expressando aquilo que realmente somos e ao mesmo tempo como reflexos de uma sistematização simbólica que expressa um ideal de vida desejável que está para além da experiência prática cotidiana.

Ainda, segundo Geertz, o símbolo vem sendo usado numa gama de coisas, e muitas ao mesmo tempo, se assim o é, o espaço sagrado se constitui como elemento simbólico aglutinador da experiência religiosa.

Assim podemos dizer que no catolicismo o espaço se torna um elemento de suma importância e atinge um significado tamanho que pode ser considerado como Casa de Deus, morada do Altíssimo, isto é, a extensão do próprio céu (visão idealizado

caso acima descrito sobre os rituais de sagração é quando a igreja acata a experiência da comunidade ou quando ela mesma elege tal lugar.

³² Para os cristãos católicos, existe um calendário e anual de festas e solenidades com várias atividades religiosas que é chamado de ano litúrgico e esse é estruturado a partir de acontecimentos em volta da vida de Jesus de Nazaré passando pela sua concepção, nascimento, vida pública, morte e ressurreição e vários outros acontecimentos criados pela a igreja para festejar seus santos e mártires e celebrar seus sacramentos.

do mundo). Nesse caso, determinar o lugar do culto, sempre foi e continua a ser algo de extrema necessidade, e essa necessidade é tão real ainda hoje, nos tempos pós-modernos, como nos grupos primitivos do cristianismo.

Nos agrupamentos cristãos, estabelecidos em um determinado território, se torna urgente e de extrema necessidade a eleição do espaço de culto. A escolha desse espaço é uma questão vital. É muito raro encontrar um grupo de pessoas, dessa denominação religiosa, habitando num determinado lugar que não tenha eleito seu espaço para as práticas religiosas, seja um bairro de uma grande cidade, uma invasão na periferia de uma cidade qualquer, seja num assentamento agrário.

No catolicismo, o espaço se torna sagrado porque é lugar de oração, onde acontecem as reuniões para a experiência com Deus. Mas, como já foi frisado, muitas vezes o lugar sagrado pode ser escolhido a gosto do grupo religioso de um determinado território. Pode ser pela posição ou a localização que esse ocupa: o lugar mais elevado, (relação a altura), pode ser o lugar mais central da comunidade. No caso de uma ocupação desordenada, numa periferia, por exemplo, simplesmente pode ser é o espaço que restou.

No cristianismo de modo geral, a sacralização do espaço acontece com o uso do mesmo para as atividades religiosas e os inúmeros ritos que passa a acontecer nele: a escolha do padroeiro, a benção do lugar com ritos de aspersão com água benta, a cruz fincada na frente, a celebração da missa, os batizados etc. que não deixa ser manifestações mesmo que não seja de modo sobrenatural, com características triunfalistas, que conferem a qualidade de sagrado ao espaço escolhido. Assim, podemos afirmar que o espaço construído por si só não é sagrado, mas ele assim se constitui a partir da experiência de relação do indivíduo ou do grupo com o transcendente.

Mesmo assim é importante ressaltar que no cristianismo é muito comum as manifestações sobrenaturais, as vezes chamadas de teofanias. E essas teofanias estão sempre relacionadas a um determinado lugar. Essas manifestações estão amplamente fundamentadas com vários exemplos no contexto bíblico, tanto nas narrativas vétero-testamentárias, como no Novo Testamento. A título de exemplo podemos citar alguns, tais como: Deus andando pelo Éden (Gênesis 3.8); O Senhor apareceu aos Patriarcas Abraão, Isaac e Jacó (Gênesis 15:1-21); (17:1-21); (18:33); (26:2-5); (28:12-16);

(32:24-32); A Sarça Ardente (Êxodo 3); o estremecimento de Sinai (Êxodo 19); o chamado de Isaias (Isaias 6); e Ezequiel (Ezequiel 1) e o Redemoinho de Jó (Jó 38). Esses acontecimentos aparecem sempre acompanhados de fogo, terremoto, trovão, fumaça, vento. No Novo Testamento, as teofanias também são comuns: Na anunciação da encarnação miraculosa de Jesus no ventre de Maria (Lucas 1, 26-39; Mateus 1,18); No Batismo de Jesus, no rio Jordão (Mateus 3,16-17; Marcos 1,10-11 e Lucas 3,22); na transfiguração de Jesus no Monte Tabor (Mateus 17,1-9; Marcos 9,2-8; Lucas 9,28-36) e outros. Esses acontecimentos marcaram a sacralidades desses lugares onde supostamente ocorreram, e poderíamos ainda nos referir a tantos outros lugares que marcaram as passagens importantes da vida terrena de Jesus como o Gólgota, o Sepulcro etc.

O cristianismo está marcado em todo o seu processo histórico por essas manifestações, inclusive as que estão antes dele, no contexto do Antigo Testamento, assim como as que marcam a vida terrena de Jesus de Nazaré, no Novo Testamento e tantas outras narradas no período pós-bíblico, como de Maria, dentre elas Guadalupe no México; Fátima, Portugal; Lourdes, na França; Aparecida no Brasil, isso só a título de exemplos. Assim, o espaço tido como sagrado pode ter se constituído a parti de uma manifestação da divindade, ou seja, teofanias, ou escolhidos por outros critérios conforme necessidade do próprio grupo religioso.

Com os processos modernos de aglomerações humanas, onde a população deixa de ser, na sua maioria agrária e passa a inchar as grandes cidades, esses processos de eleição do espaço sagrado também muda de forma e de configurações. É bom ressaltar que estamos analisando aqui o Cristianismo, e de modo específico o catolicismo, para o qual o espaço pode apresentar manifestações ou não.

Obviamente que aparições – e outras manifestações tais como cálices com sangue, hóstias com tecido humano, aparições, sons, vozes etc. – marcam de forma definitiva a sacralidade de um lugar. Nestes lugares, posteriormente se constata que grandes multidões acorrem a eles em busca da experiência do contato com a divindade. Mesmo que esses processos sejam os mais comuns para a constituição de um espaço sagrado, não significa que sejam os únicos, pois no bairro São Vicente tais manifestações não foram constatadas.

No bairro São Vicente a motivação para a eleição e construção do espaço sagrado deu-se a partir da necessidade de formação de uma identidade religiosa do grupo, que pudesse aglutinar os interesses comuns, visto que não tratava de um grupo étnico, mas de um grupo culturalmente heterogêneo constituído a partir de migrações. Uma comunidade constituída por pessoas oriundas dos vários estados brasileiros; alguns indígenas das aldeias próximas e ainda outros oriundos de países vizinhos como Venezuela e Guiana. Isso quer dizer uma mistura de costumes, modos de vida e organização que se encontram num processo novo de reinvenção cultural e religiosa.

Quando falamos de variedade de costumes, nos referimos aos fortes e variantes elementos da cultura brasileira, que nos caracterizam como uma sociedade pluricultural, isto é, no Brasil, cada região, cada estado, mas ao mesmo tempo, reconhecer os vários elementos que dão a ela uma forte unidade, no caso a língua e, na época a qual nos referimos, a religião católica, sendo esta última um fator mais preponderante.

No caso da comunidade de São Vicente essa pluriculturalidade era um fator primordial, por isso que afirmamos que a religião foi preponderante neste processo, pois serviu de ponto de convergência para essa pluralidade, mesmo reconhecendo que, possivelmente, os grupos étnicos tenham tido que passar por um processo de inculturação. Levantamos essa hipótese porque em Roraima a presença indígena é muito forte e um fator também determinante na cultura local, mesmo que esses em vários processos históricos tenham sido colocados à margem. Não é difícil supor que esses também tiveram – como tem até agora – forte participação no processo da formação urbana de Boa Vista. É nessa variedade de expressões que a comunidade do bairro São Vicente teve que descobrir, a partir daquilo que lhe é mais comum (a língua e a religião) os elementos necessários para se organizarem e se estabelecer como comunidade religiosa e como grupo cultural.

2.2. A arte como expressão do sagrado e elemento de socialização.

É na inevitável intuição de organização e na propensão natural de viver em grupo que o indivíduo humano passa a se conceber como tal, passando a construir a

parti de então suas relações, seja com os outros indivíduos, seja com a própria sociedade que ele mesmo estruturou.

É na perspectiva da cultura e da constituição simbólica do espaço religioso católico, e principalmente naquilo que o melhor visualiza, ou seja, no templo, é que nos propomos a trabalhar a questão da arte como expressão da fé dentro da experiência cristã e como ela se impõe como elemento simbólico capaz de demonstrar em cores e imagens a realidade que para o crente somente é possível ver com os olhos da fé. Assim a arte é expressão do anseio pela beleza que comunica o sagrado, concebido pelos cristãos como expressão do verdadeiro belo, constatados nos elementos e nas formas de seus espaço e templos.

2.2.1. Arte e a religião

Toda atividade humana é intencional, por mais repetida que seja, é ação criadora e significativa, portanto, é uma expressão artística. É na dimensão da significação que o indivíduo humano descobre o mundo, transforma-o e cria o seu espaço e nesse processo criador há sempre um forte sentimento religioso, pois quando cria projeta algo para fora de si atribuindo a sua criação um valor espiritual/místico. É aí, segundo Eliade, desde os primeiros momentos em que o homem tomou consciência de sua razão, que essa ação significadora se expressa primordialmente na fé e na arte.

Nos mais arcaicos níveis de cultura, viver como ser humano é em si um ato religioso, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. Em outras palavras, ser – antes tornar-se – um homem significa ser ‘religioso’ (ELIADE; 2010: 13).

Nessa mesma lógica podemos dizer que razão, fé e arte são realidades concomitantes ao ser racional do homem e ambas estão no cerne desta realidade que faz o indivíduo humano ser aquilo que é.

Em outras palavras e entre tantos argumentos, Eliade mostra que a atividade humana desde os primeiros lampejos de razão, desde os primeiros sinais em qualquer

atividade racionalmente planejada o indivíduo humano já se manifestou como ser criativo e religioso, principalmente pela capacidade de simbolizar as coisas e dar sentido as suas ações.

A partir de Eliade, podemos dizer que a religião não é um instrumento criado pelo homem como algo externo a ele, que ele inventou como quem se cria uma ferramenta para melhor pegar sua presa ou mesmo se livrar dos ataques de animais ferozes, a dimensão da religiosidade é inerente ao ser do homem. Isto é “... a experiência do sagrado constitui um elemento na estrutura da consciência, e não uma fase da história da consciência” (ELIADE, 2010: 19).

Para Eliade a religião, é elemento constitutivo da consciência humana, pois esse desde o momento de sua consciência de ser e estar no mundo, mergulha na busca incessante de significar à sua existência e descobrir sua missão racional terrena. E é no esquema dessa consciência de busca que o sagrado irrompe, criando a ideia de oposto naquilo que dele difere, isto é o profano³³. E demonstra que é por meio dessa sensibilidade ou intuição religiosa inerente a existência humana, ou seja desde os primeiros sinais dessa consciência de mundo e de ser, esses indivíduos se fazem concomitantemente um ser criativo, um ser religioso, portanto, um ser humano.

Para Eliade o passo mais significativo no distanciamento do hominídea dos macacos é a conquista da posição vertical, daí todos os horizontes estão abertos, então surge a necessidade de se organizar, de estabelecer um ponto de orientação – como ele disse na obra anterior: não se pode fazer nada sem uma orientação previa, e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo – a partir de um “eixo central ‘alto’/‘baixo’ porque o mundo agora está aberto para todo os lados, não há mais referências, o mundo é algo que necessita de organização. Exatamente nesse emaranhado de direções, nessas múltiplas possibilidades que o indivíduo humano vai se

³³ Abrindo aqui um parêntese e não querendo ser tão óbvio, mesmo sendo, façamos aqui fazer uma argumentação. Se o conceito de profano nasce em oposição ao conceito de sagrado, ambos representam realidades, não só diferentes mais opostas. Se o sagrado representa o santo, divino, perfeito, portanto, o bom, o profano por sua vez representa o malévolo, o imperfeito, o não sagrado, portanto, o mal. Nesses conceitos de oposição se estabelecem dois caminhos que o homem pode tomar, o caminho do bem e o caminho do mal. Consequentemente isso nos leva a entender que aqui está o cerne do conceito da liberdade. Por mais que o indivíduo abomine, rejeite aquilo que se opõe ao bem que ele deseja e constrói, não exclui a possibilidade de optar pelo caminho oposto, aliás, pela condição de sua própria liberdade ele pode perfeitamente optar pelo caminho improvável.

sentir perdido, necessitado de fixar um ponto, uma referência a fim de que possa orientar-se.

Não se pode tomar uma direção partindo do nada. O mundo se organiza a partir do estabelecimento de um ponto fixo, esse dará direções de para onde o indivíduo deve ir. Assim Eliade nos ajuda entender como o “espaço se deixa organizar em volta do ser humano” ao mesmo tempo que oferece pra ele todas as direções situando-o num mundo novo onde todas as possibilidades passam a existir, conseqüentemente, um mundo que precisa ser reinventado, pois nada mais está pronto em volta de si e tudo passará a depender agora de sua capacidade criadora de planejar o seu agir para o dia de amanhã (ELIADE, 2010: 19).

É nessa consciência que o indivíduo também se descobre dentro de um espaço que necessita de ser organizado, isto é, recriado a cada instante de sua existência, adaptá-lo a cada necessidade, e, a cada fase, a cada novo processo de socialização, o indivíduo humano inventa sua vida a partir de sua relação com o seu espaço, seu ambiente de trabalho e das suas convivências.

Assim o homem vai buscando sentido às coisas, procura significado para elas e nelas começa a atribuir/descobrir uma realidade para além de sua percepção visual. Esse significado é carregado de sentidos, sentidos que refletem sonhos, necessidades, desejos e acima de tudo uma relação diferenciado com a realidade experimentada. Exemplo disso pode ser uma montanha, uma pedra, uma árvore, ou mesmo uma pessoa, que a partir dessa experiência significativa pode ganhar um sentido novo e transcender aquilo o que aparenta ser (realmente é), isto é, pode atingir um nível diferenciado de outros de seus iguais e manifestar em si uma realidade nova para o indivíduo significador.

É nessa necessidade de significar as coisas e o mundo que a concepção do sagrado é manifestado no homem, pois nesses processos de significação das realidades e das coisas ou objetos, manifesta acima de tudo um valor sagrado, místico, distintivo da realidade comum.

Como já vimos acima, para Eliade os dois fatores que caracteriza o hominídea e o diferencia do seu ancestral, é a manifestação de uma capacidade intelectual,

manifestada não só no uso de ferramentas, mas na própria capacidades de fabricar tais ferramentas e assim usar alguns utensílios da natureza a transformá-los para a caça e para a pesca, depois aperfeiçoar esses instrumentos a fim de satisfazer suas necessidade, que a realidade lhe impôs e sempre vislumbrando algo mais sofisticado. É nessa capacidade empreendedora que o hominídea vai se distanciando cada vez mais de seus irmãos primatas, até chegar ao homo sapiens.

A necessidade permanente de evoluir mostra o caráter natural dessa espécie em nunca ser um ser acabado, ao contrário, sua genética não lhe oferece um código comportamental para se adaptar ao mundo natural, mas a partir dessa dinâmica em atribuir sentido a tudo, de simbolizar tudo que lhe rodeia, é que ele constrói seus próprios instrumentos de adaptação ao mundo, transformando-o e para ajustá-lo às suas necessidades à medida que transforma a si mesmo.

Assim como Eliade, Berger (1985) estabelece a religião como fornecedora de sentido à realidade. A realidade como empreendimento humano ao mesmo tempo que o indivíduo social se torna fruto dela. Esse indivíduo social, uma espécie que nasce inacabado, que para se realizar como humano necessita dos aparatos da sociedade, aparatos esses que ele mesmo cria, isto é, a interação com a sociedade é o único mecanismo capaz de torná-lo um ser completo. Nesse processo o homem cria a sociedade e a cultura, nesse sentido a sociedade se apresenta numa estrutura muito frágil, pois já nasce para mudar, e somente mudando pode continuar a existir.

Um fator de maior importância para o ser humano nesse processo de significação das coisas é inegavelmente a religião. Pois em nenhum relato que se refere a existência humana em suas experiências sociais, mesmo nas fases mais remotas da pré-história, se encontra alguma forma de vida dessa espécie que não tenha se estruturado socialmente a partir de um conjunto de símbolos e crenças.

A experiência religiosa, isto é, a ideia de algo superior, divino, transcendente, sempre esteve muito presente na vida dos seres humanos desde os tempos mais remotos às civilizações modernas e manifestando-se de grupo para grupos em formas bem diversificadas. O mais impressionante é que as descobertas a respeito das formas de sociedades, mesmo pré-históricas, só são possíveis devido a riqueza dos instrumentos que cada povo deixou como registro de sua existência. Nesses instrumentos encontra

explícita ou implicitamente a expressão da visão de mundo, dos comportamentos, dos modos de vida, das crenças assim como da criatividade artística: nas crenças se estabelece a relação com o sagrado que por sua vez, vai moldando as formas de vida social, oferecendo conjuntos de códigos e de condutas.

O conhecimento a respeito dessas culturas dar-se de modo particular pelas expressões artísticas, que vão sendo encontradas: cerâmicas, desenhos, ferramentas, formas de habitação e outros. Isso para enfatizar o que já fora dito anteriormente: o processo de socialização coincide com a descoberta da religião e processos criativos do homem, se é que se pode falar separadamente desses três processos. “Se aceitamos que arte significa o exercício de atividades tais como a edificação de templos e casa, a realização de pinturas e esculturas, e a tessitura de padrões, nenhum povo existe no mundo sem arte” (GOMBRICH:39).

Não vamos entrar no discurso sobre a função da arte nos povos primitivos e nem seu significado religioso, mas simplesmente nos apoiar em algum argumento que nos justifique a existência desses simultâneos processo de socialização. Mas segundo Gombrich, a arte primitiva tinha uma dimensão simbólica muito grande, principalmente no totemismo pois cada forma, cada cor tinha uma razão e exprimia uma visão de muito particular.

A arte sempre esteve presente na experiência humana, identificada desde as suas primeiras formas de organização social. Do mesmo modo a religião! Portanto podemos dizer que arte e religião são dois fatores concomitantes nos processos de organização social, decorrentes, inclusive, dos sentimentos e anseios citado por Cavalcanti (2012), mesmo que essa não se queira se referir a processos primitivos de expressão da arte.

Para Cavalcanti, a arte como forma de expressão de sentimentos, se assemelha a uma oração, a uma profissão de fé, a um ritual religioso. É algo abstrato, que brota do subconsciente do artista, se sua ‘alma’, como necessidade imperiosa de expressar significados, de exteriorizar o seu sentir, os seus anseios, as suas dores, muitas vezes incompreensíveis, até mesmo para ele (CAVALCANTI, 2012: 11).

Na experiência cristã a arte e religião sempre andaram juntas, nos mais variados gêneros, em todo o percurso de sua história. Se a “religião é um sistema de símbolos”

nela a arte leva a significação particular daquilo que se conceitua como símbolo. Nesse caso queremos dizer que o símbolo na sua forma material não se distinguir de um outro de seus semelhantes, contudo está apto a representar uma realidade totalmente fora de si. Enquanto a arte, no aspecto religioso, portanto a arte sacra, expressa exatamente o modo como o artista enxerga a realidade representado de modo objetivo.

No Cristianismo a arte é, acima de tudo, simbólica, suas formas, suas cores e até os materiais selecionados para a sua composição já são direcionados para o tipo a ser representado, elemento ou natureza que ela deseja retratar. Nesse seguimento a arte não se impõe como adorno estético, vazio e passageiro e muito menos a explora como valor comercial, ela está para além do prazer e do entretenimento. No cristianismo, em particular, a arte representa a busca pela beleza suprema que tem sua origem no Deus criador de todas as coisas.

2.2.2. A arte sacra e arte religiosa.

Para aprofundar esse aspecto da arte como expressão de religiosidade é necessário fazer uma conceituação mais precisa a respeito da arte sagrada ou arte sacra, distinguindo-a da arte religiosa.

Em meio às mudanças tecnológicas, um mundo cada vez mais plural e subjetivo, principalmente na arte, vários estilos e expressões se impõem “... o indivíduo é secularizado e vive em permanente contato com uma diversidade de ritos, mitos e interditos, expressando a complexidade da sociedade, favorecendo a mixagem entre diversos elementos da tradição e os múltiplos fenômenos ocorridos no presente” (CAVALCANTI, 2010: 15).

É, porém, em meio a tantas novidades criativas que seguimentos mais tradicionais buscam sua preservação e continuam a ser expressão de sentimentos religiosos dos mais profundos e sinceros dentro da proposta cristã, na preservação de tradições que se firmaram milenarmente e continuam a dar testemunhos destes tempos mais antigos da tradição cristã, até os nossos dias.

Hoje entendemos que o conceito de arte se propõe a uma leitura aberta a respeito das obras, pois estas se apresentam com uma “... mensagem fundamentalmente ambígua, uma pluralidade de significados que convivem num só significante” e portanto “essa condição constitui característica de toda obra de arte – [...] nas poéticas contemporâneas [...]” (ECO, 2003: 22). Assim Eco classifica a arte contemporânea como desordem, que segundo ele é “... não é desordem cega e incurável, a derrota de toda possibilidade ordenadora, mas a desordem fecunda, cuja positividade nos foi evidenciada pela cultura moderna” (ECO, 2003: 22).

Partindo dessa concepção Eco (2003), evidencia o rompimento da concepção tradicional que alimentava a ideia de uma ordem fixa imutável, regida por leis rígidas e objetivas que mantinham a estrutura do mundo. Essa ideia era expressa em todo ser e fazer social inclusive, e porque não dizer, principalmente na arte e na religião, de modo particular.

Porém, no gênero religioso o aspecto tradicional é sempre muito forte onde as tendências tradicionais objetivas perseveram, se revigoram e se mantem, mesmo que haja fortes tendências a seguimentos mais subjetivos. Contudo buscando compreender a lógica de Eco (2003), podemos afirmar que toda obra por mais que obedeça a uma ordem tão convencional, não escapa a abertura do olho e do espírito de seu crítico, dando essa característica de abertura a todas as obras, “a abertura, entendida como ambiguidade fundamental da mensagem artística, é uma constante de qualquer obra em qualquer tempo”. Contudo ao mesmo tempo diga que a respeito da obra aberta “provavelmente ela não exista na realidade”. Fazendo entender que não se trata de uma “categoria crítica” mas sim de “um modelo hipotético (ECO, 2003: 25).

Partindo dessa reflexão vamos à procura da arte que se expressa no gênero religioso. Essa que por um lado acompanha, em vários aspectos, as tendências contemporâneas e por outro, busca conservar todos seus aparatos tradicionais, canônicos e teológicos de outrora, por isso aqui é bom trabalharmos uma distinção fundamental dentro da religião cristã a respeito da arte: a arte sacra e a arte religiosa.

A arte religiosa é mais subjetiva. Expressa a religiosidade, a visão e a experiência do artista. Está voltada as práticas devocionais e portanto mais apelativas ao sentimentalismo, e expressa em sua linguagem as intenções de seu autor. Ela contém

temas religiosos, mas não expressa uma simbologia que remeta aquilo que é o ideal espiritual revelador que o crente procura, ou seja, ela chama a atenção do seu contemplador para si mesma, não abre caminho para uma transcendência. Assim poderíamos dizer que, a arte religiosa, possui características naturalistas, sendo muito mais apelativa em si mesmo, remetendo o crente a uma experiência religiosa mais romântica e emotiva.

Fazendo a distinção entre arte sagrada e arte religiosa Burckhardt(2004) cita o estilo do Renascimento e do Barroco que mesmo usando temas religiosos não se distinguem dos estilos profanos da época.

[...] absolutamente não se distinguem, enquanto estilo, da arte fundamentalmente profana da mesma época. Emprestar temas da religião, de modo totalmente exterior e, por assim dizer, literário, não é suficiente para outorgar-lhe um caráter sagrado, tampouco os sentimentos devocionais de que se impregna, e nem mesmo a nobreza da alma que nela possa estar sendo retratada (BURCKHARDT, 2004: 17).

Para conceituar a arte sagrada, Burckhardt (2004) diz que “arte é essencialmente forma” e partindo disso ele afirma que “não basta seus temas derivem de uma verdade espiritual. É necessário, também, que sua linguagem formal testemunhe e manifeste essa origem”. Esse autor nos ajuda entender que a arte sacra é comunicadora de realidade que está além do racional, isto é, do conhecimento humano e foge, aos estilos e às características de outros modelos posteriores, ela é simbólica e teocêntrica. Ela não tem a pretensão de ser o centro em si mesma, suas formas são simples, suas cores são opacas, sem nuances e sem efeitos especiais quer expressar algo maior, que não cabe em si mesma.

Portanto, a arte sacra está para o seu artista da mesma forma que a escritura bíblica está para o seu crente, isto é ela acontece não num nível de criação racional, fruto meramente da brilhante criação humana, mas ela se dá num nível muito profundo de centramento espiritual onde o autor jamais atribui como sua a sua obra, nunca como talento pessoal. Em tradições mais radicais, como na arte sacra bizantina, os autores sequer assinam suas obras por se tratar de uma obra não sua, mas de efeito totalmente

inspirado, isto é, ela está no nível da revelação. Ela não se encaixa nos padrões antropológicos, acadêmicos ou líricos, ela é uma arte imaginativa, geométrica e idealista. “Toda arte sagrada baseia-se, pois em uma ciência das formas, ou em outras palavras, no simbolismo imanente às formas” (BURCKHARDT, 2004: 18).

Segundo Burckhardt, não se pode atribuir a toda e qualquer arte com temas religiosos a qualidade de arte sacra, mesmo que essas derivem de uma verdade espiritual. Pois o que determina se uma obra é sacra ou não é a sua linguagem e sim a sua forma. Para esse autor nenhuma categoria de arte pode ser definida como sagrada a menos que esta, em sua forma, reflita a visão espiritual característica da religião da qual provem. “Uma visão espiritual encontra sua expressão, necessariamente, em uma linguagem formal específica”. Pode inclusive haver obras profanas com temas sagrados, mas nunca uma obra sagrada com temas profanos (BURCKHARDT, 2004: 18).

2.2.3 A arte sacra do Cristianismo.

Quando aqui tratamos de arte sacra, já entendemos que este tema é muito amplo e diz respeito a vários gêneros como exemplos podemos citar a plástica, a música, a arquitetura a cênica etc. Também entendemos que este elemento está presente em todas as expressões religiosas, seja nas religiões vivas ou nas já extintas. Como já citamos “a religião é um conjunto de símbolos” (GERTZ, 2013: 68) a arte é a que melhor expressa essa simbologia, pois a arte sacra é por natureza simbólica.

Aqui queremos nos remeter ao cristianismo, e como nesses tempos pós-modernos esse se divide em várias expressões, vale dizer que é o catolicismo que mais nos interessa, até porque no item posterior vamos trabalhar o aspecto da arte bizantina e essa se ocupa em retratar o sagrado por meio de imagens, aspecto totalmente descartado pelas expressões protestantes e evangélicas.

Não temos aqui a pretensão de fazer uma historiografia ou mesmo uma análise profunda de todos os aspectos da arte sacra do cristianismo, pois esse tema também se apresenta com uma abrangência muito grande, mas analisar os fundamentos e a simbólica, isto é, o valor de fé desse estilo na experiência católica.

Se falamos de arte sagrada, é porque paralela a essa existe a arte profana, que também, como vimos anteriormente apresenta temas religiosos e essa, inclusive, empresta à religião suas obras. Mas o sagrado é algo muito distintivo dentro disso e, somente através dele que o indivíduo religioso estabelece um verdadeiro elo de comunicação com o divino absoluto e busca nas coisas visíveis essa referência do sagrado para que com ele esse contato de torne mais sensível.

Por sagrado entende-se, aqui, uma qualidade de poder misterioso e tenebroso, distinto do ser humano e todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência. Essa qualidade pode ser atribuída a objetos naturais e artificiais, a animais, ou a seres humanos, ou às objetivações da cultura humana (BERGUE, 1985: 39).

Assim Bergue nos leva a entender o sagrado como algo exterior ao ser humano e que se distingue de sua realidade, mas ao mesmo tempo o atrai, o envolve e o inclui. Assim este autor corrobora com a noção de que a arte se compõe como elemento primordial para a materialização do sagrado. É nessa dimensão para além do natural que a arte sacra se torna ponte entre o humano e o divino, assumindo uma função mediadora e força simbólica inigualável, proporcionando uma cosmovisão, baseada nas práticas ritual e moral.

Como já frisado acima, no cristianismo a questão da imagem foi sempre uma polêmica entre aceitação e proibição. Já nos séculos VIII e IX, no império bizantino apareceu o movimento iconoclasta³⁴ que proibiam severamente a uso de imagens nas igrejas, e se estendeu séculos depois com a Reforma protestante.

Contudo, no cristianismo a verdadeira arte de inspiração é aquelas que exprimem caráter particular marcados pelos métodos de criação capazes de comunicar uma verdade espiritual. Segundo Burckhardt (2004), a arte sagrada é aquela “de essência teológico, de origem ao mesmo tempo histórica e miraculosa, em conformidade com a natureza particular do cristianismo”.

³⁴ O movimento iconoclasta aconteceu no século VIII, no império Bizantino se deu em decorrência da proibição das imagens.

2.3. A arte bizantina

A arte sempre ocupou um lugar primordial no contexto celebrativo do culto cristão, mesmo, como já vimos, que isso tenho passado e passe ainda hoje por muitas controvérsias a respeito da possibilidade ou não de representar a beleza de Deus, ou sua divindade por meio de elementos artificiais construídos por mãos humanas. No entanto, se mergulharmos no contexto das escrituras bíblica pré-cristã, isto é, no Antigo Testamento, de modo particular no Decálogo do livro do Êxodo, lá vamos encontrar uma legislação taxativamente proibidora de usos de imagens, figuras ou outras simbologias pelo seguidores do judaísmo, como representação de Deus, porém quando nos deparamos com outras passagens como a construção da arca da aliança, a ornamentação da tenda onde deve ficar a arca, as vestuárias, e até a ornamentação do templo de Jerusalém, vemos que para isso são orientado o uso de figuras de leões, touros e até imagens de querubins. Lá nós não só encontramos a arte geométrica e simbólica como também a arte figurativa, como as imagens de querubins, figuras de touros e leões (PUBLIFOLHA, 2012: 4).

Sem querer aqui fazer um discurso proselitista, vale dizer que na bíblia não existe uma norma única para o uso de imagens, isto é, uso da arte em seu sentido mais geral. O que na verdade lá se encontra, é a proibição radicalmente da idolatria, mas isso é uma outra coisa que aqui não vamos nos remeter.

As expressões artísticas sempre estiveram presentes no cristianismo desde seus tempos primitivos. E por causa da perseguição, nos primeiros séculos, os cristãos se reuniam em catacumbas, em residências particulares, as escondidas. Portanto, alguns sinais eram usados em catacumbas, galerias subterrâneas usadas como sepulcros. Essas imagens eram muitos simples, tinham formas de inscrição, códigos na verdade, que serviam de identificação dos lugares cristão. Eram formas muito estilizadamente simples em formas de peixe, pomba, âncora ou uma cruz (PUBLIFOLHA, 2012: 4).

Portanto, com pouca receptividade no mundo palestino o cristianismo entre os séculos I e II encontrou terreno fértil no mundo pagão helênico-romano. Com o fim da era das conquistas, o Império Romano começou a entrar em crise no século III. Nesse período os cristãos eram muito perseguidos, principalmente por negar a divindade do Imperador, e por isso considerados uma ameaça ao Império. Por isso os cristãos se

reunião às escondidas nas catacumbas e nas paredes faziam seus desenhos referentes aos textos bíblicos mas, poucos documentos testemunham essa época (CEDILHO; SOUSA: 2013).

Imagem 7: Pintura encontrada no túmulo de Priscila do final do século III, retratando os três hebreus Sidra, Misac e Abdênago na fornalha ardente por não se prostrarem diante de Nabucodonosor, muito significativo para os cristãos perseguidos pelo Império Romano (PUBLIFOLHA, 2012: 4).



O termo bizantino³⁵ aplicado a essa arte tem sua origem por causa da cidade de Bizâncio, que com a transferência da sede do Império Romano, no ano 330 para o oriente, tornou sua capital e o imperador Constantino que a renomeou de Constantinopla. Como o cristianismo mais tarde vier a ser a religião oficial do império, isso facilitou, conseqüentemente, a expansão e de sua arte (PUBLIFOLHA, 2012: 4).

Com a liberação do culto cristão por Constantino, no ano 313, e a oficialização como religião do Império por Teodósio em 380, o cristianismo passou a ter grande aceitação expandindo por todo império e tornando-se um grande difusor didático da fé por meio da arte, demonstrando também a grandeza do imperador que adquirira caráter sagrado porque governava em nome de Deus. O Império Bizantino encontra seu apogeu no reinado de Justiniano que governou entre os anos 526 a 565 (PUBLIFOLHA, 2012: 4).

³⁵ A arte bizantina é uma expressão artística na igreja até os dias de hoje. É a expressão mais tradicional da arte cristã e que permanece viva até os dias atuais. A sua expressão mais forte e dominante é na Igreja Ortodoxa ou Igreja do Oriente, na Igreja Católica Romana, é menos expressiva mas muito apreciada pelo seu conteúdo e significado.

Em Constantinopla, os cristãos sofreram influência de outras culturas como a greco-romana e a cultura oriental e suas primeiras obras encontram-se principalmente em mosaicos com maior expressividade na cidade de Ravena, perceptível em suas formas.

O uso dessa arte passou a ser muito comum tanto no Oriente como no Ocidente principalmente para a divulgação das narrativas bíblicas como dos valores fundamentais da fé cristã³⁶. Essa arte representava muito mais que um ornamento mas, acima de tudo, como instrumento de conversão para muita gente não letradas e de tradições pagãs.

A partir do século VIII, começou a surgir no oriente algumas correntes contrárias ao uso das imagens na igreja, pois se desconfiava das motivações e da autenticidade das conversões principalmente as advindas do mundo pagão. É portando em 730, no governo de Leão III desencadeou uma campanha contra o uso das imagens, ordenando a destruição delas. Esses movimentos iconoclastas eram influenciados pela visão vétero-testamentária, da proibição das imagens no livro do Êxodo, no capítulo 20, versículo 4. Pois viam na veneração às imagens o perigo da Idolatria. O papa gregório II condenou esse movimento, mas vou em vão e essa controvérsia durou por mais de um século, inclusive com lutas sangrentas e muitas mortes (ZILES, s/d).

O movimento iconoclasta também apresenta outras motivações, além das questões religiosas, inclusive políticas e econômicas.

O culto dos ícones e das relíquias dava muitas vantagens econômicas aos monges que eram seus proprietários. O imperador precisava de um poder central forte e de mais recursos para fazer frente a rápida expansão muçulmana. [...] a expansão muçulmana foi alardeada como um castigo divino aos cristãos, por esse serem coniventes com a idolatria (SCOMPARIM, 2008: 13).

Segundo esse mesmo autor, o movimento iconoclasta passa por dois momentos o anterior e posterior ao Concílio de Nicéia convocado pela imperatriz Irene em 787, que defende que as imagens devem ser expostas e veneradas onde não menciona explicitamente os tipos de imagens mas deixa explícito o uso das pinturas e dos

³⁶ O ícone cristão tinha como temas as passagens bíblicas e os santos e seus exemplos, com a finalidade de transmitir o conteúdo bíblico e ajudar os cristãos nas orações. É uma expressão artística essencialmente simbólica sem pretensões estéticas. A sua utilização estava direcionada primordialmente a função do ensinamento bíblico como para as funções litúrgicas.

mosaicos. Porém o período de paz foi curto, mais tarde o imperador Leão V retomou luta contra os iconófilos. O restabelecimento definitivo do culto a imagem acontece a partir de 1843.

A proibição de imagens nas práticas religiosas no Antigo Testamento é mais que evidente, pois de modo geral, mesmo que houvesse ornamentos nas sinagogas, templos, arca da aliança elas não estavam configuradas a objetos de culto. Porque? A resposta é simples. A mentalidade religiosa vétero-testamentária está baseado num deus que não se pode ver nem tocar, assim construir quaisquer imagens, pintada ou esculpida, não poderia representar nem por analogia a realidade divina, por isso consideravam idolatria, culto ou adoração a qualquer imagem ou esculturas apresentadas como categoria de sagrada.

Para o cristianismo essa leitura passa por outra lógica. Seguindo a lógica da encarnação apresentada pelos Evangelhos, a pessoa de Jesus de Nazaré é concebida como a encarnação de filho de Deus, isto é, a materialização da segunda pessoa trinitária, portanto Deus mesmo, imagem viva, representado na figura humana. Portanto, sendo Deus agora visível, pode ser representado por meio das figuras artísticas, não de um jeito qualquer a gosto de cada um, mas obedecendo regras rígidas em sua composição.

A tradição da imagem sagrada refere-se a alguns protótipos determinados, histórico de certo modo. Compreende uma doutrina, ou seja, uma definição dogmática da imagem, e um método artístico, que permite a reprodução desses protótipos conforme seu sentido (BURCKHARDT, 2010: 104).

A iconografia é uma expressão artística particular que nasce na pratica de culto da Igreja cristã, e que terá sua expressão maior na tradição ortodoxa oriental, e que carrega consigo uma história, uma tradição, um simbolismo e uma teologia que lhe são próprios e de modo geral está estritamente ligado a história, a história da arte e a arte mesma.

Com o cisma do século XI, a Igreja ficou dividida entre a Igreja Romana (ou ocidental, latina) e a Igreja Ortodoxa (oriental, bizantina). O Oriente soube bem preservar a sua ortodoxia inclusive na arte, no ocidente a arte seguiu as tendências

naturalistas e antropocêntrica com temas religiosos, o que permitiu a subjetivismo e a secularização da arte na Igreja (ANTUNES; 2010: 48).

Os protestantes, a partir da Reforma no século XVI, se opondo a arte plástica, por seguirem a minha vétero-testamentária da proibição das imagens, investiram na música, Igreja Católica contra-ataca com o triunfalismo e a sensualidade do barroco e do rococó (ANTUNES; 2010: 48).

Essa expressão artística é fruto de refinamento e do patrocínio dos nobres e burgueses da época e não se configura com a simplicidade e o simbolismo teológico da arte oriental, digo da arte bizantina. Mas esse subjetivo na arte da Igreja, que é classificado pelos adeptos da arte sacra e seus críticos apontam essa arte como religiosa e não arte sacra, como já descrevemos no item anterior.

2.3.1 A importância da arte bizantina para a Igreja Cristã

A experiência dos cristãos ocidentais com a arte bizantina é muito restrita, por tanto, pouco compreensível. Por se tratar de uma arte que tem uma grande carga de códigos e regras, pensa-se que ela não se interessa pelo novo e limita a criatividade de seu artesão e isso é um equívoco, mesmo que as correntes mais tradicionais se ocupem em releituras de obras clássicas, cada ícone é sempre uma expressão nova e carrega os traços característicos de seu artesão, mesmo que isso não seja muito perceptível para os mais leigos nesse conhecimento. Portanto essa arte não morreu, não é uma tendência que ficou no passado, existem escolas e ateliês dessa arte espalhadas pelo mundo todo, mesmo que seja pouco difundida.

Entre os séculos I e III, o cristianismo não passava de uma seita, para muitos perigosa, uma religião clandestina e por isso digna de perseguição, chegando a sua fase mais violenta no governo de Diocleciano, que governou entre os anos 284 a 3013 (FOLHA). Somente com o fim da perseguição, no governo de Constantino, a partir do ano 313 que os cristãos ganharam liberdade de culto e expressão.

Proclamada como religião oficial do império, por Teodósio, o cristianismo ganhara visibilidade, e precisava agora de uma linguagem, uma didática uma sistematização mais elaborada para a propagação de sua mensagem.

[...] após um século de repressão, as pinturas de igreja não podiam mais ser encaradas como mera ilustração para uso de analfabetos. Eram consideradas reflexos misteriosos do mundo sobrenatural. Portanto, a Igreja Oriental não pode continuar permitindo ao artista que seguisse a sua fantasia na criação dessas obras (GOMBRICH, 2011: 138).

Na leitura do autor a cima percebemos que a arte bizantina tinha uma importância muito grande para o cristianismo, além de ser objeto de culto, suporte para a vida espiritual. Para a Igreja, de modo geral, a arte iconográfica carrega consigo história, simbolismo, teologia, tradição e arte, portanto descrevê-la para um não crente, se torna uma tarefa difícil ou porque não dizer impossível.

O Ícone bizantino, é essencialmente simbólico, pois ele é em si mesmo a presença daquilo que o simboliza. É uma arte que não nasceu para si mesma, mas para a Igreja e desde a Igreja. Ela nasceu para as necessidades e finalidades da igreja.

Para os cristãos, de modo particular os orientais, os ícones não são simples objeto de culto, mas instrumento de que demonstram o poder estimulante e um verdadeiro ponto de apoio para os crentes, no exercício de suas orações. [...] é uma representação munida de uma função intercessora, por isso, não pode ser objeto de livre interpretação dos artistas, pois eles devem ser o próprio testemunho da realidade (TOMMASO, s/d: 8).

Assim, constatamos que o ícone não se trata de uma criação subjetiva sem destinação específica ou um mero objeto de adorno para deleite ou prazer estético. Ela é construída a partir de normas ou cânones que assegura seu valor simbólico, teológico e espiritual, portanto, sua finalidade objetiva.

Para compreender a arte sacra iconográfica, fazer uma leitura coerente de um ícone, são necessárias algumas sensibilidades. Além dos dons artísticos, algum conhecimento teológico e acima de tudo uma boa experiência de espiritualidade cristã, e isso faz a arte bizantina ser especial, rara e especial, segundo a mesma autora, ela exige a combinação de dois dons também raros numa mesma pessoa.

A pintura dos ícones é um testemunho além dos seus aspectos: ele não demonstra, ele mostra. Ela não coage a aceitar suas provas: ela convence e vence pelas próprias evidências. A pintura de ícones não

admite sensualidade nas imagens que são formais, abstratas, esquemáticas, não são mais que cores e formas. Vida representar uma efígie, não uma face. Um ícone não conhece três dimensões, ele não tem profundidade, mas de contenta, [...] com uma representação plana e de uma perspectiva inversa, o que exclui a sensualidade e leva à predominância das formas e das cores e de seu simbolismo (TOMMASO, s/d: 8).

A técnica iconográfica é muito antiga, provavelmente nasceu no mundo egípcio. Na arte cristã primitiva até o final o século VII se usava a encausta como aglutinador para os pigmentos, mas a partir disso, com o fim dos movimentos iconoclastas passou a usar a têmpera de ovo³⁷, e se pintava – pinta-se assim ainda hoje – sobre tábuas.

Por fim podemos dizer que a arte bizantina, nos primeiros séculos de sua existência, exerceu função fundamental na fé cristã e na sua expansão como elemento de transmissão da mensagem da fé cristã, atraindo para novos adeptos, principalmente do mundo pagão, assim também como instrumento de veneração e alimento espiritual para os cristãos convertidos que viam neles a presença mesmo de da realidade representada. Para eles, principalmente num mundo ortodoxo, está diante de um ícone é esta diante de uma mediação, imediata e eficaz, da presença do próprio Deus, ou da realidade sagrada que ele representa. Esta prática espiritual permanece até hoje.

No ocidente, a arte sacra iconográfica, passou por longo período de decadência, com uma predominância da arte religiosa. Esta sua se caracteriza principalmente pela subjetividade do artista, que transfere para ela características de sentimentalismo, pieguice e pouco conteúdo da fé cristã.

No decorrer de todos esses séculos tendo passado a arte por inúmeras tendências, já que ela é fruto de cada época. A arte sacra ou religiosa do mundo cristão, principalmente as artes plásticas estão em busca de uma identidade que fuja à poluição visual dos tempos pós-modernos. Obviamente num tempo de iniciativas tão subjetivas é inevitável que a arte cristã também adquira muitas faces, isto é, se expresse das mais variadas maneiras buscando sempre uma coerência com a espiritualidade dos crentes. Onde sua expressão não expresse sentimentos que não remetam a experiência de espiritualidade, mesmo que sejam em intensidades diferente, de crente para crente. No

³⁷ A encausta trata-se de uma técnica onde se usava cera de abelha como aglutinante para os pigmentos, usados com pincel ou uma espátula quente. Já a têmpera é uma emulsão feita a base da gema do ovo solvido em duas quantidades de vinho branco e seco. Quando descobriram essa técnica, inicialmente, usavam a gema diluída na água e na própria clara, mas por questão de conservação e durabilidade passou-se a fazer com vinho.

Brasil de forma bem evidente no meio religioso tem se destacado como artista sacro Cláudio Pastro, com inúmeras obras dentro e fora do Brasil, mas com ele tantas outras expressões não só na arte plástica como também na arquitetura e que permanecem anônimos, mas que são artífices do verdadeiro belo inspirado na beleza da experiência espiritual cristã.

A arte sacra hoje, busca sua inspiração, tanto voltando as fontes, bebendo da arte oriental, como nas orientações do Concílio Vaticano II que em vários textos de seu compêndio fala, dentre outras palavras, das novas realidades, das variedades culturais e do respeito e adaptação e elas. “Como Cristo por sua encarnação se ligou às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu, assim a igreja deve inserir-se em todas essas sociedades...” (COMPENDIO VATICANO II). “A Igreja fiel a própria tradição e simultaneamente consciente de sua missão universal ela pode entrar em comunhão com as diversas formas de cultura...” (Idem.). Essas duas citações são somente ilustrações para indicar que se a “... arte sacra contemporânea não quer somente ser expressão de lugares belos ou de espaços grandiosos, mas quer dar a possibilidade de oferta à comunidade crente expressões criativas que sejam manifestações luminosas da vida em unidade com a cultura e a comunidade”. (ANTUNES, 2010: 124).

Assim, a arte sacra nos dias de hoje deve buscar maior comunicação com a vida e a espiritualidade do indivíduo religioso, resguardando o sagrado nas experiências desse como ser no mundo, mas, num mundo que se apresenta das formas mais variadas possíveis. A realidade desse mundo que quanto mais heterogêneo, mais efêmero, mas passageiro, onde o ser humano necessita ainda de forma mais intensa de valores que o faça transcender a própria realidade de indigência.

3. A IGREJA NOSSA SENHORA CONSOLATA: NOVAS FORMAS E NOVOS SÍMBOLOS

O espaço sagrado da igreja Nossa Senhora Consolata foi se constituindo a partir do início da década de 1970, como já demonstrado no capítulo primeiro deste trabalho. A comunidade que no início da década, elegeu Vicente de Paulo como padroeiro, agora se intitula Nossa Senhora Consolata. É importante salientar que não encontramos elementos nos argumentos das pessoas entrevistadas que justificasse claramente tal mudança. Mesmo não encontrando elementos factíveis para essa mudança de padroeiro, podemos sugerir que esta foi motivada pelos seguintes fatores: a) a decadência e fechamento das Conferências Vicentinas, primeira responsável pelo serviço de evangelização e assistência à comunidade no início dos anos de 1970; b) A forte devoção a Nossa Senhora Consolata, incentivado pelos missionários da congregação que tem a referida santa como patrona.

Tendo, pois, as Conferências Vicentinas cessado o seu trabalho naquela comunidade, os Missionários da Consolata deixam de contar com a colaboração desse grupo de leigos, assumindo com outras lideranças comunitárias o serviço de evangelização na comunidade. Como a comunidade estava se expandindo, surgiu a necessidade de ampliação do espaço de culto. Daí a escolha de um outro terreno mais central, mais expansivo e funcional para uma futura construção de uma nova igreja. A princípio, com a delimitação desse outro espaço e com construções de algumas estruturas provisórias foi processualmente se caracterizando um novo lugar de culto da comunidade do bairro, substituindo a igreja de São Vicente de Paulo, que a cada dia se tornava insuficiente para acomodar a demanda dos fiéis. Esse processo culminou com a construção definitiva da igreja não dedicada a Vicente de Paulo, mas a Nossa Senhora Consolata no ano de 1983. É válido ressaltar que a princípio não havia a intenção de fechar a Comunidade de São Vicente, mas devido ao crescimento do bairro, com mais pessoas ligadas a nova comunidade que surgia, a antiga comunidade foi entrando em decadência e, conseqüentemente, fechada anos depois.

Esse processo que fez a comunidade do Bairro São Vicente escolher outro espaço, um novo padroeiro e construir um novo templo, foi, de alguma forma, conseqüência da mudança na paisagem urbanística da cidade de Boa Vista. O bairro São Vicente significou no momento de sua expansão, a superação dos limites urbanos da

cidade, que precisava se crescer e ganhar as características próprias de uma cidade capital. Era um novo espaço que reconfigurava-se na cidade de Boa Vista, pela presença de migrantes nordestinos, militares e outros profissionais que vinham para ocupar os novos lotes e o conjunto do BNH (Banco Nacional de Habitação), que davam nova forma ao pequeno, mas notável, bairro São Vicente, que se expandia na cidade para além do Igarapé do Caxangá, do alto do Calungá.

Configurando um novo território, conseqüentemente a comunidade religiosa percebe a necessidade de repensar o seu espaço de culto. A igreja que fora construída e dedicada a São Vicente de Paulo já não mais atendia às necessidades do grupo religioso que passara a crescer de forma mais acelerada.

Com a escolha de um novo espaço para a construção de um novo templo, por influências dos padres e das freiras que davam assistência religiosa no local, a substituição do padroeiro era eminente. Na verdade, inicialmente, a intenção era fundar uma paróquia nova na cidade de Boa Vista, no bairro São Vicente e construir um templo maior que a sediasse (DIOCESE DE RORAIMA, sd). Não é evidente a intenção de fechar a igreja de São Vicente, o que nos leva intuir que nesse bairro havia demanda para as duas igrejas. Mas como o já exposto, a comunidade nova que se iniciou na primeira metade da década de 1970 superou o contingente humano da primeira configuração do bairro, e conseqüentemente a extensão territorial, e que levou a supressão da igreja de São Vicente de Paulo. Essa reconfiguração da comunidade católica naqueles anos coincidia com as celebrações do jubileu de prata de presença desses padres e dessas freiras, na Diocese de Roraima ambos missionários do Instituto Missões Consolata³⁸: os padres que chegaram em 1948 e as irmãs dois anos depois. Isso

³⁸ O instituto missões Consolata e o Irmãs Missionárias da Consolata, juntamente com o bispo diocese Aldo Mongiano, também oriundo do mesmo instituto, foram os grandes responsáveis pelas organizações das instituições dos povos indígenas do extremo norte do país. Grandes incentivadores dos projetos de demarcação das áreas indígenas inclusive a mais polêmica de todas, a Raposa Serra do Sol. Por conta disso, muitas vezes foram difamados perseguidos por políticos e organizações locais, muitos desses detentores dos meios de comunicação, exercendo grande poder na opinião pública, criando uma verdadeira aversão as comunidades católicas, de forma mais vivível à Diocese e aos referidos Institutos religiosos. Obviamente que a Igreja contava com o apoio de seus fiéis, mas ao mesmo tempo as opiniões eram bem divididas. A perseguição deu-se muitas vezes de forma muito explícita com propostas de violência extrema em programas de rádio, e em propagandas difamatórias à Diocese em grandes placas de outdoor espalhadas por todo perímetro urbano da cidade de Boa Vista, mas isso nunca intimidou ou diminuiu a luta dos povos indígenas e muito menos o esforço da Diocese e seus missionários na defesa dos direitos dos povos indígenas daquelas terras. Esses homens e mulheres deram grandes contribuições às lutas dos Direitos humanos principalmente no que diz respeito aos povos indígenas dessa região e o reconhecimento do direito de posse as suas terras. Esses religiosos somente a partir da década de 1990,

poderia ter sido uma outra motivação para tal mudança, uma forma de reconhecer o trabalho prestado à sociedade Roraimense por esses grupos religiosos, como nos sugere Martins (anexo D).

Os religiosos acima citados, até então, eram os únicos responsáveis por todo atendimento religioso em todo o Território de Roraima, como presença religiosa institucional, isto é, tanto nas áreas indígenas, como nas colônias agrícolas, nos pequenos municípios, assim como na capital Boa Vista. Conseqüentemente, surge a necessidade de algo que represente de forma visivelmente sólida, a presença desses missionários na Diocese, principalmente na capital Boa Vista, portanto eleger a Santa padroeira, desses missionários era uma forma de reconhecer, inclusive pela comunidade cível, a importância desses nessa região, cujo serviços se estendiam para além das funções religiosas, principalmente com grande colaboração nos setores da educação e da saúde.

É importante dizer que neste período os templos católicos existentes na cidade de Boa Vista eram: Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo e capelinha de São Sebastião, ambas construída na década de 1920 pelos Beneditinos; Catedral Cristo Redentor, concluída em 1972, as igrejas de São Francisco, São Pedro e de São Vicente, construídas na década de 1960, pelos Missionários da Consolata. No que diz respeito ao estilo arquitetônico destes templos, somente as Igreja Matriz, São Sebastião e Catedral, possuem uma arquitetura que se diferencia das demais. Mesmos em estilos distintos trazem em seus traços arquitetônicos características próprias da arquitetura sacra. As demais apresentam características simples em seu estilo, sendo igrejas pequenas, variando entre 200 a 300m² em extensão construída, sem muito requinte arquitetônico, dando uma percepção da pouca perspectiva no aumento da população. A menor entre elas era/é a Igreja de São Vicente.

passaram a contar, nessa mesma luta, com outras congregações religiosas, como a Ordem dos Frades Menores, as Irmãs Servas do Espírito, as Irmãs da Providências de GAP e as Filhas da Caridade, essas últimas filhas de São Vicente de Paulo. Além das campanhas difamatórias verdadeiras perseguições e situações de violências foram registradas na história dessa Igreja, entre elas sequestro de missionários, irmãs enxotadas, por quilômetros a fio seguidas por grupo de pessoas, sendo achincalhadas por todas as formas de insultos, xingamentos e humilhação, postos médicos, escolas, residências, casas de apoio às missões queimadas, pontes de acesso as aldeias, entre outras. Além disso os missionários e missionárias da Consolata exerceram atividades de grande importância na comunidade boavistense. Principalmente na área da saúde e educação.

Com exceção da Igreja Catedral, os templos católicos de Boa Vista, tudo nos leva a intuir, foram pensados sempre a partir da demanda da população da época, parece não ter havido uma preocupação com o futuro em relação ao aumento de seus habitantes, pois até então o número daqueles que arriscavam a chegar lá, era bem irrisório.

Nesse aspecto a Igreja da Consolata se caracterizou consideravelmente diferente em relação as demais: uma igreja grande (com 512m² de extensão), apresentava 12 portas que davam acesso pelas laterais, seis de cada lado. Se comparada com os outros templos de Boa Vista essa se apresenta bem diferenciada em suas proporções. A arquitetura da Igreja da Consolata se apresentava de um certo modo ousada, para as condições locais da época, inclusive com grande disparidade em relação a realidade financeira da comunidade, mas, como já vimos nos capítulos anteriores, a aventura, a determinação e a ousadia são características típicas das maiorias das pessoas que se arriscam a migrarem de território. Assim como esse povo, a Igreja da Consolata, carrega desde a sua primeira versão, esses traços da transitoriedade e do indefinido muito característico da realidade migrante.

Ao nos referir aos traços de transitoriedade da igreja, queremos lembrar seu próprio processo de construção. Primeiramente por não ter sido construída prescindindo de detalhes, como sugeria seu projeto original, e segundo, foi que ao longo dos anos foram agregados elementos em sua arquitetura a fim de caracterizá-lo melhor como espaço de culto católico. O exemplo disso, foi a construção posterior da parede de fundo com nichos onde foram colocadas as imagens; outro, o piso que nunca fora concluído.³⁹ Essa situação, coloca o templo na mesma condição dos fiéis, pois estes, também buscavam elementos comuns, a fim de construir uma identidade religiosa como grupo, ou seja, como comunidade religiosa. Portanto, aos poucos, fiéis e comunidade foram se construindo, os primeiros construindo sua identidade religiosa e a segunda buscando em uma arquitetura religiosa elementos que melhor expressem essa identidade.

O Padre responsável pela recém-criada paróquia, no fim da década de 1970, foi, conseqüentemente, o responsável pela construção do templo que a sediaria, esse padre chamava-se Bruno Marcon, italiano, e também membro do Instituto Missões Consolata. Este foi o grande mentor de todo o processo de construção deste novo templo,

³⁹ Conforme pode ser observado na imagem 09, a seguir.

juntamente com as missionárias Evelia Garino e Lisadeli Mantoec.⁴⁰ Além desses, as famílias que compunham a comunidade paroquial, a maioria destas oriunda de estados nordestinos, que não mediram esforço nesse empreendimento ousado, dentre estas famílias destacamos, Rufino e Rodrigues oriundos do Ceará; Vasconcelos de Pernambuco; Mendonça do Piauí; família Melo, e outras não identificadas, cuja colaboração foi importante e fundamental para a realização da daquela obra.

É a nova conjuntura de crescimento da cidade, e, a cima de tudo a nova configuração do bairro que, conseqüentemente vai influenciar na nova percepção do templo sagrado. Com proporções diferenciadas das demais, esse novo templo, na época, é pensado a partir da demanda que chega ao mesmo tempo em que deseja ser uma nova, mesmo que modesta, tendência na arquitetura sacra da cidade.

Este templo, mesmo grande e ousado, mas, ao mesmo tempo com características simples em sua estética, é fruto de uma realidade social e eclesial própria de sua época e desse lugar, mas que ao mesmo tempo, já trouxe em si algumas características simbólicas próprias dos templos cristãos, demonstrando que, aos poucos esse grupo está mais fixo, mais sedentário, isto é, um grupo social que está cada dia mais encontrando-se e refazendo-se nesse processo histórico.

Mesmo assim, a estrutura arquitetônica da Igreja Nossa Senhora Consolata, expressam a ideia do passageiro, do contingente, da mobilidade, isto é uma comunidade que ainda está descobrindo a sua identidade, refazendo-se em cada processo e se firmando como grupo, como comunidade. São suas características físicas que nos levam a essas intuições. Tendo a forma retangular, ela foi projetada a partir da forma geométrica do quadrado como diz Pastro: "o quadrado é a materialização do espaço. São os limites do próprio espaço, do criado, da terra, do 'aqui'. É o senso de locomoção, movimento e orientação" (PASTRO, 2008: 17). Nesse sentido, é o quadrado que revela o homem, o indivíduo limitado que toma para si e sobre si, e representa também, a contingência do espaço, representa a terra, isto é, a ordem material das coisas (BANGS, 2010: 222).

É, portanto nesse aspecto simbólico que a grande e nova Igreja da década de 1980, tem os traços do seu povo. Traços estes, marcado como já dissemos acima, pela transitoriedade e por identidades individuais ou mesmo de pequenos grupos familiares

⁴⁰ Livro Tombo I, da Paróquia Nossa Senhora Consolata.

que se colocam dentro de um processo novo, em uma nova realidade social, onde todos buscavam se firmar em uma nova identidade sócio religiosa, assimilando os elementos culturais diferentes, mas, acima de tudo, reconhecendo os elementos comuns que os uniam. Assim, então, se ergueu a Igreja Nossa Senhora Consolata, com sua única porta frontal, típica de residências de alguns lugares do interior do Nordeste, com paredes laterais que se elevam forjando duas torres e entre essas a cumeeira que se erguia em forma triangular em direção ao alto onde na parte frontal do seu cume apoiaria a imagem da padroeira⁴¹.

Além dessas, outra característica importante é a abertura de doze portas laterais, seis para a nascente e seis para o poente. O número doze traz consigo uma carga simbólica muito grande na experiência bíblica: primeiramente remetem as doze tribos de Israel que se organizou após a conquista da “terra prometida”, assim, este templo traz também para a comunidade em volta de si, o significado de um povo que após a longa experiência do êxodo também encontrou a sua terra prometida; também significa o número dos apóstolos de Jesus, isto é, o grupo dos doze mais próximos e fiéis seguidores do Nazareno⁴², que deram sustento ao cristianismo primitivo.

Partindo dessas características, podemos dizer que essas doze portas significam uma igreja que se abre as perspectivas dos moradores da comunidade, um espaço que acolhe o povo que chega e que permanece aberta aos que vão; alarga-se no geográfico humano e acompanha o movimento de construção das novas casas, do território que ganhava visibilidade e ao mesmo tempo indicava uma cidade que cresce e apontava para novos tempos.

Assim, a Igreja da Consolata irrompe, não só como espaço sacro novo, mas revela de certo modo, a nova configuração física, territorial, humana e cultural que emerge na cidade naqueles anos.

Uma das características que mais assemelham a Igreja da Consolata à realidade da comunidade em volta de si é que essa nunca se configurou como uma obra pronta, acabada e, exatamente o seu aspecto inacabado, aberto que apontaram para possíveis

⁴¹ Esta é outra característica que demonstra esse processo de construção contínuo, do forjar arquitetônico da igreja Nossa Senhora Consolata. Consta-nos que somente no ano de 1989 a Imagem foi colocada na fachada frontal, no lugar a ela destinado (ver anexo N)

⁴² Trabalharemos a simbólica do número 12, mais tarde quando falarmos das formas geométricas da igreja.

e novas formas, tanto para arquitetura sacra local assim como as transformações paisagísticas que a cidade de Boa Vista, como um todo passava a enfrentar a partir de então, é o que este trabalho tem apontado e defendido, pois, é nessa perspectiva da transitoriedade que delimita e confirma nosso argumento de que a migração, a expansão e crescimento da cidade influenciou o espaço sacro religioso da Igreja da Consolata, pois sem essa premissa de espaço, inacabado, não pronto, ainda transitório, não nos teria permitido uma nova reconfiguração deste templo outrora planejado e realizado como vemos.

A Igreja da Consolata é um dos testemunhos de que o ser humano no seu espaço e no seu tempo expressa até nas linhas e nas formas de sua arquitetura o seu modo próprio de ser e de viver: nesse caso um povo novo, povo migrante e urbano mas com características rurais. Um grupo novo de pessoas, cuja característica social mais evidente nesse momento, é do ainda não estabelecido, do provisório, portanto um povo aberto, dinâmico e criativo em busca de uma identidade de grupo social e religioso.

É partindo dessas características, que identificamos o estilo próprio da primeira versão do templo anterior desta comunidade religiosa. Mesmo sendo uma construção que se destacava diante das demais construídas na mesma época, tanto em seus aspectos arquitetônicos como em extensão, já que era uma igreja grande, volumosa; assim como no aspecto simbólico, com algumas linhas, nichos, e o número doze representados pelas portas laterais. Mesmo assim, essa igreja seguia de alguma forma uma certa tendência das outras, o seu interior não passava de um grande salão retangular, com o presbitério num dos extremos do salão distanciando-se da assembleia, demonstrando ainda, um nítido aspecto da verticalidade eclesial. Obviamente que se torna impossível mudar esse aspecto retangular sem intervir na estrutura básica que lá já havia. Mesmo assim, a partir dos elementos que foram agregados como a transformação das portas em arcos, o aspecto circular que foi dado a parede de fundo, as linhas circulares desenhadas no piso e a suspensão do teto fizeram com que esse ambiente de estrutura retangular ganhasse uma expressão circular;

Ao ressaltar estas características da Igreja, não temos a intenção de menosprezá-la ou diminuí-la em sua versão anterior, pois cada igreja tem seu próprio estilo, sendo este de acordo com a época, situação histórica e a necessidade espiritual dos fiéis. Assim sendo, coincidimos com Machado (2007) quando afirma que o estilo de uma

igreja deve estar de acordo com a época e a necessidade temporal e espiritual de seus fiéis em no determinado momento histórico, pois é aí nesse espaço de espiritualidade que o divino ecoa no coração de seus fiéis. Assim sendo, entendemos que cada grupo humano tem suas características próprias e, conseqüentemente, irá produzir uma arquitetura dando origem uma variedade de formas de organizar o espaço de culto e nele a presença de características que são próprias da realidade presente. É portanto, nesse sentido que entendemos e percebemos o templo da comunidade Nossa Senhora Consolata tanto na sua primeira como na atual versão. Um templo que traz em si expressão das características do grupo humano que aí se estabeleceu. Estas expressões podem ser visualizadas nas imagens abaixo.

Imagem 8: Fachada frontal e lateral da igreja Nossa Senhora Consolata, antes da reforma em 2012.



2012, Acervo nosso

Imagem 9: Interior da mesma Igreja, antes da reforma.



2012, acervo nosso.

Nas imagens acima podemos observar aquilo que fora dito anteriormente. Mesmo que nela tenha havido um esforço de expressar uma arquitetura diferenciada apresentando, mesmo que timidamente, alguns aspectos simbólicos como nos volumes das colunas, que significa a força da fé que mantem em pé o edifício sagrado, as linhas e a forma triangular como referência à Trindade, os sinos, a cruz na lateral e a imagem da santa padroeira ao centro, sentimos que havia a possibilidade para uma nova configuração arquitetônica onde os símbolos existentes pudessem ser melhor explorados assim como a introdução de outros elementos que ajudasse a enfatizar melhor o aspecto simbólico da fé. Aqui mais uma vez concordamos com Machado (2007) quando afirma que o foi simbólico e funcional em um período pode não ser mais na atualidade.

O interior da Igreja demonstrada na imagem 8, acima, nos dar a visualização dos poucos detalhes, nichos ao fundo com as imagens: a Padroeira ao centro, São Vicente de Paulo, padroeiro da primeira igreja do bairro a esquerda, e a direita o Sagrado Coração de Jesus. Podemos observar a imagem da virgem centralizada tanto no presbitério como

parte superior da fachada, que a caracteriza como um templo Mariocêntrico, a nítida impressão da intenção de popularizar a devoção a Santo dos Missionários.

Esse espaço permaneceu assim até o início do de 2012. Com a minha nomeação como pároco desta paróquia desde janeiro de 2009, e esse juntamente com a comunidade passou a desejar que esse templo passasse por um processo de adequação as necessidades litúrgicas, por dois motivos principais: as exigências de demanda, para a qual o espaço tornara-se insuficiente e, uma igreja mais expressiva em seus aspectos estético e simbólico mais condizentes às exigências da litúrgicas da religião católica.

No modo como se compôs esse espaço reformado, tomando como base a estrutura anterior, partimos da nova conjuntura em que agora o bairro se encontra, uma comunidade mais segura, sedentária, com uma geografia humana melhor definida. A nova estética arquitetônica e ambiental que agora a igreja da Consolata quer apresentar no seu pós-reforma, se configura hoje com o ser mais definido, estável e sedentário em que a comunidade de um modo geral se encontra, que reflete a superação do transitório e do indefinido que se faz evidente nas sociedades ainda desestruturadas na base de sua organização social.

O espaço reformado recriou em suas perspectivas um novo ambiente visando corresponder de forma mais eloquente aos anseios de fé da comunidade. Pela estética simbólica em que se constituiu percebe-se um ambiente de culto mais convidativo, percebendo grande harmonia em suas formas, cores e imagens (ícones), propiciando a contemplação e o silêncio, perfeitamente perceptível nos contextos celebrativo da comunidade.

É válido ressaltar que esta percepção de mudança na prática de fé dos fieis, foi constatada por nossa própria experiência como pároco da comunidade, pois depois da reforma, percebemos que a nova forma dada ao ambiente, assim como, sua iluminação, além de outros aspectos proporcionou a comunidade, uma maior interação dos fieis com o espaço sagrado, e conseqüentemente com Deus. Nesse sentido corroboramos o que diz Machado (2007) ao se referir a arquitetura. Segunda esta autora, a arquitetura deve estar a serviço do anseio da comunidade, anseio de um mundo novo, de comunhão e fraternidade, de solidariedade e partilha, de silencio e recolhimento, que proporcione um viver na justiça e a negação das rivalidades, das indiferenças, do individualismo e da reclusão.

Ressaltamos que nesta reforma conservou-se toda a estrutura básica do templo, que na verdade foi feita a recriação do espaço a partir daquilo que já havia. O quadrado frio e estático que nele continha foi agora invadido e tomado pelo circular. Isso equivale dizer que agora o humano do nomadismo, das incertezas e inseguranças acolhe no meio de si o absoluto, o divino representado pelas formas circulares. É o Deus todo poderoso que irrompe na vida e traz a certeza que esse é o lugar. De certo modo ele representa o homem, ainda no mundo, sem espaço e que de certo modo grita pelo divino e o divino responde e invade. Assim, esse processo de resposta demonstra que com ele o indivíduo realmente se recria, se refaz e se harmoniza.

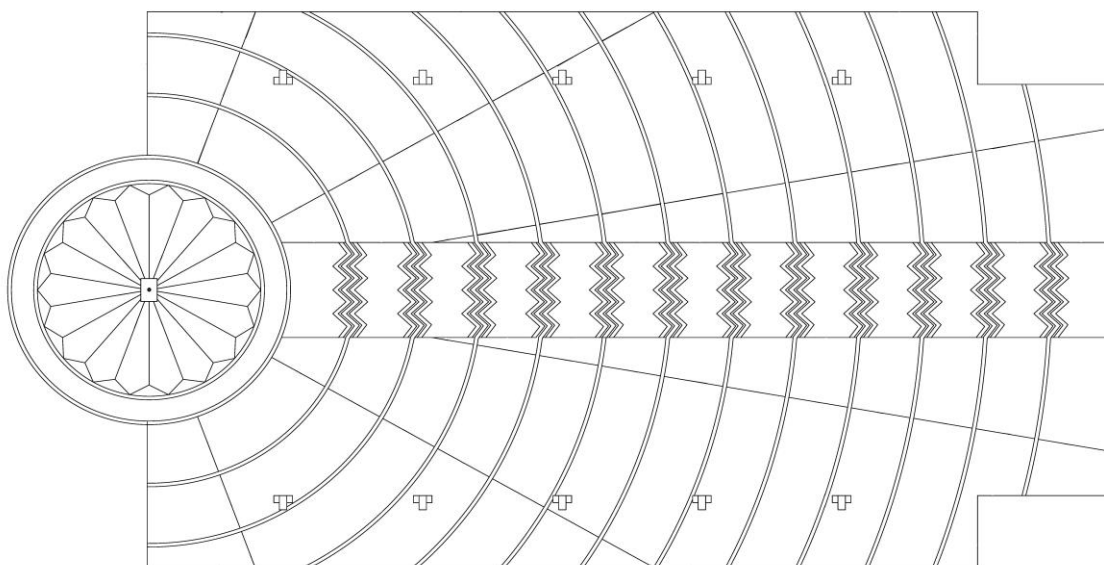
Nesse espaço, o divino – representado no circular, nos arcos e nos ícones – invade o humano e inaugura uma nova expressão na sacralidade. A nova arquitetura da igreja da Nossa Senhora Consolata é naquele mundo humanamente caótico – do quadrado sólido, não dinâmico, estático e relativo – a presença do divino que vem até os homens e através das formas geométricas do círculo e do triângulo e se faz mostrar e tocar-se, de modo especial nos arcos – presente nas rosáceas em ferro e vidro, no vitral com o cordeiro e nas marcas do piso – do triangular visível no telhado e na fachada que evoca a dimensão trinitária da revelação do Deus Cristão, e o altar, em forma inversa, representando a pedra angular que sustenta o edifício; o próprio quadrado que comporta tudo isso dentro de si, é o humanidade que se deixou invadir e se preencheu de Deus, mas que continua a mover-se, mas a partir da orientação que ele oferece, apontando para os quatro lados.

Aqui vimos como o espaço de uma igreja/templo, expressa de certo modo as características de interesse e anseios de sua coletividade e revela a geografia humana antropológica e social de seu povo, foi assim no bairro São Vicente, o primeiro a se formar na cidade de Boa Vista como bairro urbano de uma cidade, com casas de alvenarias, com conjunto BNH, com feira, escola, posto médico situando-os entre as décadas de 1970 a 1980 e sendo o espaço como algo inerente ao ser, dizemos, ao fazer e estar do homem, este criou na arquitetura e na alvenaria da Igreja da Consolata seu reflexo de espaço significativo, pois a medida que ia transformando o lugar para além do outro lado da cidade, transformava-se a si mesmo e esta transformação se deu e se dar sempre na correspondência da perspectiva do novo.

3.1. A Igreja Nossa Senhora Consolata: a configuração do espaço.

No cristianismo o espaço sagrado de uma Igreja tem por regra, ser este espaço o lugar, o palpável do corpo de Cristo, que da tradição do Novo Testamento, é a comunidade dos discípulos, fiéis seguidores do homem Jesus de Nazaré, para os cristãos, o Cristo da fé, o filho de Deus. Segundo a carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, Ele nos constituiu membros de seu corpo⁴³. Assim, o primeiro elemento da composição do espaço de culto cristão é a concepção que aquele espaço é formado por membros de um corpo vivo e concreto dos seguidores de Jesus Cristo. Na Igreja Nossa Senhora Consolata isso é perceptível a partir da projeção do piso⁴⁴.

Imagem 10: Desenho arquitetônico do piso



2012. Acervo nosso.

⁴³ Da carta de São Paulo aos Coríntios no capítulo 12.

⁴⁴ O piso da Igreja Nossa Senhora Consolata foi, projetado conforme sempre seguiu os projetos arquitetônicos das Igreja tradicionais, isto é partindo do círculo, que significa, centro (do universo), cabeça (do Cristo) e coração (do homem). No anexo M, podemos visualizar o modo como o piso foi projetado na ideia cosmológica. O altar é o centro, o templo é a concretude do espaço, que sai para além dos limites de si e vai a todos os lugares onde vivem os fiéis, dando a ideia de que todo o espaço habitado pelos homens de fé, é lugar santo, portanto, lugar de Deus.

O segundo elemento, é que este espaço, isto é, esse corpo que se forma, é habitado pelo divino, ou seja, por aquele que criou todas as coisas⁴⁵ e por aquele que está sentado à direita de Deus⁴⁶. Esse lugar atrai o indivíduo crente a si, e por meio das práticas da fé, pelas ações sacramentais que nele participa faz com que se incorpore a ele tornando parte constitutivas dele, portanto passa a pertencer a ele.

Assim os elementos principais que constituem o espaço sagrado, nessa visão é o divino e humano, o humano e divino numa relação de entrega e de troca mútua, quase que sponsal/afetiva, onde um é invadido e penetrado pelo outro.

No templo cristão, uma mesa, uma bacia com água, uma pintura, um vidro, uma forma geométrica da arquitetura, uma cadeira, um livro, uma veste, tudo é resignificada. Tudo ganha um sentido novo pelo homem religioso cristão, como um sinal de uma outra realidade ou seja, nada mais é o que o que simplesmente parece, os objetos aí expostos comunicam uma outra realidade, e por meio deles que o não visível, o não palpável, se dá, se revela visivelmente, de alguma forma se materializa e aponta para uma outra realidade, o divino e o humano, o material e o espiritual se dão, se misturam e se confundem em uma mesma realidade.

Um terceiro elemento, é que no espaço religioso é onde acontece os rituais sagrados, na Igreja católica chamados liturgia. Aí é o lugar da celebração dos cristãos, onde reúnem-se em nome do seu Senhor, pois por ele foram convidados e atraídos de modo especial no domingo, “dia do senhor”, onde a comunidade o louva, o agradece e o escuta e dele se alimenta, e, assim se realiza neste espaço a comunhão do corpo místico do Cristo e do grupo que o segue. ... é o espaço mistagógico, onde aprendemos continuamente a ser cristãos [...] é a palavra, oração objetiva que filtra a nossa mente e nosso coração e limpa o nosso subjetivo psicológico. Porém, e acima de tudo, é o lugar do memorial Pascal (PASTRO; 2008: 65).

A liturgia, nesse caso é o principal acontecimento do espaço sagrado, pois esse espaço é espaço de culto e é exatamente a ação litúrgica que o legitima, que atrai os crentes para si. Nesse sentido existe uma noção de unidade entre o espaço construído e aquele que é a causa dele, Deus ou o Cristo, isto é, essas realidades se tornam

⁴⁵ Livro do Gênesis, capítulo primeiro.

⁴⁶ Do Apocalipse, capítulo quinto.

simultâneas passando a haver uma verdadeira fusão entre o divino e o espaço constituído com seus elementos. Para o Cristão crente/católico o espaço, não é mais simplesmente um lugar da manifestação do divino, mas o divino o revestiu de si próprio, o envolveu em si mesmo, tornou-o a manifestação de si, de modo que ele, por tudo que nele fala, tudo que nele se comunica, tudo que nele se manifesta é se não, a própria realidade divina. Assim diz o Concílio Vaticano II

Com razão, portanto, a liturgia é considerada como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens; nela o corpo místico de Jesus Cristo, cabeça e membros, presta a Deus o culto público integral. Por isso, toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote e do seu corpo, que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia nenhuma outra ação da Igreja iguala (SC, 07).

A nova configuração da igreja da Nossa Senhora Consolata hoje, quer levar em conta estes três elementos. Ela expressa em sua nova forma a centralidade da liturgia católica cristã é o que define por excelência este espaço. Que diria deixa de ser um mero espaço sacro cultural para assumir o arquétipo de espaço litúrgico. Como nos lembra Claudio Pastro: “[...] o lugar do cântico pascal de um mundo salvo. Cristo é o liturgo, Ele é o Deus que nos serve a sua palavra, seu corpo e sangue para a nossa vida” (PASTRO, 2008: 62-63).

Por isso a reconfiguração do espaço da Igreja da Consolata como se encontra hoje, com suas várias composições tipo: sagrado, cultural, arquitetônico, iconográfico, iluminatório, geométrico, urbanístico, cromático, paisagístico, público e semiótico, pode ser compreendido e analisado a partir dos mais diversos parâmetros e conceitos, sejam estes da ciência da religião, da fenomenologia religiosa, da hermenêutica bíblica, da teologia litúrgica, da arte sacra, da arquitetura, da antropologia entre outros.

A fachada de modo particular nos faz a apresentação de todo conjunto da obra, nos permitindo a compreensão daquilo que está composto como formas e simbologia desse espaço reconfigurado como um todo, portanto, a simbólica geométrica (quadrado, círculo e triângulo), a iconografia sacra (ícones bizantinos), o cromático, o mosaico, o

material (madeira, granito, ferro, vidro), ao mesmo tempo nos revela que é pelas portas frontais que o acesso a essa experiência mística nos é permitido de forma mais direta, nos dando acesso mais propício a essa investigação.

O quadrado/retângulo é a forma básica, no qual todo corpo do templo se compõe, desde a versão anterior – não se mudou a estrutura básica do edifício – e esse dado representa a realidade humana: no passado a insegurança, a mobilidade, a procura e no presente o humano imperfeito, limitado que sente-se incompleto e que ainda necessita e se coloca a procura de algo, mantendo propensos às mudanças tão inevitáveis. Mas, foi essa forma básica delimitada, divisível (BANGS, 2010) e propensa às transformações, que favoreceu o repensar as tais mudanças.

O símbolo base é a igreja em movimento dentro deste retangular: bancos em fileira, o povo fiel ou devotos a caminho em direção ao altar⁴⁷. Na versão anterior, da única porta frontal, o olhar se dirigia imediatamente ao fundo, na parede semicircular, que continha centralizada a imagem de Nossa Senhora Consolata⁴⁸, que em seus braços oferecia o seu filho. É esse espaço simbólico, sacro, religioso que agora se mostra totalmente reconfigurado. Mesmo entrando e estando dentro de um quadrado, o semicircular se torna circular, a virgem que oferecia o filho agora está ao lado dele como colaboradora em sua missão e quem agora entra pelas portas frontais logo sente abraçado pelo próprio Cristo – o ícone bizantino frontal – que desponta do meio do universo – representado com os círculos em volta de si – cintilante como o sol, o novo sol que afugenta a escuridão e traz a paz e a justiça que convida e acolhe.

Os seus braços abertos, como que num gesto circular que vence as barreiras é como um convite para estabelecer uma nova relação. No movimento do corpo e dos pés do caminhante que entra a certeza do abraço que acolhe e integra, é a garantia de quem deixou de viver no caos e agora conduzido pelo poder do movimento relacional e

⁴⁷ Observa-se na imagem 10, o detalhe, que divide o piso rompe com a forma linear do círculo criando um diferencial como que um caminho que direciona até o centro (o círculo que está ao fundo, onde no seu centro está o altar). Todo a vida do cristão caminha em direção a esse centro. O detalhe do corredor também lembra as águas que cortam o templo, sinal da vida, da restauração e do batismo. Referência ao pré-batismo do dilúvio e do Mar Vermelho e do novo Jordão, onde os cristãos se purificam de seus pecados.

⁴⁸ Observar na imagem 9, ao centro a virgem com o menino no colo. Essa centralização na figura de Maria, revela a intenção de propagar a devoção trazida de Turim, lugar de originário dessa devoção trazida pelos missionários, ao mesmo tempo que isso dava ênfase ao trabalho missionário realizado na Diocese.

mimético que o círculo impõe. A volumetria do círculo, seja da parede onde se encontra o ícone de Cristo, como do pavimento que parte do altar, conduz o crente ao encontro com o divino. É um dado, só precisa passar da porta e o crente é como que conduzido pelos anéis do piso, e pelas águas batismais – detalhes no piso do corredor central que cortam o piso na horizontal – ao encontro dele. Um encontro verdadeiro, não mais transitório, pois é marcado pelo material nobre do granito e do mármore, já que “a pedra é símbolo arquetípico da resistência da durabilidade e do peso” (BANGS, 2010: 182), portanto do duradouro e até do definitivo.

Do pavimento, das laterais, dos arcos ao teto, o fiel logo é tomado pelo divino, como que invadido, logo, como que sem saída, num clima de contemplação desse sólido em movimento se deixa conduzir ao ponto que sempre desejou chegar, a não ser que a inconstância ou a incompreensão lhe convide a dar passos para traz.

O quadrado é totalmente resignificado tanto para os lados como para cima, nos anéis cósmicos imaginários assim como nos arcos que se erguem, como que uma onda que sai, como elipses que determina que agora o redondo, circular domina, logo o humano é totalmente preenchido pela presença do divino. É o movimento que no evangelho de João, no hino inicial diz que o verbo se fez homem e nós pudemos ver e experimentar a sua glória⁴⁹.

Na beleza do teto – sustentado pelo triângulo da física, moldado em estruturas de ferro e revestido em madeira é a junção do durável, não mutável, que sustenta o frágil, moldável, belo mas perecível, que são os encaixes do forro, numa bela harmonia cromática dos tons do ipê brasileiro, a árvore que se transforma em florada, como que anunciando que quem se deixa sob o sustento de Deus por natureza se transforma.

Depois de ser invadido na altura do olhar pelo divino, a impressão dessas realidades que se misturam e se comunicam é sustentada se não pelos arcos, que é a forma arquitetônica que se dá a partir do centro, o fiel, a pessoa que adentra ao espaço da igreja Nossa Senhora Consolata se deixa levar pelos raios que partem do centro que é presbitério em forma circular e como numa elipse se esvai pelo pavimento, raios estes em negro/preto a cor do infinito, é como se pisássemos na órbita que nos leva, uma das tentações é ficarmos a olhar para o chão, ficando excessivamente olhar envolvido pela

⁴⁹ Primeiro capítulo do evangelho de João.

sensação de movimento que ele proporciona. Novamente, este espaço é resignificado, pois mesmo abraçando a condição humana, o piso quer revelar que também aí no transitório o divino o transforma em duradouro, o instável em fixo e firme. A pedra – granito – quer pôr em evidencia isso. Este lugar onde a comunidade celebra o que vive quer nos inserir num caminho dinâmico, mistagógico, que quer nos nortear pela fé como um povo que se faz discípulo de seu mestre, numa adesão livre e total no segmento a proposta do Cristo dos evangelhos.

O olhar rápido pelos arcos, o pisar no chão para ser conduzido, leva o homem crente que entra neste espaço ao centro, que é o altar, a mesa que, de formato triangular e confeccionado de mosaicos são geradoras de todo espaço, pois tudo é gerado dele e tudo tende para ele, ‘a fonte e o cume’ de onde nasce a experiência ritual cristã na memória pascal de Cristo – última ceia, sofrer, morte na cruz e ressurreição.

Esta peça lembra também a pedra angular, a pedra da sustentabilidade, equilíbrio e segurança dos arcos, foi a maior novidade na idade antiga na descoberta da arte de fazer arcos. No texto do novo testamento no livro do Evangelho de Mateus Jesus de Nazaré se identifica como essa pedra que os pedreiros rejeitaram que agora tornou-se a pedra angular (Evangelho de Mateus 21,42) do altar é como que se emanasse a certeza da segurança para quem aqui entra. ‘Não tenhas medo, tu não vais cair’. Na Consolata o altar é um simples ARA, extensão do mistério da cruz, não por acaso um ícone escrito⁵⁰ da Cruz está suspenso sobre ele.

3.2 – O templo reformado: suas formas e seus ícones.

3.2.1 – As formas

No capítulo anterior vimos que a arte sacra bizantina cresceu em meio ao paganismo helênico-romano. A cultura grega estava impregnada de artistas com suas obras espalhadas por todas as partes principalmente em Atenas. Essa cultura tinha como finalidade em suas obras artísticas mostrar e exaltar a beleza física do corpo humano. A

⁵⁰ Na linguagem iconográfica se fala escrever, em vez de pintar. Esse ícone da Cruz de Jesus foi inscrito por mim, Mário Castro, como sou conhecido, autor desta pesquisa.

tradição bizantina mesmo adotando em alguns aspectos traços dessa cultura, inclusive na pintura, escultura, mosaicos e na arquitetura, segue uma tendência estética bem diferente, principalmente pela sua finalidade, que é mostrar as realidades de fé e a beleza da espiritualidade cristã, que poderia ser experimentada a partir da veneração dos santos ícones, no caso da pintura (LICARI, 2010: 46).

Enquanto a arte grega primava pela beleza exterior, a arte bizantina tinha sua primazia na beleza interior aquela que não pode ser vista, mas contemplada pelos olhos da fé, com a função simplesmente de anunciar as verdades evangélicas por meio das cores e das formas.

Os corpos humanos na arte icônica são representados altos e longilíneos, desprovidos de volume. Os corpos são magros, acentuando a superioridade do espírito sobre a carne. [...] a ausência de movimento simboliza a *Hagia Irene*, a ‘Santa Paz’. Qualquer movimento brusco expresso o estado de agitação do homem e de sua pecaminosidade, que resulta na sua incapacidade de viver centrado na calma absoluta de si mesmo (LICARI, 2010: 47).

Assim a arte sacra bizantina procurou fugir dos modelos subjetivos, repletos de sentimentos humanos e de visões naturalistas que buscava através da arte mostrar subjetivamente a própria leitura da natureza e das coisas. A arte bizantina busca por meio das imagens, principalmente na pintura a leitura da realidade divina que se expressa para além do visto. Que remete para além do físico, do material e coloca o crente orante em contato direto com o seu adorado.

Hoje, vivemos outra realidade, os aspectos subjetivos estão mais fortes do que nunca, expressos não somente na arte, mas na religião e em todos os aspectos da vida humana. Fomos tomados por uma confusa quantidade de cores e de sons que quase não sobrou mais em nós lugar de silêncio e de contemplação da beleza, que a fé nos diz como verdadeira, a beleza de Deus.

Vivemos num mundo poluído em todos os sentidos, não é só o ar que respiramos, a água que bebemos ou aquilo com os quais nos alimentamos. A visão do mundo foi ofuscada por uma quantidade tamanha de imagens que se misturam entre si e ficamos quase que como cegos, a poluição sonora é tão intensa na mesma forma que se

torna quase que indistinguível entre uma palavra se os sons da TV, da música, dos carros, ambos não nos dizem mais nada porque são totalmente confusos e vazios de sentido, no entanto a uma coisa se destinam, aguçar sempre de modo tão intenso e violento a necessidade de consumir, consumir coisas que se ver, que se ouve ou simplesmente o que essas coisas representam. Hoje para nós, é difícil parar – até porque parar é prejuízo na certa, e nesse mundo incerto perder é tudo que ninguém quer – é difícil ouvir, contemplar, o ritmo da natureza que ficou perdido, criamos o nosso próprio ritmo.

Os mais antigos eram acostumados a escuta. Escutavam a Deus, escutavam a natureza e nisso certamente faziam a experiência indiscutível, no mais alto nível da consciência, da certeza da presença e pertença a uma realidade superior. Enquanto nós, nos tornamos sábios e eloquentes, mas aos poucos somos envolvidos por um mundo de sons e imagens eletrônicas que nos fazem perder a capacidade do silêncio contemplativo aquele silêncio que nos remete para além do mundo sensível e aparente.

A Igreja oriental, guarda com zelo absoluto certos valores, costumes e acima de tudo a preservação de seus símbolos, tanto aqueles que podem ser experimentados por meio das práticas litúrgicas, como que visualmente podem ser contemplados das figuras sacras. A igreja ocidental hoje busca beber dessa grande fonte de sabedoria e experiência e declara a respeito da espiritualidade e da arte oriental.

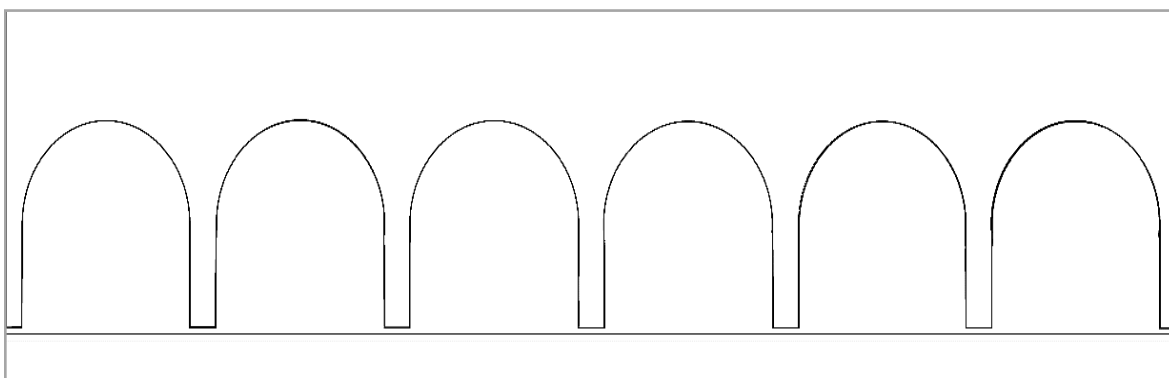
Recomenda-se por isso vivamente que os católicos se achem com mais frequência a estas riquezas espirituais dos Padres do Oriente que elevam o homem todo à contemplação das coisas divinas. Conhecer, venerar, conservar e fomentar o riquíssimo patrimônio litúrgico e espiritual dos Orientais é de máxima importância para guardar fielmente a plenitude da tradição cristã e realizar a reconciliação dos cristãos orientais e ocidentais (SC, 325).

Aqui é importante frisar que o mundo oriental não expressa seus sentimentos e suas aspirações religiosos, somente na representação dos ícones, mas também na arquitetura e em outras expressões. É portanto, partindo dessa perspectiva e nos coadunando com as orientações do Concílio, que buscamos na reforma da Igreja Nossa

Senhora Consolata recriar naquela estrutura já existente um estilo que fosse ao encontro às orientações litúrgicas assim como às expectativas de fé dos fiéis.

De um espaço de pouca expressão simbólica a igreja da Consolata passou a expressar razoável simbologia nas suas formas e linhas; nos seus desenhos, em seus vitrais e imagens expostas em pinturas seguindo o estilo bizantino, isto é, uma arte mais simbólica, que busca em sua objetividade ser um veículo de comunicação entre o fiel orante e a realidade divina.

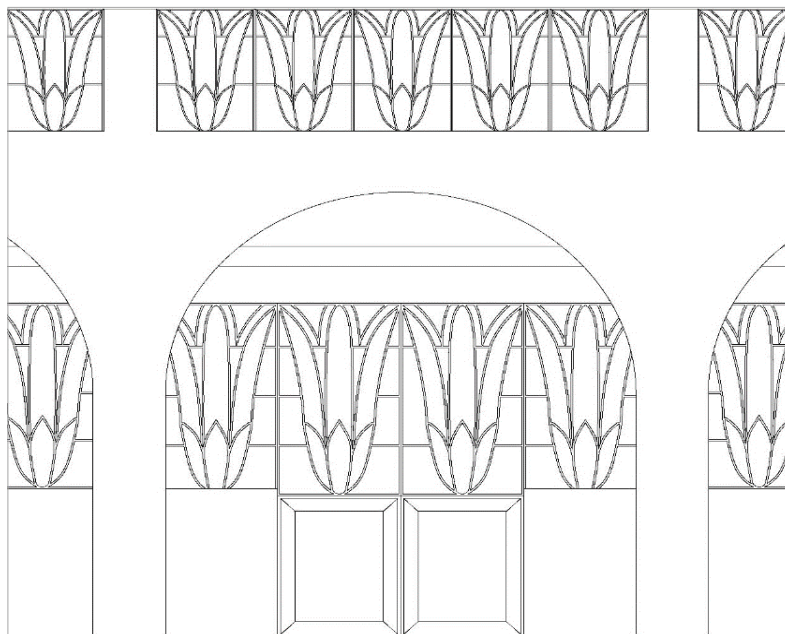
Figura 11: Desenho arquitetônico dos arcos.



2012. Acervo nosso.

As doze portas que continha a forma primeira da Igreja da Consolata, foram substituídas por doze arcos. O arco, na simbólica arquitetônica, representa o quadro com o círculo sobreposto, isto é, a amálgama do ser de Deus no ser do homem, formando uma só realidade. “... o círculo representa a unidade original, imensa e indiferenciada, o espírito do céu, [...] o quadrado e o número quatro, associado representa a Terra, ou a ordem material” (BANGS, 2010: 222).

Figura 12: Desenho arquitetônico das açucenas, na perspectiva de dentro para fora.



2012. Acervo nosso.

[...] o arco etrusco ou romano ou perfeito, é a metade de um círculo. Passando-se por ele ‘completa-se o círculo.’ Indica perfeição e leva ao repouso e unidade. Como o arco de sustentação é perfeito (180 graus) será usado em toda a antiguidade até o final do primeiro milênio Cristão. Por seu equilíbrio, harmonia e proximidade física (PASTRO, 1999: 18).

Na hermenêutica bíblica o número 12 é marcado de significados e significantes. A nova Israel com suas 12 tribos, que formam o novo povo de Deus. Os arcos que adornam as laterais da Igreja Nossa Senhora Consolata, que também são 12, querem expressar a totalidade da comunidade atual em analogia as tribos de Israel e ao número dos apóstolos de Jesus de Nazaré. Estes arcos, assim como todo interior do templo, são iluminados pelo Cristo sol nascente sem ocaso, que refletem da imagem do centro, assim como pela luminosidade dos vitrais, que permeando as açucenas (lírios) que os ornamentam “como açucena entre espinhos é minha amada entre as donzelas” e também:

“És, portanto, toda bela, minha amada, e não tens um só defeito”⁵¹, sinal da luz inextinguível do “sol nascente que nos veio visitar”.⁵² Nela nos destes a primícias da Igreja, esposa de Cristo, sem ruga e sem mancha, resplandecente de beleza⁵³.

Os 12 arcos, circulares no olhar da vista lembra a elipse que se abre para o infinito. Na simbologia bíblica o número 12, tomado separadamente e somados (1+ 2) resultará em 3, que lembra o número do triângulo, do infinito, da trindade, segundo a fé cristã – Deus: Pai, filho, Espírito. É a comunicação por excelência, dar e receber, a intercalação da perfeição do relacionamento total. Os 12 arcos sustentam toda a estrutura do templo, mas ao mesmo tempo impressiona com a leveza que eles provocam, pois é como se entre os arcos e o triângulo que sustenta a estrutura do telhado houvesse uma separação espacial, perpassado pelo ar, pela luz e pelas novas açucenas. As açucenas confeccionadas em vidros representam a fragilidade, o debilitado humano que não se torna empecilho para Deus, pois Ele mesmo, segundo a teologia cristã, se fez débil, frágil e humano, na pessoa do Nazareno. A simbologia do número do 12 uma das mais significativas é fácil de compreender, onde $1+2 = 3$ que divide o próprio 12 e se chega a 4, de novo o humano, o quadrado, e nele o divino, o 3. Assim podemos dizer que no cristianismo católico a liturgia é o determinante em todo contexto simbólico apresentado no templo, como descreve o livro do Apocalipse a respeito da liturgia celeste⁵⁴.

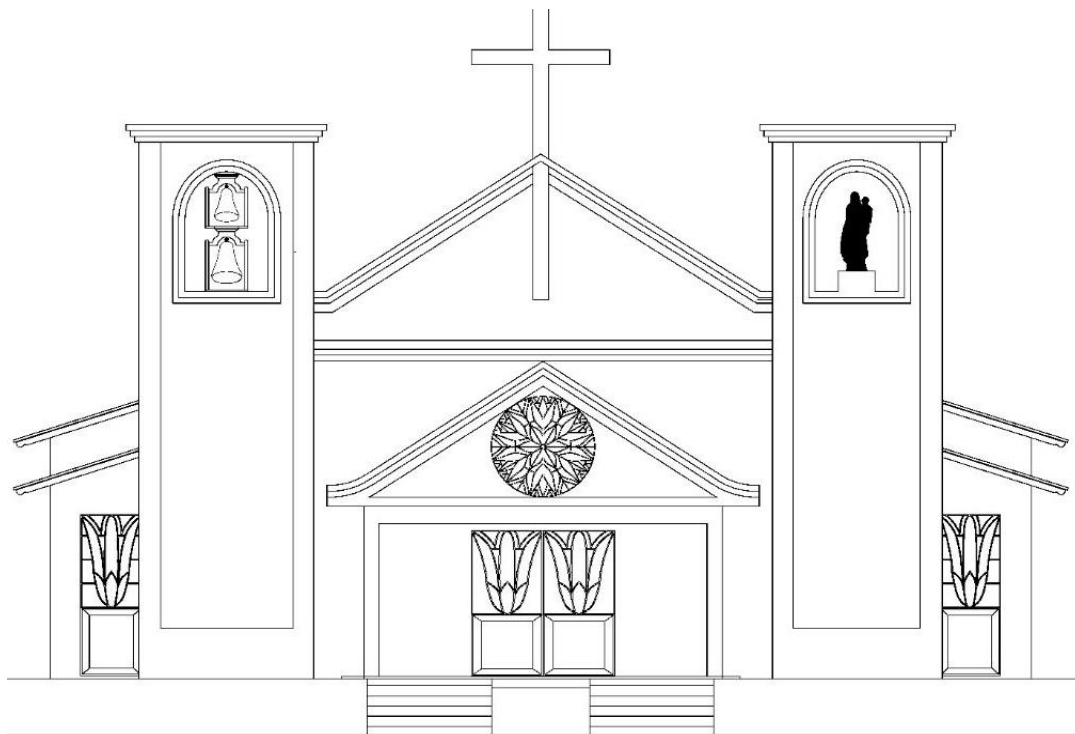
⁵¹ Do livro do Cântico dos Cânticos 2,1 e 4,7

⁵² Do Evangelho de Lucas 1,78.

⁵³ Prefácio Eucarístico da Virgem Maria – Missal Cotidiano, p 532.

⁵⁴ Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia. Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: Agora a morada de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou. Aquele que estava assentado no trono disse: “Estou fazendo novas todas as coisas!” E acrescentou: “Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança”. Disse-me ainda: Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem tiver sede, darei de beber gratuitamente da fonte da água da vida. O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus e ele será meu filho. Um dos sete anjos aproximou-se e me disse: “Venha, eu lhe mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro”. Ele me levou no Espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a Cidade Santa, Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus. Ela resplandecia com a glória de Deus, e o seu brilho era como o de uma joia muito preciosa, como jaspe, clara como cristal. Tinha um grande e alto muro com doze portas e doze anjos junto às portas. Nas portas estavam escritos os nomes das doze tribos de Israel. O muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. A cidade era quadrangular, de comprimento e largura iguais (Ap, 21).

Figura 13: Desenho arquitetônico da fachada da Igreja.



2012. Acervo nosso.

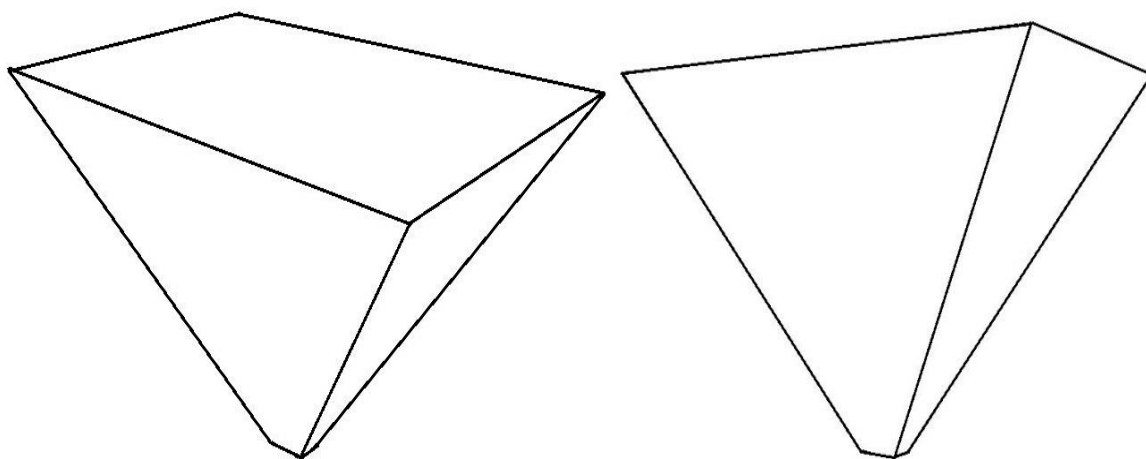
Na figura acima, o desenho da fachada da Igreja, e as formas nela contida apresenta-se como uma síntese de todas as formas que foram projetadas no templo. Essas formas se misturam e se alternam entre o retângulo (quadrado), o círculo e triângulo.

O triângulo na simbologia cristã está ligado ao número três, portanto à Trindade. Esta figura sempre esteve presente na arquitetura sacra e com sua ponta para cima representa a ligação entre o céu e a terra. O triângulo equilátero representa a realidade divina de modo mais perfeito, porque os três ângulos iguais que dizem respeito ao igual poder das três Pessoas Trinitárias (HEINZ-MOHR, 1994: 371).

A forma triangular também se apresenta na estrutura do telhado. O telhado se expressa também numa singela beleza. Sustentado num triângulo pelas estruturas de

ferro que sustenta toda a demais estrutura em madeira: o forro trabalhado em ipê roxo macheado (encaixado na forma macho e fêmea, linguagem usado pelos carpinteiros), o durável do ferro que sustenta o frágil moldável da madeira do ipê brasileiro.

Figura 14: Desenho arquitetônico do altar.



2012. Acervo nosso.

Mesmo tendo a forma triangular, aqui o altar representa outra simbologia. A pedra angular que é um elemento constitutivo na base arquitetônica para a elevação de um arco, muito usado na arquitetura medieval. No Cristianismo Jesus Cristo é constantemente representado por este elemento. O Salmo 118, fala da pedra edificadora rejeitada pelos construtores, essa mesma metáfora é tomada por Jesus no Evangelho de Mateus, no capítulo 21.

O altar⁵⁵ é uma peça imprescindível no contexto litúrgico. Segundo HEINZ-MOHR (1994: 16), o testemunho do uso dessa peça nos contextos celebrativo dos cristãos estão retratados na catacumba de São Calisto, da primeira metade do século II, ainda confeccionados em madeira. A partir do século IV é que passa a ser confeccionado em pedras, muitas vezes peça única.

⁵⁵ Para a Igreja Católica tem três significados básicos: 1 – literalmente significa a mesa da Santa Ceia. Lugar onde o Cristo que exerce o sacerdócio, é lugar de sua presença pessoal; 2 – alegoricamente, é o próprio corpo de Jesus que foi tirado da cruz e colocado no sepulcro; Moralmente, o altar é o coração de cada homem. O Lugar de onde sobe aos céus as orações e suplicas dos fiéis (MOHR, 1994: 17).

3.2.2 - Os Ícones

Imagem 15: O Cristo Pantokrator.



2013. Acervo Nosso.

A tradição iconográfica no Cristianismo está estritamente ligada às questões dogmáticas da fé. Isto é, é uma tradição da igreja, por isso se diz que não é uma invenção humana, mas uma inspiração que vem desde os Santos Padres.

Não há dúvidas que a imagem de Cristo tenha sido a mais retratada no mundo da arte, não somente na arte sacra propriamente dita, mas, nos mais variados estilos e gêneros, na era cristã, principalmente a partir do século IV e V em diante. Mas como chegar a um consenso a respeito da fisionomia de Jesus de Nazaré? Alguns meios foram aceitos: o testemunho da comunidade cristã que passou esses traços por meio da

tradição e o testemunho dos próprios Evangelhos e a imagem chamada Achyropita que significa “não feitas por mãos humanas” (TORRES, 2007).

Sobre essa imagem, também conhecida como Mandilion (toalha) de Edessa, consta que o rei Abgar V, que governou Edessa nos anos 13 a 50 desta da era cristã, ficou gravemente enfermo vítima da lepra, sabendo das notícias a respeito de Jesus, sobre seus milagres, enviou seu secretário Anan para que trouxesse Jesus até ele, para curá-lo. Impossibilitado de ir até Abgar, por conta da festa da Páscoa, Jesus teria enxugado o rosto numa toalha na qual ficou impresso sua face, e mandou que Anan levasse até Abgar, que ao ver a face de Jesus teria ficado totalmente curado de sua enfermidade. É a partir dessa estampa que teria se propagado posteriormente a reprodução da face de Jesus (TORRES, 2007).

Partindo disso, a tradição da arte bizantina afirma que a arte sagrada do ícone não foi inventada pelos artistas, mas sim, instituição que vem dos santos padres e da tradição da Igreja, desde os primeiros séculos do cristianismo, surgindo de forma sobrenatural. Se pode dizer isso, de modo particular a respeito das imagens de Cristo, onde foi conservada com muita fidelidade os traços da fisionomia de Jesus Cristo, o homem de Nazaré, a partir do Mandilion de Edessa ou Achyropita.

No caso do Cristo da imagem acima, pintado na parede, ao centro do presbitério da Igreja Nossa Senhora Consolata, é uma leitura do Cristo Pantokrator, da artista Clarice Jaeger⁵⁶

Este ícone foi inspirado no “Ícone de Cristo” do século XV. É um Pantokrator que significa “Aquele que tudo rege”. Essa imagem vem carregada de uma grande simbologia, onde destacamos: nas laterais, por cima dos ombros da imagem as iniciais gregas IX e XC que significam “JESUS CRISTO”; toda a cabeça é circundada por um círculo dourado chamado nimbo, onde está introduzida uma cruz cujos três braços visíveis onde, em cada ponta estão inscritas as letras gregas: Ω, O, N, que significam “Eu Sou Aquele Que Sou”, o que fora dito por Deus a Moisés no episódio da Sarça Ardente no livro do Êxodo (Ex 3,14). Esta é uma das prescrições canônicas para a

⁵⁶ Clarice Jaeger é artista plástica de Porto Alegre – RS, premiada por várias exposições que fez no Brasil e no exterior como “Havana/Cuba, Haifa/Israel, Buenos Aires/Argentina, Florianópolis /SC, Belo Horizonte/MG, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP” (JAEGER, 2010).

imagem de Cristo que quer ressaltar a sua natureza divina e a sua consubstancialidade com a primeira pessoa trinitária.

A face não é pintada como um retrato, lá está o centro espiritual do ícone, portanto, descreve a presença divina no ser humano. Sua iluminação resplandece de dentro para fora e não pode ser expressa de forma fotográfica, naturalista. Está ausente qualquer sinal de sofrimento ou de paixão. O tom da pele é mais escuro que o normal, querendo evitar uma leitura para o aspecto meramente carnal, a fim de demonstrar a dimensão transcendental da realidade que ela exprime, fugindo do aspecto meramente humano e terreno.

A testa alta encerra a força do Espírito e sabedoria inseparáveis do amor. Os olhos são grandes e acentuados pelas sobrancelhas e com o traçado das pálpebras divinizam o olhar; o nariz estreito e alongado destaca a sua nobreza, é apresentado desta forma para impedir o acesso às fragrâncias do mundo material e captar apenas o odor do sagrado; a boca é pequena de um desenho geométrico, com ausência de toda sensualidade para não suscitar estímulos sensoriais e está fechada porque a verdadeira oração se faz em silêncio, as orelhas são pequenas, em parte cobertas pelos cabelos, para indicar que a imagem permanece alheia aos ruídos do mundo e somente atende a voz interior; o queixo apresenta uma barba para assim expressar a força interior do Espírito; o colo união da cabeça com o resto do corpo é representado largo, pois é a via pela qual o corpo recebe o alento vivificador do Espírito (ANTUNES, 2010).

O ícone está imerso em luz, pois não tem nenhuma sombra projetada em seu corpo, sinal de que para Deus não há sombras nem lugares ocultos. O azul do manto representa a própria divindade e transmite a santidade de Deus. Sua túnica é vermelha púrpura escura a cor da majestade, porque na antiguidade só os reis usavam essa cor nas roupas pois era muito difícil de adquirir a tinta nesse tom. O vermelho expressa o fogo da chama sagrada e o ardor do coração do homem de fé, tanto no amor como na dor. Seu manto é azul que pode expressar sua natureza divina, única capaz de salvar. Seus braços se abrem para receber com amor todo povo cristão que vem orar em sua Igreja.

Imagem 16: A Cruz⁵⁷



2013. Acervo nosso.

Esta cruz foi escrita⁵⁸ por Mim, Mário Castro, pároco da comunidade e autor desta dissertação. Como já falado, a arte iconográfica bizantina não quer demonstrar em seus traços e cores o realismo da natureza. Nas representações de Jesus Crucificado procura fugir do realismo da carne enfraquecida, morta ou em agonia. Nesta representação, Jesus aparece morto, mas, não perdeu o seu vigor, sua realeza e nem mesmo as características divinas. A cruz, para os crentes cristãos, é sempre o símbolo da vitória e da salvação cósmica. Assim erguido sobre o altar relembrando o Evangelho

⁵⁷ A técnica aplicada foi têmpera sobre léfica, sobre tábuas. Suas cores vêm de pigmentos naturais tais como areia ocre, verde e roxo(vermelho); pedras: lápis lázuli e azutite nos tons azuis e metais como ouro visível naturalmente na obra e os tons branco: mistura de zinco, titânio e chumbo; entre outros. A proporção desta obra é de 1,25 x 0,93m.

⁵⁸ Na tradição da arte bizantina, ninguém pinta, apenas se transcreve em formas e cores os conteúdos da fé, tanto do texto escriturístico como os textos da tradição da Igreja. Por isso se usa o termo escrever em vez de pintar.

de João onde Jesus diz “quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32)

Este Ícone, também traz consigo uma grande carga simbólica. Na cruz de braços abertos, Cristo abraça e redime toda a realidade humana, assim como todo o Cosmos, este representado na cor azul ao fundo, com os traços dourados. O azul - lápis lazúli, pigmento nobre com o qual foi pintada – representa o Universo. Essa cor pode ser observada na transparência do cristal, da água e do ar, o azul é também a cor da verdade.

Em todo o seu conjunto, este ícone está repleto de luz, pois não tem nenhuma sombra projetada em seu corpo, sinal de que para Deus não há sombras nem lugares ocultos, como descrito no ícone anterior. Mesmo demonstrando dor, sofrimento – expresso nos olhos fechados, na cabeça reclinada, na boca curvada para baixo, nas feridas sangrando, no corpo torcido arqueado em um espasmo de dor, mapeando costelas e músculos – Jesus permanece vivo, a cor de sua pele exprime a inexistência da morte, o crucificado é o “pão da vida” – os detalhes de seu abdômen em forma de pão assado, é o Deus que se fez oferenda e eucaristia – nutrindo a fé e a esperança de todos aqueles que nele creem.

Imagem 17: A virgem Consolata⁵⁹



2013. Acervo nosso.

⁵⁹ Esse ícone foi escrito com a mesma técnica da cruz descrita na nota 60. O seu tamanho também na mesma proporção de 1,25 x 0,93m.

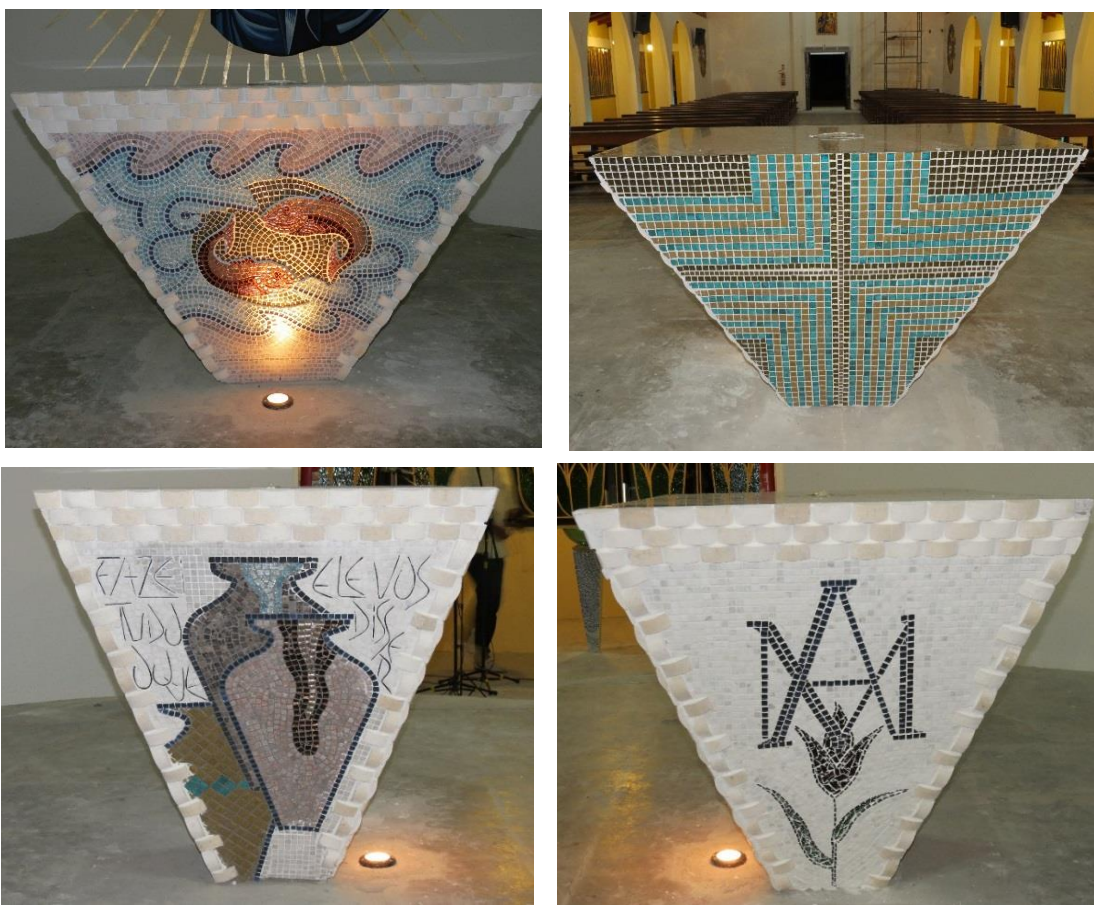
A imagem e a devoção a Nossa Senhora Consolata, tem suas origens em Turim, Itália onde encontra-se o santuário principal dedicado à Santa. A tradição da devoção a essa imagem teve início de acordo com a uma tradição que remonta ao século IV, onde consta que Santo Eusébio teria trazido o ícone do Egito para a Itália no século e o deixou em Turim. São Máximo, bispo local na época, o colocou num pequeno santuário mariano da cidade, a partir daí, promoveu a devoção até que os iconoclastas começaram a destruir crucifixos, imagens e relíquias dos santos. Mesmo com todo esse ataque o ícone permaneceu escondido numa cripta da Capela de Santo André, em Turim, até o século XI. O ícone teria sido encontrado nas escavações para construir uma capela dedicada à santa como pagamento de uma promessa de um devoto, chamado Arduíno, marques de Ivrea, em 1014. No século seguinte, uma terrível guerra civil quase destruiu completamente a cidade de Turim, e a capela que o Marquês tinha construído para o ícone da Consolata ficou esquecida no meio das ruínas. Em 1104, Jean Ravaise, um homem cego de Briançon, França, teve um estranho sonho: enterrado sob as ruínas de uma velha igreja, viu uma pintura de Nossa Senhora, por revelação a Virgem pediu ao cego que queria ali naquele lugar uma nova igreja e logo que se iniciam os trabalhos novamente o ícone é encontrado. Comovidos pelo milagre ocorrido, os cidadãos de Turim transformaram a pequena capela em um grande Santuário onde vem sendo venerada pelos séculos a Virgem Santíssima sobre o título “Consolata” (JUAREZ, 2015).

A imagem acima é uma leitura do ícone da Consolata de Turim, feito por mim, Mário Castro. Na tradição iconográfica bizantina, Maria é geralmente – ou – sempre retratada com o Menino no colo e titulada de Mãe de Deus. O ícone da Consolata se assemelha aos ícones desta tradição. Nessa leitura o artista adiciona alguns traços típicos da iconografia bizantina que são os linhas, e um grande reflexo de luz, nas roupas e nas partes aparentes do corpo, principalmente no rosto. Estes traços de luzes, afugentam toda presença de sombra contida no manto do ícone original, neste caso o artista quer indicar que em Deus não existe trevas, não há dúvidas e nem mentiras. Vemos que a Virgem reclina docemente a cabeça para Jesus. O significado deste gesto conforme o artista é que ao reclina a cabeça para o menino ela dirige seu pensamento, para a fonte e causa de todo bem e de toda verdade, seu filho divino. Ao mesmo tempo, a Virgem volta para a humanidade seu olhar, a fim de infundir aos homens os grandes

valores que representa seu filho para o mundo. Ao estreita-lo ao coração o Menino, simboliza o mais belo amor que une o Coração de Deus ou coração das criaturas. Jesus e Maria estão indissolavelmente unidos pelo amor. A mão direita elevada do menino, é a atitude de abençoar, simboliza o admirável desígnio realizado em Maria: como por intermédio de Eva se abateu sobre a terra uma torrente de sofrimento, assim, por intermédio de Maria, a divina misericórdia fez jorrar a fonte de todos os bens.

3.2.3 – Os mosaicos do altar

Imagem 18: O Altar⁶⁰



2013. Acervo nosso.

⁶⁰ Essa peça foi totalmente confeccionada por mim, como primeiro ensaio na arte de produção de mosaicos. Este foge ao estilo dos mosaicos sacros tradicional, primeiro por não ter acesso a essa técnica e segundo acesso ao material. Esse portanto confeccionado com pastilhas comumente usadas em revestimentos em paredes.

Outro elemento que vale a pena a nossa análise, são os mosaicos que revestem o altar. Este altar que é revestido de mosaicos, foi confeccionado a partir da citação do evangelho de Mateus (21,42) citando o Salmo 118 que diz: A pedra que os construtores rejeitaram, esta é que se tornou a pedra angular.

A pedra angular, tão usada na construção das grandes basílicas e castelos medievais é ela que dá sustentabilidade, equilíbrio e segurança dos arcos, dessas construções. Portanto há na Bíblia outros textos que aludem a Jesus o significado dessa pedra, como: “À medida que se aproximam dele, a pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida por Deus...” (1 Pd 2:4) e ainda “Esse Jesus, pedra que foi desprezada por vós, edificadores, tornou-se a pedra angular” (At 4,11).

Na primeira imagem temos a figura dos peixes tão usada na simbologia cristã, cujas letras em gregos *ichtys* formam as iniciais de Jesus Filho de Deus Salvador, usado muitas vezes nas catacumbas para indicar o lugar do culto cristão. Esse peixe na figura estão envoltos em águas, um dos símbolos mais importantes do cristianismo, pois é a principal matéria do Batismo, a porta de entrada no processo de seguimento a Jesus Cristo; Na segunda figura percebemos em forma estilizada, a cruz montada com pedras verdes e douradas: no altar é cristo que se oferece na cruz, cuja ressurreição traz vida e esperança para seus seguidores; As laterais também estão ornamentadas com mosaicos: na terceira figura, lateral esquerda do altar é uma alusão às Bodas de Caná, no Evangelho de João capítulo 2, onde Jesus realizou seu primeiro sinal, transformando água em vinho, induzido por sua mãe Maria, com está frase “Fazei tudo o que ele vos disser. E a quarta imagem, na lateral direita a monograma de Maria (M.A) com um pequeno lírio, como mais uma referência a Mãe de Jesus. Essas duas laterais são referências direta a mãe de Jesus querendo enfatizar não somente a Igreja dedicada a ela, mas a sua importante participação na missão terreno de seu filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos analisar a significação da representação do sagrado no espaço da Igreja Nossa Senhora Consolata, templo religioso dedicado a esta mesma santa, no Bairro São Vicente da Cidade de Boa Vista, estado de Roraima. Nele buscamos analisar a simbologia que se faz presente em sua forma arquitetônica desde os arcos constituídos em suas laterais, as formas quadradas e retangulares nas paredes e vitrais, as formas circulares no piso e vitrais, assim como a sua iconografia de estilo bizantino e os mosaicos que revestem o altar. Para dar sustentabilidade a essa análise, foi necessário conhecer sua história, mergulhar nos processos que lhe antecederam para melhor descrever as etapas que culminaram no seu estado atual.

Nesse processo de análise percebemos que o estado de Roraima, desde o início de sua povoação, contou com uma forte presença de migrantes, sendo estes das mais variadas regiões do país. Por se tratar de um estado relativamente novo, os processos de migração continuam acentuados, dando ainda uma característica de volubilidade bem marcante em sua população. Entretanto, podemos sugerir que hoje as motivações parecem ser outras, não mais aquelas de outrora.

Ainda em nossa análise vimos como o espaço sagrado da Igreja Nossa Senhora Consolata foi se constituindo, bem como as fases pelas quais passou até chegar a forma que temos na atualidade. Assim, ficou evidente que todas as mudanças pelas quais passou a comunidade do bairro São Vicente foram consequência de um grupo social em estágio de formação e reconstrução, portanto, as mudanças que de modo geral aconteciam na comunidade do bairro como um todo, refletiam, conseqüentemente, na comunidade religiosa. Por isso, podemos afirmar que estas duas experiências se fundiram em uma só, já que a mudança de uma refletia diretamente na outra. Dessa forma, podemos afirmar que a própria mudança de local da igreja, assim como a mudança de padroeira são consequências desse processo, o que demonstra que esta comunidade, soube se reinventar, não somente como comunidade bairro, mas principalmente como um grupo religioso.

Ao analisar o significado das formas e símbolos que hoje compõem o espaço sagrado da igreja em estudo, pudemos perceber que a comunidade bairro, assim como a

Comunidade Religiosa, se constitui de símbolos e, portanto esta simbologia que servira de elo de comunidade entre o crente e seu Deus, ou seja, é na simbologia que se materializa o divino.

Partindo da perspectiva acima, podemos afirmar que a nova forma, assim como a nova simbologia, presente na igreja atual, tem proporcionado um ambiente mais propício a contemplação e ao silêncio. Essa situação, tem sido percebida em nosso dia a dia, como pároco da comunidade, além dos inúmeros depoimentos que escutamos dos fiéis. Sendo um dos mais marcantes o que transcrevemos a seguir: “A tua igreja é bem construída, simplesmente, com muito bom gosto. Todas as janelas de dois lados estão a deixar entrar muita luz e uma impressão de leveza, parece pronto para voar. A temperatura interior é boa, então é bom ficar e esperar o encontro com o divino”. (René Dumas, Arquiteto suíço, em visita a comunidade).

Diante do exposto só nos resta concluir que, além desse espaço contemplativo onde o crente se encontra com o seu Deus, que resultou do processo de reforma da Igreja Nossa Senhora Consolata, o próprio processo de trabalho durante a realização da mesma foi muito importante para o crescimento espiritual da comunidade, pois este trabalho nos ensinou a conjugar na mesma vontade os verbos edificar, construir e partilhar. Porque uma coisa também faz a outra. De fato, à medida que esta casa se reconstruía, também a comunidade se edificava. E quanto mais o volume da obra se impunha, mais a comunidade sentia dilatar-se o seu coração. Tornando-se assim cada vez mais disponível, mais de todos para todos, círculo aberto de luz para quantos, em diferentes níveis (nível de experiência religiosa), se adentrarem a comunidade. Esta é uma casa, de muitas portas e largas janelas, sem exclusão para ninguém, um espaço aberto de acolhimento e de participação, a todos os fiéis da Igreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- ANTUNES, Otávio Ferreira. **A beleza como experiência de Deus**. São Paulo: Paulus, 2010.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira editora, 2001.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BANGS, Herbert. **O retorno da arquitetura sagrada: A razão áurea e o fim do modernismo**. São Paulo: Pensamento, 2010.
- BARROS, Nilson Cortez Crocia de. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia setentrional**. Recife: Editora Universitária, 1995.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 10ª. edição, Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMGART, Fritz. **Breve história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BECKETT, Wendy. **História da pintura**. São Paulo: Ática, 1997.
- BIBLIA SAGRADA. 6ª EDIÇÃO, EDITORA DA CNBB, Brasília; 2007.
- BOROBIP, Dionísio. **A dimensão estética da liturgia: arte sagrada e espaços para celebração**. São Paulo: Paulus, 2010.
- BURCKHARDT, Titus. **A arte sagrada no Oriente e no Ocidente: princípios e métodos**. São Paulo: Altar Editora, 2004.
- CAVALCANTI, Ana Elizabeth Lisboa Nogueira. **Arte como prece: a religiosidade no trabalho de quatro artistas pernambucanos**. Recife: Gráfica Santa Marta, 2012.
- CIRLOT, Juan Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II: **Constituições, decretos, declarações**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- DIOCESE DE RORAIMA. **Notas históricas**, Boa Vista, [sd].

ECO, Umberto (Org.). **História da beleza**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2012.

_____. **Obra Aberta**. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fonte editora, 1992.

_____. **História das crenças e das idéias religiosas I, da idade de pedra aos mistérios de Elêusis**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **História das crenças e das idéias religiosas II, de Gautama Buda ao triunfo do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **História das crenças e das idéias religiosas III, de Maomé à Idade das Reformas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e história de Roraima**. Boa Vista: DLM, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

GHARIB, Georges. **Os ícones de Cristo: história e culto**. São Paulo: Paulinas, 1997.

GOMBRICH, Ernsr H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC editora, 2000.

HEINZ-MOHR, Gerd. **Dicionário dos símbolos: Imagens e sinais da arte cristã**. São Paulo: Paulos, 1994.

IBGE. **Uso da terra no Estado de Roraima: Relatório Técnico**. Rio Janeiro, 2005.

JEAGER – Arte Sacra: **Reflexões e imagens**. Porto Alegre: Padrereus Editora, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LAWLOR, Robert. **Geometria sagrada: mitos, deuses, mistérios**. Madrid: Edições Del Prado, 1996.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. **A pintura: textos essenciais a teologia da imagem e o estatuto da pintura**. São Paulo: Editora 34, 2004.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. **O local da celebração: Arquitetura e liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2001.

MAGALHÃES, Dorval de. **Roraima** - informações históricas. Rio de Janeiro, 4ª. Edição, 1997.

MAGALHÃES, Roberto Carvalho de. **O grande livro da arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

MISSAL COTIDIANO. São Paulo: Paulus, 1985.

NASSER, Maria Celina de Q. Carrera. **O que dizem os símbolos?** São Paulo: Paulus, 2003.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**, Lisboa. Edições 70, 2005.

PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais**. Lisboa: Editora Presença, 1989.

PASTRO, Cláudio. **Arte sacra, o espaço sagrado hoje**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

_____. **Guia do espaço sagrado**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **O Deus da beleza**. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **A arte no cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2010.

PELIKAN, Jaroslav. **A imagem de Jesus ao longo dos séculos**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

PENNICK, Nigel. **Geometria sagrada, simbolismo e intenção nas estruturas religiosas**. São Paulo: Editora Pensamento, 1980.

PROUDHON, P. J. **Do princípio da arte e de sua destinação social**. São Paulo: Armazém do Ipê, 2009.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**, 2ª ed. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.

_____. (Org.). **Trilhas do sagrado**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SSVP, conselho nacional do Brasil. **Regra da sociedade de São Vicente de Paulo**. Rio de Janeiro: CNB da SSVP, 2007.

TREVISAN, Armindo. **O rosto de Cristo: a formação do imaginário e da arte cristã**. Porto Alegre: Editora AGE, 2003.

TORRES, Marília Marcondes de Mores Sarmiento e Lima. **O Cristo do terceiro milênio** - A visão plástica da Arte Sacra atual de Cláudio Pastro. São Paulo, 2007. Dissertação – Mestrado. Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista – UNESP.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Vozes: Petrópolis, 2003.

VV.AA. **Arte: artistas, obras, detalhes e temas: 300- 1400**. São Paulo: Publifolha. 2012.

SITES VISITADOS.

UFRR. **Histórico de Roraima**. Disponível em: <www.ufr.br>. Acesso em: 13 de outubro de 2013.

DINIZ, Alexandre M A; SANTOS, Reinaldo Onofre dos. **Fluxos migratórios e formação da rede urbana de Roraima**. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br>. Acesso em: 13 de agosto de 2013.

MELO, Emmily - **Boa Vista: crescimento desordenado muda a capital planejada**. Disponível em: <www.portalamazonia.com.br>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2014.

FARAGE, Nádia; SANTILLI, Paulo. **TI Raposa/Serra do Sol: fundamentos históricos**. Disponível em: <www.socioambiental.org>. Acesso em: 31 de janeiro de 2014.

CEDILHO, Rosa Maria Blanca; SOUSA, Ana Paula Bernardo de. **Arte paleocristã: espelho da visão de mundo dos primeiros cristãos**. Disponível em: <www.revistamirabilia.com>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.

ZILLES, Mons. Urbano. **A iconoclastia**. Disponível em: <www.ecclesia.com.br>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.

TOMMASO, Wilma. **Arte sacra no Oriente e o ícone da Trindade de Andrei Rublev**. Disponível em: <www.academia.edu>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.

JUAREZ, Padre. **Nossa Senhora Consolata**. Disponível em:
<www.padrejuarez.com.br>. Acesso em: 12 de março de 2015.

ANEXOS

Anexo A

Roteiro aberto para as entrevistas.

1. Informações pessoais.
2. Desde quando mora no Bairro São Vicente?
3. Como era viver aqui nesses tempos onde as coisas eram bem difíceis principalmente para quem vinha de outro estado?
4. Como era o Bairro São Vicente entre as décadas de 1960 e 1970?

5. Você participou do processo de construção da Igreja de São Vicente?
6. Poderia descrever, contar o que aconteceu para construírem essa Igreja?
7. Você participou ou conheceu a Conferência Vicentina que prestava serviços religiosos no bairro São Vicente?
8. Quais as principais atividades desenvolvidas pela comunidade na época?
9. Qual foi a participação na comunidade da igreja de São Vicente?
10. O que significava na sua vida a figura de São Vicente de Paulo?
11. Porque a comunidade católica mudou o seu padroeiro, passando de São Vicente de Paulo para Nossa Senhora Consolata?
12. Porque Nossa Senhora Consolata?
13. Qual foi a reação da comunidade com essa troca?
14. Qual o significado, o valor em ter no seu bairro uma comunidade religiosa?

Anexo B

Entrevista realizada com o senhor Vandir de Souza, no dia 22 de outubro de 2013.

O senhor **Vandir de Souza** é roraimense, nascido em 25 de dezembro 1943. Na segunda metade dos anos 1950, o senhor Vandir diz ter começado a participar, ainda adolescente, de algumas atividades do Bairro Redenção. Clube de futebol primeiramente, chamado São Vicente futebol clube, do qual foi cofundador, depois foi membro do Grupo de Jovem formado pelo Pe. Antonio Curti, que levava também o nome de São Vicente, e depois no ano de 1960 se juntou ao grupo mais adulto para

construir a Igreja de São Vicente de Paulo. Hoje o Senhor Vandir tem 71 anos de idade, é aposentado como servidor público, onde exerceu algumas funções entre elas a de professor primário e vigilante. Atualmente em outro bairro Calungá, vizinho ao bairro São Vicente, é católico assíduo nas atividades da paróquia Nossa Senhora Consolata.

1. Quais lembranças o senhor tem do antigo Bairro Redenção, hoje bairro São Vicente?

Seu Vandir: Foi mais ou menos em 55 a 58, que comecei a frequentar o bairro redenção, eu já era rapazinho. Já tinha a presença dos padres e das irmãs que davam aulas de catecismo, a gente se reunia em baixo de um pé de cajueiro, e tinha também o grupo dos Vicentinos, que fazia trabalho de caridade. Foi por causas desses vicentinos e das histórias do santo São Vicente que eles nos contavam, que era homem bom, caridoso, que fazia bem aos pobres e necessitados, é que nós desejávamos mudar o nome do bairro para o nome do santo. A prefeitura não reconhecia. Com o passar do tempo foi aparecendo muita diversão por aqui, tinha muitos jovens. Então resolvemos criar um clube de futebol, e para fortalecer mais a nossa luta para mudar o nome do bairro “batizamos” nosso clube de São Vicente Esporte Clube. Ai pronto, o nome se popularizou porque a rapaziada vinha aqui jogar futebol e quando se fala em esporte só se conhecia o São Vicente.

2. O senhor disse que o Igarapé separava o bairro Redenção do resto da cidade. Como era o acesso, então?

Seu Vandir: O bairro Redenção, até final da década de 1960, não passava de umas poucas casas espalhadas desse outro lado do Caxangá. A única via de acesso era uma estrada, a oeste fazendo um contorno para o leste, que dava acesso à fazenda dos padres e ia até uma oficina do governo onde hoje é a escola Barão de Parima. No início da estrada, na saída da cidade, fizeram uma ponte de madeira sobre o referido igarapé, hoje Rua Professor Diomedes. Entre essa estrada, que era conhecida como estrada do Calungá, e o Igarapé Caxangá, havia somente algumas casas, talvez umas quinze casas. Ao norte estava o centro, bem pequeno, tudo muito atrasado, e ao sul só o campo – que chamamos de lavrado – que se dizia fazenda dos padres.

3. O senhor saberia dizer por que o bairro Redenção passou a chamar-se São Vicente?

Seu Vandir: Não me lembro de tudo, mas algumas coisas sim. Eu sei que quando comecei a participar das brincadeiras, festinhas e até novenas que se fazia aqui no Redenção, havia um grupo de pessoas chamadas Vicentinas que promoviam essas atividades da igreja, juntamente com umas madres (freiras) e um padre que não lembro o nome. Esse grupo chamado Vicentinos, nome dado por causa de São Vicente de Paulo, começou se falar de porque não mudar o nome do bairro? Redenção não tinha padroeiro, não estava ligado a nenhum santo, parece que estava mesmo faltando alguma coisa. A gente nem podia festejar o santo de nossa comunidade porque não tinha, diferentemente dos outros bairros, como São Francisco; no centro tinha São Sebastião e Nossa Senhora do Carmo e nós não tínhamos nada disso, era como se nós não fôssemos católicos. Então algumas pessoas chegaram a falar até com o prefeito na época, mas não deu em nada. A partir disso o Santo, São Vicente, passou a ter um significado ainda maior para nós. Então nós começamos a pensar em algumas atividades que promovesse mais o nome do Santo.

4. O senhor poderia nos explicar quais atividades foram desenvolvidas para promover o nome do Santo?

Seu Vandir: Então, tinha ali, bem pertinho de onde foi construído a Igrejinha, um campo onde a moçada se reunia pro jogar futebol e um pé de caju, que nos servia de abrigo para nossas reuniões, foi quando resolvemos criar uma associação esportiva, chamada São Vicente Esporte Clube, e isso a fim de espalhar o nome do santo. E deu certo! Com o passar do tempo o nosso futebol ganhou fama, aí moçada vinha toda de toda parte da cidade para cá, se fazia os times e disputava os campeonatos. Quando se perguntava sobre jogo de bola, só se falava do São Vicente e assim o lugar mesmo não oficializado, foi se popularizando como São Vicente. Se perguntava no final de semana pra onde ia, todo mundo dizia, vamos para o São Vicente. Ai não vinha só os jogadores, vinham várias pessoas para fazer a torcida, se diverti. Aqui não tinha mesmo opções de diversão.

5. **Mas seu Vandir, o senhor disse que o Santo era uma figura importante, o senhor poderia dizer melhor em que isso era importante, o que vocês conversavam, assim quando se reuniam a respeito disso?**

Seu Vandir: Nós formamos uma associação esportiva como já disse. Depois tivemos que formar uma diretoria. O senhor José Ribeiro da Silva era o diretor, então as coisas ficaram mais organizadas. Então como a gente se reunia com frequência nos finais de semana por causa das atividades do futebol o assunto em relação ao padroeiro do bairro vinha a tona, pois o futebol foi organizado para propagar o nome do santo também. A nossa reivindicação era baseada na falta de uma figura, o nome Redenção não significava nada pra nós, como se a gente não fosse nem contado como católico, como morador, a gente sentia necessidade de fazer as festas da igreja, ter um padroeiro, fazer procissão, novena, algo que animasse nosso bairro, algo para comemorar, bom, aquelas coisas que toda igreja faz, não tinha outras igrejas aqui, como hoje, cheio de evangélico, aqui todo mundo era católico.

6. **O senhor quer dizer que não ter um santo deixava vocês sem uma identidade, o que o senhor quer dizer com isso?**

Seu Vandir: Sim, é essa a palavra, sem identidade! É como eu disse, naquele tempo, se não fosse católico era como se não fosse ninguém, pois a religião era quem dava vida a gente, tudo que a gente fazia era promovido pelos padres e pelas mães, e não ter um padroeiro era como se faltasse alguma coisa mesmo. E como a gente já conhecia o São Vicente, os vicentinos falavam bem dele, que tinha amor aos pobres, que fazia tudo para socorrer os necessitados, que tinha sido um grande homem, a gente não tinha dúvida que era esse o santo da nossa devoção a partir daí. Foi aí que a proposta começou a se espalhar entre os moradores, que não eram muitos, e passar a ser ponto de reivindicação junto a prefeitura que trocasse o nome do Bairro, para que passasse a ser chamado Bairro São Vicente.

7. **Sim, mas hoje o bairro é oficialmente chamado São Vicente, o senhor sabe dizer como se chegou a isso?**

Seu Vandir: Disso eu lembro bem padre, e com detalhes. Em 1962 tinha um padre, e desse eu ainda lembro o nome, chamava-se Antônio Curti. Esse tinha interesse em

construir a Igreja pra São Vicente, mas o coitado não tinha dinheiro e nem nós. O senhor imagina como eram difíceis as coisas naquele tempo, principalmente materiais de construção. A população era pequena demais e pobre, a gente vivia isolado. Mas então, os moradores que também eram sócios do clube de futebol mantinham a esperança de mudar o nome do bairro. Então nos reuníamos aqui bem próximo onde hoje é a igreja. Só tinha um pé de caju. Com a criação do Clube de esporte, começamos a fazer muitas festas, aí começou as bebedeiras entre os jovens. O padre e as irmãs logo se preocuparam com essa situação. Então logo criamos o grupo de jovens, que também passou a chamar Grupo de Jovens São Vicente, que passou a contar como mais um elemento no processo de reivindicação da mudança do nome do bairro. Mas foi somente no ano de 1962, lembro o ano porque foi o ano da copa do Chile, que o senhor José Ribeiro, presidente do clube, reuni o grupo de jovens, e nos convidou a construir a igreja de São Vicente. Essa já era vontade do padre e das irmãs, mas alegavam falta de dinheiro para isso. Mas, a nossa pergunta era: com? Porque condição não tinha mesmo. Lembro que no dia 17 de junho, final da copa de 1962 do Chile, nos reunimos, em baixo do tal cajueiro. Esse cajueiro era a sede do nosso clube, era nossa igreja, enfim, era a nossa outra casa, nos reuníamos aí sempre que queríamos discutir qualquer assunto a respeito da vida da comunidade, para fazer o planejamento de como íamos fazer a tal construção. Levamos nosso rádio de pilha para depois da reunião, ouvir juntos a razão do jogo – e deu sorte, São Vicente ajudou, o Brasil foi campeão – onde discutimos muito de como íamos proceder para tal construção, pois ninguém dispunha de dinheiro.

8. E então como foi que vocês resolveram, já que não tinham condições financeiras para construir?

Seu Vandir: Nesse dia nos reunimos: o Sr. José Ribeiro da Silva que era mestre de obras, eu, que era pedreiro, Mair Lucena de Melo e os irmãos Moacir e Agacir Mangabeira que se apresentaram como ajudante de pedreiro, todos nós éramos membros do clube de futebol. Ai já meio caminho andado. Percebemos que tínhamos a mão de obra, mas faltava o material. Então planejamos assim: Só podíamos trabalho levantando as paredes nos finais de semana; Então o senhor José Ribeiro da Silva era pedreiro e carpinteiro que se responsabilizou pela obra; Eu também ajudei era pedreiro e me comprometi logo em ajudar; os irmãos Mangabeira, Moacir e Agacir se comprometeram

como ajudante de pedreiro. Ai faltava o principal: tijolos e cimento. O senhor Mair Melo, pediu o valor de quinhentos cruzeiros, para fabricar adobe suficiente para as paredes. Não aceitamos, porque não tínhamos como pagar, ele então resolveu fazer de graça. Ele fazia os adobes no decorrer da semana e nós, os outros, levantávamos as paredes no fim de semana. O alicerce já foi feito com pedra e cimento, para futuramente se construir de alvenaria, foi o padre que conseguiu esse material. Depois para finalizar foi construído em alvenaria os detalhes da frente da igreja, essa parte foi o padre também que arrumou o material e os pedreiros para fazer, não fomos nós. Esse processo foi rápido, logo a igreja ficou pronta. Aí não teve jeito o prefeito mudou mesmo o nome do bairro.

9. Seu Vandir, e o jogo?

Seu Vandir: Pois é, nós nos reunimos cedo, a tarde, logo após o almoço, porque o jogo era cedo também aí pelas duas ou duas e meia da tarde. São Vicente ficou feliz naquele dia, deu muita sorte, o Brasil ganhou a copa com 3 x1 em cima da Tchecoslováquia, e nós fomos campeões. No término do jogo o Pe. Antonio Curti chegou para saber como tínhamos resolvido e nos cumprimentou pelo título do mundial.

10. Seu Vandir, o bairro mudou de nome com a construção da igreja?

Seu Vandir: Não me lembro muito não, sei que o prefeito mudou depois que a Igreja ficou pronta e começou a ter as missas. Porque ai passou a reunir mais o povo. Passou a ter batizado, missas, primeira comunhão, e até a primeira festa de São Vicente, aqui mesmo no bairro. Logo em seguida, quando resolvemos fazer a igreja, o governo começou a fazer uma escola nas proximidades também, que hoje chama-se escola São Vicente. A essa altura já tinha mais morador e comunidade tava um pouco maior estava mais fácil de organizar. Mas acho que foi no final de 1963 ou começo de 1964 que o prefeito da Época, chamado Mozart Cavalcante fez a mudança definitiva do nome do Bairro. O povo esqueceu de vez o tal Redenção, é tão tal, que hoje ninguém sabe dessa história, o senhor pode perguntar por aí como era o nome do bairro que ninguém sabe. Os moradores da época, ou foram embora e estão muito velhos ou morreram, se o senhor encontrar ainda algum por aqui é só um ou outro, mas vai ser bem difícil. E, como é uma historia assim, de uma comunidade pequena que não teve muita

importância, ninguém guardou nada. Mas de qualquer forma o nome São Vicente parece que deu ânimo as pessoas, elas se sentiram com mais importância. É como se a gente tivesse ganhado um documento de identidade, como o senhor disse. Isso foi muito importante pra nós, na época.

11. Mas porque o senhor diz que o bairro era sem importância?

Seu Vadir: Ora Padre, nós éramos a parte mais pobre da cidade, a gente se sentia mesmo assim, isolado, deixado de lado. É claro que hoje São Vicente é praticamente o centro da cidade é um bairro bonito, todo asfaltado com comércios e tudo mais. Mas isso demorou tempo para ficar assim. Nós tivemos que criar meios para que fossemos reconhecido e isso veio por meio da religião, logo todo mundo aqui era católico, isso facilitou nossa união. De uma coisa eu sei, nós não queríamos o nome redenção, a gente nem sabia o que era isso.

12. Seu Vadir, o senhor falou sobre os Vicentinos no começo da entrevista, o que o senhor se lembra deles?

Seu Vadir: Também não lembro muita coisa porque não participei diretamente desse grupo, pois eram mais senhores, só que a história de São Vicente aqui começou por causa desse grupo. Sei que eles ajudavam o padre e as mães nas coisas da Igreja, como as missas, as novenas e até em pequenas festas para arrumar dinheiro para a comunidade. Sei que eles se reuniam constantemente e arrecadavam doativos, alimentos, roupas e dinheiro também para ajudar os pobres da comunidade assim como outros que descobriam que estavam em situação difícil. Era um grupo de gente boa. É por isso que ficamos gostando de São Vicente. E fizemos de tudo para que o nosso Bairro fosse dedicado a ele.

13. E sobre a mudança da comunidade São Vicente para a Comunidade Consolata?

Seu Vandir: Padre aí já é outra história, pois, me casei e me desliguei um pouco. Fiquei ligado mais na parte esportiva. Lembro que em 1970, eles (Prelazia, governo e prefeitura) fizeram um tipo de loteamento aqui, por essas terras aqui tudo era dos padres. E o Bairro cresceu e a igreja ficou pequena. Esse terreno onde está a Consolata hoje, foi deixado pela Prelazia para ser o lugar da nova Igreja e também do campo de futebol. Em relação ao futebol, o Padre, aí já era outro chamado Igino Saraco, incentivava muito o esporte. Mas começou a crescer e gerar disputas mais sérias e até desavenças, aí foi quando nos do São Vicente Sport Clube achamos que a coisa não tava mais dando certo. Teve ainda vários campeonatos ainda participamos, mas vinham muitos outros grupos de outros bairros, outras agremiações e queriam ter direitos sobre o espaço, foi aí que a coisa foi se enfraquecendo e fomos saindo, muitos jogadores de clubes oficiais de Roraima saíram daqui. O São Vicente Sport Clube deixou de existir e aí ficou só como campo de pelada mesmo e como o imóvel era da Prelazia mesmo com o tempo o espaço ficou cedido só para as questões religiosas.

14. Mas o Senhor não tem nenhuma lembrança a respeito de coisas da Igreja, como essa mudança aconteceu?

Seu Vandir: Só lembro que foi construído um barracão onde passou a ter missas. Mas as missas continuavam lá na igreja de São Vicente também. Onde hoje é a Igreja da Consolata era pra ser a Paróquia de São Vicente de Paulo, mas depois mudou e eu não sei lhe dizer porque. Sei que os moradores mais antigos, esses que lutaram pela mudança do nome do bairro, e pessoal do esporte, não gostaram muito não. Mas a gente respeitava muito os padres e as mães então ninguém protestou.

Anexo C

Entrevista realizada com Dona Cleonice de Vasconcelos, em 15 de agosto 2013.

Dona **Cleonice de Vasconcelos**, 84 anos, chegou em Roraima no ano de 1951. Veio de Bodocó, Pernambuco. Casada, com dois filhos e grávida do terceiro. Esse terceiro era uma menina, que veio a falecer, alguns meses depois ao nascimento. Chegando a Roraima, D. Cleonice e sua família foi morar no interior de Roraima no lugar chamado Cantá. Em 1958, preocupada com os estudos dos dois filhos, veio morar em Boa Vista, onde passou a residir no bairro Olaria, hoje parte do centro de Boa Vista, frequentava a Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, porque estava aí nas proximidades. Em 1971 veio morar no bairro São Vicente. Para sustentar sua família em Boa Vista, Dona Cleonice, trabalhou por muitos anos como costureira e com isso conseguiu manter os filhos na escola. Dona Cleonice tem como formação o que hoje Chamamos Ensino Fundamental, mas muito hábil em leitura, pois foi graças a esse conhecimento que pode se dedicar a igreja colaborando naquilo que podia, como Ministra da Eucaristia e membro do Apostolado da Oração, assim como todas outras atividades que desenvolvia a comunidade. Além da prática fervorosa e constante da oração na comunidade o grande trabalho de D. Cleonice sempre foi as visitas e assistência religiosa e social aos doentes e pobre da comunidade.

1. Dona Cleonice porque a senhora, sua família, resolveu vir morar aqui em Roraima?

Dona Cleonice: Havia muita propaganda que aqui era bom, que tinha muitas terras, ouro etc, etc e não era mentira, tinha mesmo, só que não estava ao nosso alcance. E as terras não tinha valor nenhum quem chegava podia pegar aí o que quisesse, desde que já não tivesse um dono. As coisas eram muito difíceis aqui. Nós fomos morar no Cantá, mas lá não tinha nada para oferecer pros nossos filhos, foi quando disse pro meu marido vamos pra Boa Vista. Aqui pelo menos tinha escola para os nossos filhos estudarem, ele meio sem vontade concordou e viemos.

2. E chegando aqui, em Boa Vista, foram morar onde precisamente?

Dona Cleonice: Nós morávamos onde hoje chamam de Caetano Filho, alagava todos os anos. A prefeitura estava dando essas terras, então resolvemos pegar um

pedaço para nós. Mas, aqui era quase um deserto, a noite era tudo escuro, luz, só de lamparina. Não havia essas avenidas que vão ao centro de Boa Vista. Havia uma separação entre o centro e aqui, o Igarapé Caxangá não dava passagem, dávamos uma imensa volta, a pé. Para chegar aqui era uma estrada, um caminho na verdade, beirando o rio, o que hoje chamamos de Avenida Castelo Branco que se juntava com a rua Professor Diomedes.

3. Como era sua participação lá na Igreja Matriz, a senhora tinha alguma função na Igreja?

Dona Cleonice: Sim, sempre ajudei naquilo que era preciso, quando necessitavam de ajuda para organizar os festejos, a gente saía arrecadando donativos. Outra coisa que sempre fizemos era ajudar as pessoas necessitadas, os padres e as madre sempre foram muito cuidadosos com as pessoas sofridas. Era tudo tão bom Pe Mario, tinha as missas todos os dias as 05 horas da manhã, e a gente ia. Não tinha ladrão, não tinha assaltante, então a gente não tinha medo de nada. As casas ainda fechadas e permaneciam até quando ainda estávamos voltando, porque era cedo mesmo. E outra coisa boa era as adorações que tinham uma vez na semana, acho que era as sextas feiras, mas, não me recordo agora. Além disso tinha os batizados os casamentos eram tudo muito animado, como todo mundo conhecia todo mundo, todo mundo ia.

4. A senhora fala dos festejos, havia mais de um festejo ou a senhora se referem a todos no geral?

Dona Cleonice: Nós da Igreja matriz estávamos ligados também a São Sebastião, portando essas duas festas eram por nossa conta, depois surgiu a intenção de fundar a Igreja de São Vicente no Bairro Redenção – assim era chamado esse bairro – e começamos a fazer a festa pra São Vicente também, mas, era uma coisa mais simples. Mas tudo era muito bom, gente não tinha outra diversão, a igreja era tudo pra nós, que bom se ainda fosse assim, não teria tanta violência, filho desrespeitando os pais. Mas, também tinha outras festas, a dos padroeiros, as mais famosas eram a de São Sebastião em janeiro e Nossa Senhora do Carmo em Dezembro. E me lembro que faziam a de São Vicente de Paulo também.

5. O que a senhora lembra dessa festa de São Vicente, poderia dizer alguns detalhes. Se era missa procissão, quermesse?

Dona Cleonice: Pe Mário, na verdade, eu me lembro de algumas festas de São Vicente, que aconteceram lá mesmo na Igreja Matriz, mas teve uma que lembro melhor e acho que essa é a mais importante para o seu interesse. Tinha um grupo chamado Vicentinos que cuidavam dessas festas e era bastante incentivado pelo padre. Eu me lembro como se fosse hoje, no ano de 1960, só não lembro o exato dia, talvez tenha sido no dia do santo, quando saímos da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, a tardezinha, em direção ao local que seria construída a Igreja de São Vicente de Paulo em procissão com a imagem do santo, pela Benjamin Constant, que depois do Igarapé era só estradinha. Quando lá chegamos, o Pe. Antônio Curti, vigário da época, disse umas palavras e depois colocou a pedra fundamental para a construção da Igreja. Digo isso para que o senhor não tenha dúvida do que lhe conto. Conheço esse bairro desde quando ele ainda era só mato, com certeza há muitas coisas já esquecidas mas, há muitas das quais me lembro com muita clareza, como essa procissão.

6. A senhora lembra como foi o processo da construção da Igrejinha de São Vicente?

Dona Cleonice: Não, isso eu não lembro, sei que foi uns dois ou três anos depois ainda, demorou, mas eu ainda vim algumas vezes nessa Igreja antes de me mudar para cá. Mas como ela foi feita isso eu não lembro sei que foi construída por um grupo de voluntários. Até porque já foi o pessoal do bairro que tomou a iniciativa de construir e como eu não morava no centro, não participei do processo. Tinha algumas festinhas para arrecadar dinheiro, nisso a gente participava também, mas não me envolvi diretamente no processo de construção.

7. A senhora disse que se mudou para cá no ano de 1971. A senhora lembra como era esse bairro nesse período, as verdadeiras condições de infraestrutura para receber os moradores?

Dona Cleonice: Hoje nós moramos quase num paraíso. Nós morávamos no bairro da Olaria, alagava todos os anos. Ficamos sabendo que prefeitura estava dando esses terrenos, por aqui, então resolvemos pegar um pedaço pra nós, eu e minha filha, pois

meu marido não queria. Tiramos esse terreno aqui onde construímos um barraco para passar o período das cheias, era um período triste, de muito sofrimento. Nosso plano, no começo, era logo depois que passassem as chuvas, era voltar para nossa casa, pois, meu marido não queria sair do Olaria. Minha filha foi quem disse vamos ficar é aqui. Foi aí que resolvemos não voltar mais e ficar definitivamente morando aqui em nosso barraco, isso foi no final do inverno de 1971, foi no mês de agosto.

8. **E o Bairro como era?**

Dona Cleonice: Mas aqui era quase um deserto, a noite era tudo escuro, luz, só de lamparina. Não havia essas avenidas que tem hoje, que vão ao centro de Boa Vista. Havia uma separação entre o centro e aqui, o Igarapé Caxangá que não dava passagem, dávamos uma imensa volta, a pé. Para chegar aqui era uma estrada, um caminho na verdade, beirando o rio, o hoje se chama avenida Castelo Branco que se juntava com a Av. Professor Diomedes. A gente atravessava pela ponte do “jacaré te pega”, como era conhecida a ponte do Caxangá já chegando no rio branco, hoje chamada ponte do Beiral, mas, no tempo mesmo que eu me mudei de vez pra cá, já estava feito o aterro na Benjamin Constant. Da Igrejinha de São Vicente mais pro lado de cá, já havia umas poucas casas, bem poucas ainda. Logo começaram a construir o conjunto do BNH, e assim as coisas foram melhorando.

9. **Quando a senhora se mudou para o Bairro São Vicente a Igreja já estava construída? Que tipo de atividades a comunidade religiosa de São Vicente de Paulo desenvolvia?**

Dona Cleonice: Bom, além das missas, tinha catequese com as crianças, todos os finais de semana, tinha oração do terço também, havia um grupo de jovem e isso era animado essa parte dos jovens, pois tinha um clube de futebol, que reunião muitos jovens e conseqüentemente outras pessoas vinham para assistir os jogos, e isso dava muita animação. Além disso, havia os batizados, casamentos. Tinha também os vicentinos, que era um grupo de pessoas que se reuniam todas as semanas. A reunião deles era para rezar e depois cada um dava uma contribuição para ajudar os pobres. Sempre tinha as viúvas, mulher com filho e sem marido, algum idoso necessitado e esse grupo tinha esse cuidado, de prestar esse tipo de caridade para

esses necessitados, os governos não se importava muito com esse povo não, se não fosse nós a igreja morria tudo a míngua.

10. O grupo dos Vicentinos já existia antes da que construção a Igreja?

Dona Cleonice: Sim. Esse grupo já existia desde a matriz e era de interesse deles, digo deles que tinha outros grupos de vicentinos, e desejavam a construção dessa igreja. Eu não sei qual a participação deles nessa construção, mas sei que inclusive que o terreno onde foi construída a Igreja foi destinado para os serviços deles. Depois eu não sei o que aconteceu que eles foram se acabando, a ponto que não se fala mais neles hoje, não fala nos vicentinos, talvez por isso a Igreja tenha mudado de padroeiro.

11. A senhora lembra quando e porque a comunidade religiosa trocou seu padroeiro?

Dona Cleonice: Não sei ao certo. Mas há um momento que parece que estávamos parados, as coisas pareciam não acontecer, as conferências se fecharam, deixaram de existir parece que o que se tinha feito perdeu o significado, a gente precisava recomeçar de novo. Mas novidades estavam acontecendo. O bairro estava crescendo, alguns novos moradores chegando, eu e minha família também viemos juntos, pois morávamos nas redondezas, mas, não especificamente aqui, neste bairro. Nós morávamos em outro bairro que alagava com as enchentes do rio, construímos uma barraquinha aqui para passar o período chuvoso, e, resolvemos não mais voltar, então com mais gente no bairro, a gente precisava mesmo de outra igreja que coubesse o povo, não se via falar em evangélicos por aqui, todo mundo era católico e só tinha uma igreja para vir. Então quando eu passei a morar no aqui em 1971, eu já frequentava a muito tempo a igreja de São Vicente, mas também já estava celebrando ali onde é a Consolata, era só num barracão.

Anexo D

Entrevista com Júlio Martins, em 05 de agosto 2014.

O senhor **Júlio Martins**, 75 anos de idade, foi secretário geral do Governo do Território Federal de Roraima, cargo equivalente a vice-governador, nos anos de 1962 a 1964; foi também prefeito da Cidade de Boa Vista, na época capital do então Território de Roraima, no período de 1974 a 1978. Exercendo essas duas funções administrativas, teve participação direta em todo processo de ampliação do Bairro São Vicente, não somente no período de sua ampliação territorial como posteriormente, em todo processo de urbanização do mesmo. Sobre o bairro São Vicente ele diz que não se sabe ao certo o início de sua ocupação, supõe-se que tenha surgido de forma espontânea com os primeiros moradores no início da década de 1950, permanecendo com pouquíssima habitação até a década seguinte.

1. Seu Júlio Martins quais funções públicas o senhor exerceu em Roraima e de modo mais específico em Boa Vista, e em que ano foi isso?

Júlio Martins: Em 1962 a 1964 eu exerci a função de Secretário Geral, que era uma espécie de vice-governador. O Governador do Território e o Secretário Geral eram nomeados pelo Presidente da República, na época João Goulart, em 1962. Uma das funções do Secretário Geral era a de coordenar as secretarias do Governo, inclusive e as prefeituras. No Território, na época só havia as Prefeituras de Boa Vista, como prefeito Mozart Cavalcanti e a de Caracará com o prefeito celestino da Luz. Depois disso fui prefeito municipal entre os anos de 1974 a 1978.

2. O senhor tem alguma lembrança de como era o Bairro São Vicente nessa época?

Júlio Martins: Lembro sim! Quando trabalhava no governo do estado, esse bairro se chamava Redenção. Até a década de 1960 toda essa região, após Igarapé Caxangá, era a extrema periferia da cidade, o arrabalde da Cidade, inclusive isolada pelo Igarapé. Não tinha organização urbana, estava ocupada esparsamente, casas espalhadas. Até a década de 1960 toda essa região, após Igarapé Caxangá, era a extrema periferia, o arrabalde da Cidade, inclusive isolada pelo Igarapé. Não tinha organização urbana, estava ocupada esparsamente, com casas espalhadas. Sei que nos primeiros anos da década de 1960, estavam construindo a Igreja de São Vicente,

pelos padres e os moradores do bairro Redenção e, depois, em 1963, o governo do território construiu o Colégio São Vicente, que teve como primeiro nome o do então Deputado Federal Gilberto Mestrinho. O Gilberto Mestrinho depois foi governador do Amazonas e prefeito de Maus também. Ele próprio queria que dessem o nome de São Vicente a escola, provavelmente por conhecer a devoção do povo do bairro pelo santo e por já haver aí próximo a Igreja dedicada a ele.

3. Então pelo que o senhor descreve a respeito do bairro, as estruturas aqui eram precárias?

Júlio Martins: Aqui não havia luz elétrica, e nem água encanada, essas instalações não atravessavam o Igarapé Caxangá. Luz aqui era de lamparina e água limpa só no igarapé Pricumã. Bairro São Vicente como todo o Território da Bacia do Rio Branco, cumpriu o seu destino. Primeiro chega a presença religiosa, isto é a comunidade religiosa surge primeiro e começa a se organizar como tal, depois é que o estado toma de conta naquilo que lhe cabe como... mas a primeira organização sempre passa pelas iniciativas da igreja.

4. E sobre as migrações, ai nos anos 1960 meados de anos 70, já era perceptível esse fenômeno?

Júlio Martins: O fator que mais determinava aqui, em Roraima, nesse período, era o isolamento. Só se chegava aqui via aérea ou fluvial. Aérea, saia muito caro, só as autoridades ou em situações de emergências, a via fluvial também era muito precária, o Rio Branco só dava acesso até Caracaráí, no período da seca a situação se tornava mais precária. De Caracaráí a Boa Vista são 140 Km de estradas, nessa época sem asfalto, período das chuvas era quase que intrafegável. No período da seca o rio não dava acesso. Então, sair ou entrar em Roraima não era uma coisa muito fácil. Até porque mesmo que grande parte da população “branca” de Roraima era oriunda de outras regiões do Brasil, mas a população até então era muito pequena, não podíamos dizer que havia fluxos migratórios, como nas décadas que se sucederam. Se vivia muito, nessa época, uma mistura de brancos e nativos que vinham das aldeias que não eram longe e passavam a morar na cidade. Mas no período da grande guerra, e nos anos seguinte chegavam aqui muitas famílias do

nordeste brasileiro. Obviamente que chegavam pessoas aqui, oriundas principalmente do nordeste, mas não era um grande fenômeno, uma família aqui outra acolá. Esse processo de migrações se tornaram muito forte a partir de 1079, no governo de Otomar de Souza Pinto.

5. Sobre a construção do conjunto do BNH, daqui do bairro São Vicente, foi em sua gestão?

Júlio Martins: Esse conjunto na verdade foi obra do Governo Federal. Foi construído em 1974 com 211 unidades habitacionais, simultâneo a ele outro no Bairro Mecejana, fazia parte dos incentivos aos moradores do território. Aqui era pouco povoado, era uma forma de expandir também. O governo do estado na época chamava-se Fernando Ramos Ferreira, foi um grande governador, hoje esquecido pela população, homem de ética, honeste e grande conservador dos valores. Esse conjunto estava ligado ao organograma do Ministério do Interior, cujo ministro era Mário Andreazza. Os principais destinatários desse conjunto eram os funcionários do território, militares que vinham aqui para as guarnições das fronteiras, e outros que dispunham de condições para adquirir as unidades habitacionais.

6. Teria algum fator importante, que o senhor gostaria de ressaltar a respeito do bairro São Vicente?

Júlio Martins: Tem algo interessante sim. Essas mudanças aqui em torno da Igreja, coincidia com as celebrações em comemoração a presença dos pedrês e das irmãs em nossa cidade. Em 1975, as irmãs missionárias da Consolata Celebraram o jubileu de Prata de sua presença aqui na Diocese de Roraima e estavam construindo a casa que seria a sede provincial da Amazônia, que fica nessa avenida que hoje se chama Avenida Nossa Senhora Consolata, que nessa época chamava-se Souza Júnior, eu como prefeito na época para homenagear as irmãs, assim como também os padres que chagaram dois antes das irmãs, em 1948, e as irmãs em 1950, resolvi trocar o nome da avenida para o nome da Santa padroeira das irmãs, e dos padres também, obviamente. Então essa avenida que está ao lado esquerdo daqui da paróquia chama-se Souza Junior. O Souza Junior é uma figura histórica aqui no município de Boa

Vista, quando pertenceu a primeira câmara de vereadores, o primeiro prefeito Coronel Mota e os intendentes, que eram os vereadores, e Souza Junior compôs essa primeira câmara. A família do Souza Junior não se opôs à troca, em compensação dei o nome dele a outra rua. Acredito eu, que por esse motivados por essa festividade, os padres da Consolata, que forem sempre responsáveis pelas atividades religiosas daqui desse bairro também resolveram trocar o nome da comunidade religiosa para o nome da Santa Consolata. Inclusive nesse período não havia ainda a Igreja, mas já havia a casa paroquial e anexo a casa um salão onde já se celebrava as missas aos domingos. Digo isso porque sempre fui muito ligado aos padres. Então acredito que todas essas mudanças entraram num pacote só. Em 1976, como prefeito implantei oficializei e dei nome ao Bairro 13 de setembro, em homenagem a data de criação do território federal de Roraima, pelo presidente do Brasil, Getúlio Vargas. Quanto que Boa Vista foi fundada como município pelo prefeito de Manaus, chamado de Ville Roy.

Anexo E

Entrevista realizada com dona Francisca Rufino, no dia 15 de agosto de 2013

Dona **Francisca Rufino**, tem 66 anos de idade é moradora do bairro São Vicente desde 1973, vinda do Ceará, mora em Boa Vista desde 1969. Morou no centro da cidade de Boa Vista até 1973 quando mudou-se para o bairro São Vicente. Lembra, com clareza, a situação do bairro onde passou a morar assim como o modo como se deu a ocupação do espaço da Igreja Nossa Senhora Consolata, como participou de todo o processo de sua construção da primeira versão da referida Igreja. Francisquinha sempre teve grande envolvimento na vida social e política do município. Seu esposo foi vereador pois seis mandatos consecutivos e sempre teve a esposa como ponto de sustentação de sua vida política. Francisquinha desde sempre teve grande contribuição com a vida comunitárias inclusive na organização patrimonial da comunidade, mas sem ter oficialmente uma função determinada. Nos últimos anos foi tesoureira e agora é a atual coordenadora do conselho de Pastoral da comunidade.

1. Dona Francisquinha a senhora pode descrever como era o Bairro São Vicente no período em veio morar nele?

Francisca Rufino: Posso sim! Aqui era um lugar muito longe, fora da cidade, havia muitos alagados, ninguém queria vir para cá. Se recebia os lotes, mas, ficavam abandonados, inclusive o nosso já foi comprado de alguém que ganhou e não quis vir. Nós mesmo só resolvemos mudar pra cá algum tempo depois dos primeiros moradores, só vínhamos nos finais de semana. Era muito deserto, só se via algumas casas pelo meio do mato. Muitos dos primeiros moradores eram pessoas que vinha do Ceará, inclusive minha família. Não tinha luz elétrica, não havia água encanada. Para lavar roupas, a gente ia ao Igarapé do Pricumã e do mesmo trazíamos água para beber. Era um tempo muito difícil.

2. A senhora fala de tempos difíceis, não se arrependeu de ter saído do Ceará e vindo para Boa Vista?

Francisca Rufino: Arrependo não! Mas foi bom ter vindo pra cá, mesmo com tanto sofrimento, pois foi aqui que começamos a ter nossas coisas, trabalhamos muito para

isso. Foi aqui que criamos nossos filhos. Depois a igreja sempre foi uma coisa boa positiva na vida da gente, aqui eu me engajei mais, pude ajudar mais também.

3. Quando a senhora chegou no bairro já tinha a Igreja Consolata?

Francisca Rufino: Não! A igreja, o prédio assim construído não, já havia um barracão, construído pelo padre José Zinto, onde já se celebrava as missas, mas a maioria das coisas ainda aconteciam lá na Igrejinha de São Vicente.

4. Pra senhora fez diferença São Vicente ou Consolata?

Francisca Rufino: Na verdade eu já frequentava a igreja de São Vicente, depois aqui não tinha igreja mesmo, os batizados, primeiras comunhões aconteciam tudo lá. Depois nunca ouvi ninguém chamar esse espaço aqui da Igreja como São Vicente, os padres já chamavam Consolata e logo fomos nos acostumando chamar assim também. Depois esse local onde está hoje ficou bem melhor. E sei que uma das motivações para deixarem um terreno tão grande, foi a questão do esporte. Essa comunidade, desde a outra igreja, sempre foi muito envolvida com futebol, atraía muita gente, final de semana era sempre muito animado. E esse futebol durou até início dos anos dois mil.

5. Mas o bairro foi melhorando então?

Francisca Rufino: Depois, aos poucos as coisas foram melhorando. O governo do território, com o governo federal construiu essas casas do BNH e aí começou vir mais moradores. Vinham os funcionários do território, vinham militares e outra que tinham condições de adquirir as casas. Isso fez com que o barro crescesse mais. Abriram mais as ruas, inclusive indo até o centro. Foram colocando bueiros no igarapé para poder fazer essas avenidas, Veio na época o ministro do interior Mario Andreazza para fazer a inauguração desse conjunto. E assim aqui ficamos, aos poucos fomos trabalhando, arrumando nossas coisas e criando nossos filhos. Nosso bairro cresceu, a comunidade da igreja também cresceu. Inclusive é bom dizer que a Igreja sempre foi a grande motivadora de nossas lutas e de nossas conquistas.

6. Mas, a senhora consegue lembrar de alguns acontecimentos importantes, desde que chegou aqui nesse processo de construir uma nova comunidade?

Francisca Rufino: Nesse tempo em que nos mudamos para cá, os padres tiraram esse outro terreno para construir uma Igreja nova. Ali foi logo construído um barracão para se celebrava as missas mas, também se continuava a celebrar lá na igreja de São Vicente e depois construíram um prédio bom onde hoje é a casa paroquial chamado de centro paroquial Nossa Senhora Consolata, que foi concluído em 1974 e as missas então passaram para lá. Nesse tempo teve uma animação muito grande, o padre e as irmãs organizaram a catequese, começamos a fazer muitas festas para arrecadar dinheiro pra construção da nova igreja, fizemos uma coordenação pra comunidade, era tudo muito animado.

7. Quem eram os padres na época, a senhora lembra de alguns deles?

O padre nessa época chamava-se José Zinto. Logo depois no ano seguinte 1972 ou 73 veio um padre chamado Igino Saracco que em seguida construiu um prédio de melhor estrutura para ser a casa paroquial e anexo um salão para as celebrações das missas e eventualmente outros eventos. Esse prédio passou logo a ser chamado de centro paroquial Nossa Senhora Consolata, que foi concluído em 1974. E a partir disso a comunidade foi sendo denominada de Consolata. Em 1978, o bispo Aldo Mongiano fundou a Paróquia com o nome da Santa, confirmando o que já estava estabelecido. A nova paróquia tinha duas comunidades, a Consolata como sede e a vizinha Santa Luzia, no bairro Treze de Setembro.

8. E a Igreja de São Vicente, como ficou?

Francisca Rufino: A Igreja de São Vicente ficou minguada. Primeiro porque dividiu mesmo a comunidade, um bocado ficou frequentando lá e outro cá. Como a comunidade nova era maior mesmo e o povo também meio novato, tinha pouca ligação com São Vicente, a igreja não demorou fechar as portas. Já em 1980 ela deixou de funcionar como Igreja, como igreja é porque ela não deixou de existir e continua a prestar um bom serviço à comunidade, porque desse tempo até agora está cedida para os Alcoólicos Anônimos.

9. A senhora pode falar como aconteceu a organização da comunidade logo no início?

Francisca Rufino: Nesse tempo teve uma animação muito grande, o padre e as irmãs organizaram a catequese, começamos a fazer muitas festas para arrecadar dinheiro pra construção da nova igreja, fizemos uma coordenação pra comunidade, era tudo muito animado. Se implantou um grupo de jovens. As coisas aconteceram bem rápidas, o Igreja era o coração desse Bairro. Nesse período, 73 até meados dos anos 80, o bairro teve um considerável aumento da população, mais ainda permanecia muitos terrenos desocupados e como nesse tempo as coisas ainda eram muito proibidas, digo essa diversão que os jovens gostam, a igreja se tornava o maior ponto de encontro, e isso facilitava muito o envolvimento nos trabalhos da comunidade.

10. O que a senhora lembra do processo de construção da Igreja Nossa Senhora Consolata?

Francisca Rufino: Bem, em 1978 a Igreja de São Vicente estava bem minguada, com a mudança definitiva para Nossa Senhora Consolata ela fechou de vez as portas logo no ano seguinte. A parti de então todas as forças se voltaram para a construção da sede da nova paróquia. Nesse período foi nomeado o novo Pároco, o Pe. Bruno Marcon. Esse padre foi o grande mentor e realizador desse empreendimento. Obviamente ele conseguiu dinheiro para boa parte da construção a outra parte foi a comunidade, com mutirões, arraiais, rifas etc. De forma que todo munda participava. Começamos em 1979 e dizer quando ele ficou totalmente concluída, nem sei, pois muitos acabamentos fomos fazendo depois.

11. E a inauguração como foi? Teve uma grande festa?

Francisca Rufino: Teve nada! O padre tava muito ansioso, queria inaugurar a Igreja de qualquer jeito. Não teve nada de especial. Celebramos a primeira missa na tarde do 20 de junho de 1981. A igreja estava totalmente inacabada tinha as paredes e o telhado. Não tinha luz elétrica, não tinha reboco, não tinha portas nem se quer o aterro para o piso tinha sido feito, fizemos um monte de barro dentro da igreja onde se pudesse apoiar uma mesa que servisse de altar para essa primeira missa. Esse foi o modo como foi inaugurada. Desde daí as celebrações passaram a ser na igreja nova.

12. Depois como continuaram a obra?

Francisca Rufino: O Pe. Bruno Marcon foi transferido em 1984. Até ai muitas coisas foram adiantadas. Em 84 veio o Pe Segundo Quessada que ficou até início de 1987, mas não me lembro, como já disse um trabalho que consideramos o último. Foi nesse período do Pe Segundo que fizemos o forro, esse foi a última etapa, mas não lembro exatamente o ano.

13. A senhora poderia nos dizer qual a importância dessa igreja na vida da senhora e da sua família?

Francisca Rufino: Aqui em casa nós sempre tivemos uma fé muito grande, eu e meu velho e sempre procuramos ensinar para nossos filhos aquilo que nós acreditamos, e tudo que acreditamos e sabemos a maioria veio da igreja. A na igreja Consolata, tudo isso teve um significado muito maior. Nós viemos de fora, de outro estado, isso significa dizer que nós estávamos sozinhos, os demais familiares ficaram para traz. O Igreja assume um papel muito importante na nossa vida. Quando se chega num lugar que não se conhece ninguém, a gente fica totalmente desorientado, sem chão. É como se a gente tivesse começando tudo de novo. A gente que sempre frequentou a Igreja, ficou mais fácil, pois lá a gente vai conhecendo outras pessoas e nos entrosando com elas, vamos fazendo novas amizades, são pessoas que a gente confia mais e assim nos familiarizamos mais rápido com a realidade do lugar. Um irmão ajuda o outro e assim vai...

14. A Igreja Nossa Senhora Consolata está passando novamente por um grande processo de reforma, quase que total. O que a senhora acha disso?

Francisca Rufino: De uns anos para cá nossa igreja tava muito parada, não acontecia muita coisa por aqui. Nossa Igreja nunca teve um padre certo desde muito tempo. Os missionários da Consolata construíram essa Igreja e ficaram aí até 2000. Nos últimos dez anos deles nunca tivemos um padre por muito tempo, eles mandavam um, que passava um ano, ou dois, e muitas vezes até menos que isso e depois tiravam e mandavam outro, nem dá para descrever assim os padres que ia se sucedendo de tantos que passaram. Em depois veio um padre diocesano, Pe Vanthuy, que só ficou dois anos,

depois vieram os padres verbitas que também só ficam dois anos e nesses dois anos vários padres, mas um era o responsável que se chamava Thomas, depois mais um padre italiano que ficou 3 anos, chamado Carlos Roberti. Em 2009 veio outro padre Diocesano, que está conosco até hoje – o senhor que tá me entrevistando sabe de quem tô falando: do senhor mesmo – esse Padre deu um novo vigor a nossa paróquia, começando pela linguagem, mais popular. Esse tem jeito diferente, mais aberto, bem objetivo, sabe o que quer fazer e vai em frente, e nós gostamos muito disso. Ele quis reformar a igreja, melhorar o espaço, ampliar mais, porque já não cabia mais o povo. Mesmo que ainda não esteja concluído esse processo, o povo gostou muito e eu também. As pessoas da comunidade inclusive pessoas que estavam afastadas abraçaram com ele essa causa. Além da igreja, está ficando a cada passo mais bonita, um verdadeiro clima de amizade e engajamento na comunidade nos tornou muito mais próximos, inclusive as outras comunidades da paróquia que eram bastante afastadas, hoje em dia, vivemos um clima de grande comunhão.

15. Essa nova versão da Igreja, faz algum sentido? Não era bom como estava?

Francisca Rufino: Quando o padre propôs a reforma, e ele foi muito insistente até concordarmos com ele, nós ficamos com medo, pois a Igreja é consideravelmente grande. E uma reforma levaria muito dinheiro. Coisa que não temos, tudo que entra com ofertas e dízimos chega mau para manter a estrutura. Pois bem todo o gasto que fizemos até agora e que ainda vamos fazer vai ser 10 vezes mais de que podíamos imaginar. Mas a reforma foi providencial, depois que começamos a reforma constatamos em pouco tempo ela iria cair em pouco tempo, a parte da cobertura estava totalmente comprometida. E isso ajudou a dobrar as despesas. É claro que não foi unânime a decisão de reformá-la, por alguns ela teria que desabar primeiro. Mas valeu apenas, estar valendo porque ainda não concluímos. Está cada dia mais bonita. Agora estar parecendo uma igreja de verdade, deixou de ser um barracão. A gente entra e sente que está dentro de uma igreja. Eu gostava da outra também, mas do jeito que está ficando, com certeza está muito melhor. Esse padre que está aí é um homem de muitos talentos, criativo, marcou definitivamente a história dessa paróquia.

16. A senhora disse que essa reforma custou o dinheiro que vocês nem imaginariam ter. Como a comunidade dispôs desse capital, já que não tinham dinheiro para fazer e pelo visto saiu caro?

Francisca Rufino: Eu elogiei o padre, mas, na verdade acho que ele é doido. Nunca teríamos a coragem de fazer um serviço desse, não nas condições dispúnhamos. Começamos com a cara e a coragem. A princípio pensávamos em gastar uns sessenta mil reais. Hoje estamos percebendo que vamos gastar mais de seiscentos mil. Mas vamos conseguir, até o final de 2014 vamos deixá-la totalmente acabada. Agora como conseguimos tudo isso? Ninguém acredita mas foi só com os eventos e as doações da comunidade.

Entrevista realizada com Dona Elda de Mendonça Barbosa, em 17 de agosto 2013.

Dona **Elda de Mendonça Barbosa**, de 82 anos. Moradora do bairro desde 1975, mas, antiga frequentadora da Igreja de São Vicente de Paulo, mesmo antes de morar no bairro. Veio de Piauí em 1955. E desde então mora em Boa Vista. Foi zeladora desta igreja por um período, segundo ela, de oito anos. Diz lembrar bem do tempo em destinaram o espaço novo para a nova Igreja e inclusive de alguns descontentamentos por parte dos primeiros moradores por conta da troca do padroeiro.

12. Desde quando a senhora foi moradora do bairro São Vicente?

Dona Elda: Na verdade eu moro em Boa Vista desde 1955, quando cheguei do Piauí, ainda solteira, menina nova ainda. Como não tinha casa própria morei em alguns bairros da cidade, como Aparecida, centro e São Vicente a parti de 1975, até ficar viúva em 2007 quando mudei para outro bairro para ficar mais próximo de minha filha.

13. Isso significa que quando foi morar no Bairro São Vicente já tinha a proposta da igreja da Consolata?

Dona Elda: Sim! Já havia atividades onde hoje é a Igreja Nossa Senhora Consolata, mas não havendo a Igreja ainda. Muitas coisas aconteciam ainda na Igreja de São Vicente, pois essa ainda era a igreja oficial do bairro.

14. Tenho informações de que a história da Igreja de São Vicente foi uma conquista dos moradores da época lutaram muito para ter esse santo como padroeiro. Como foi mudar o nome da comunidade pra Consolata?

Dona Elda: Esse movimento de transformação agradou muito aos moradores, tanto os mais antigos assim como aos mais novos, pois era um sinal de crescimento, de prosperidade, pessoas novas chegando, o bairro ia superando seu isolamento, e logo sentimos a necessidade de uma nova Igreja. A igreja para nós católicos é sempre um ponto de unidade, de encontro, é um espaço de convivência. Aquela igreja, parecia já ter cumprido o seu papel, precisávamos agora de um espaço maior, mais amplo, que viesse atender as nossas necessidades de católicos, o que não

esperávamos é que fosse mudar de padroeiro. Mas para os moradores mais novos, que passou a ser a maioria, isso não fazia muita diferença, mesmo sabendo que os moradores mais antigos não gostaram muito da ideia.

15. Os moradores aceitaram as mudanças, não houve queixas disso?

Dona Elda: Houve queixas sim, ninguém fala disso. Mas os moradores mais antigos, mais devotados a São Vicente ficaram bastante magoados com os padres da Consolata, porque tiraram São Vicente como padroeiro da Igreja. Inclusive a Igreja de São Vicente fechou as portas em 1980, por falta de fiéis. O povo deixou de ir a missa por revolta e raiva também. Eu mesma fechei a igreja e retirei as coisas de lá, inclusive a Imagem que está até hoje, lá na Igreja Consolata.

16. Mas, Dona Elda, a senhora concordou com essa mudança?

Dona Elda: Como eu sou da turma dos moradores novos, não tive muito problema com isso. Eu percebia que esse movimento de transformação agradava muito esses moradores, tanto os mais antigos assim como aos mais novos, pois era um sinal de crescimento, de prosperidade, pessoas novas chegando, o bairro ia superando seu isolamento, e logo pensamos em erguer a nova Igreja. A igreja para nós católicos é sempre um ponto de unidade, de encontro, é um espaço de convivência. Aquela igreja (referencia a Igreja de São Vicente) parecia já ter cumprido o seu papel, precisávamos agora de um espaço maior, mais amplo, que viesse atender as nossas necessidades de católicos, o que não esperávamos é que fosse mudar de padroeiro. Mas para nós os moradores mais novos isso não fazia muita diferença não, mesmo sabendo que os moradores mais antigos não gostaram muito da ideia.

17. E a senhora saberia dizer o porquê do nome Consolata em vez de São Vicente?

Dona Elda: Não, não sei! A Diocese criou a Paróquia Nossa Senhora Consolata, no final do ano de 1978, e os moradores da parte mais velha do bairro não gostaram muito, ficaram insatisfeitos com isso. Pois mesmo com a criação da paróquia e a construção da igreja nova, a intenção era continuar celebrando missas na igreja antiga e até se celebrou algumas vezes, mas as pessoas foram deixando de ir por que ficaram desgostosas com os padres. Por esse motivo os padres fecharam a Igreja de

São Vicente e as missas foram todas transferidas para a igreja da Consolata. Bom, hoje nós sabemos que foi melhor assim. Com o passar do tempo o povo voltou e hoje todo mundo gosta da Consolata.


18. E como se chegou a Igreja da Consolata. Digo processo de construção, inauguração etc?


Dona Elda: A igreja de São Vicente a essa altura já tinha sido fechada. Os padres arrumaram dinheiro para fazer as partes mais caras, tipo levantar cobrir, a gente ia ajudando fazendo festa, rifas, essas coisas... sei que inauguramos antes de terminar, o padre era bem afobado. Foi então, dia da padroeira, que o padre celebrou a primeira missa na igreja nova, no ano de 81, no dia 20 de junho. Ainda estávamos aterrando para colocar o piso. Não tinha reboco, não tinha porta, não tinha luz elétrica, mas o padre tava apressado para fazer a tal inauguração. Acho que ele tinha medo se ser transferido e outra fazer a inauguração no lugar dele.

19. E a Igrejinha de São Vicente fechou mesmo as portas?

Dona Elda: Bom, o prédio ainda tá lá, do mesmo jeito. Só que funciona os Alcoólicos Anônimos lá. A Diocese criou a Paróquia Nossa Senhora Consolata, acho que em 1978 ou 79, e os moradores da parte mais velha do bairro não gostaram muito, ficaram insatisfeitos com isso. Pois mesmo com a criação da paróquia e a construção da Igreja Nova, a intenção era continuar celebrando missas na igreja antiga (referencia a igreja de São Vicente) e até se celebrou algumas vezes, mas as pessoas foram deixando de ir por que ficaram desgostosas com os padres. Por esse motivo os padres fecharam a Igreja de São Vicente e as missas foram todas transferidas para a igreja da Consolata. Bom, hoje nós sabemos que foi melhor assim. Com o passar do tempo o povo voltou e hoje todo mundo gosta da Consolata.

Decreto municipal que troca o nome do bairro Redenção para São Vicente.


TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA
GABINETE DO PREFEITO



DECRETO Nº 1/64

O PREFEITO MUNICIPAL DE BOA VISTA, usando das atribuições que lhe conferem o ítem III, do artigo 9º do DECRETO-LEI nº 5.839, de 21 de setembro de 1.943,

CONSIDERANDO o apêlo formulado pelos moradores do populoso bairro situado na parte sul da cidade de Boa Vista, conhecido pelo nome de REDENÇÃO, denominação dada ao referido bairro sem qualquer motivo que o justifique;

CONSIDERANDO que naquele local a Prelazia do Rio Branco, hoje Prelazia de Roraima, com a valiosa ajuda da Congregação Vicentina dêste Território, construiu uma igreja consagrada ao grande apóstolo da Igreja Católica, São Vicente;

CONSIDERANDO, sôbre tudo, a celebridade que foi o virtuoso padre francês São Vicente, notadamente pela caridade que exerceu em favor da pobreza, sendo, por isso mesmo, considerado um dos mais ilustres representantes da renascença católica do século XVII e fundador da Congregação Vicentina, hoje disseminada por tôda a face da Terra, com milhares de congregados, seus seguidores, na prática de ajuda aos desamparados;

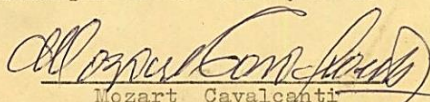
CONSIDERANDO ainda que cumpre aos poderes públicos atender os justos anseios do povo em homenagear os grandes vultos que se impõem ao respeito, à admiração e veneração de todos, pelos inestimáveis serviços prestados à humanidade,

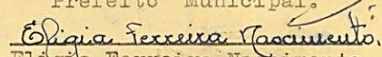
DECRETA:

Art. 1º - Fica denominado bairro de SÃO VICENTE, / tôda a área existente nas proximidades dos subúrbios de CALUNGA E CAXANGÁ, conhecida anteriormente pelo nome de REDENÇÃO.

Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Boa Vista, em 17 de janeiro de 1.964.


Mozart Cavalcanti
Prefeito Municipal.


Eligia Ferreira Nascimento
Resp.º Exp.º da Secretaria.

ARQUIVO
Diocese de Roraima

Anexo H⁶¹:

Tabela demonstrativa da população residente, em Boa Vista por domicílio

Tabela 608 - População residente, por situação do domicílio e sexo - Sinopse - Ranking descendente		
Variável = População residente (Pessoas)		
Situação do domicílio = Total		
Sexo = Total		
Ano = 2010		
#	Bairro	
1	Pintolândia - Boa Vista - RR	10.990
2	Senador Hélio Campos - Boa Vista - RR	10.010
3	Caraná - Boa Vista - RR	9.931
4	Cambará - Boa Vista - RR	9.488
5	Buritis - Boa Vista - RR	9.305
6	Dr. Silvio Leite - Boa Vista - RR	8.849
7	Santa Luzia - Boa Vista - RR	8.777
8	Santa Tereza - Boa Vista - RR	8.118
9	Alvorada - Boa Vista - RR	7.914
10	Cauamé - Boa Vista - RR	7.480
11	Caimbé - Boa Vista - RR	7.447
12	Dr. Silvio Botelho - Boa Vista - RR	7.188
13	Pricumã - Boa Vista - RR	7.051
14	Tancredo Neves - Boa Vista - RR	7.007
15	Jóquei Clube - Boa Vista - RR	6.515
16	São Bento - Boa Vista - RR	6.368

⁶¹ Essa tabela segue por três páginas, compreendida pelos números ordinais que se sucedem da primeira coluna. A linha destacada (17) em preto é o dado que nos interessa.

17	São Vicente - Boa Vista - RR	6.222
18	Liberdade - Boa Vista - RR	6.199
19	Jardim Primavera - Boa Vista - RR	6.186
20	Mecejana - Boa Vista - RR	6.134
21	Nova Canaã - Boa Vista - RR	6.007
22	Cidade Satélite - Boa Vista - RR	5.942
23	Cinturão Verde - Boa Vista - RR	5.907
24	Raiar do Sol - Boa Vista - RR	5.863
25	Nova Cidade - Boa Vista - RR	5.708
26	Jardim Equatorial - Boa Vista - RR	5.594
27	Centenário - Boa Vista - RR	5.497
28	Paraviana - Boa Vista - RR	5.443
29	Asa Branca - Boa Vista - RR	5.256
30	Centro - Boa Vista - RR	5.140
31	Laura Moreira - Boa Vista - RR	4.992
32	Aparecida - Boa Vista - RR	4.860
33	Treze de Setembro - Boa Vista - RR	4.643
34	Dos Estados - Boa Vista - RR	4.639
35	Jardim Floresta - Boa Vista - RR	4.546
36	Prof. Araceli Souto Maior - Boa Vista - RR	4.102
37	São Francisco - Boa Vista - RR	3.992
38	União - Boa Vista - RR	3.801
39	Jardim Caranã - Boa Vista - RR	3.495
40	Aeroporto - Boa Vista - RR	3.348
41	Caçari - Boa Vista - RR	3.254

42	Bela Vista - Boa Vista - RR	3.084
43	Operário - Boa Vista - RR	2.521
44	Calunga - Boa Vista - RR	2.236
45	Jardim Tropical - Boa Vista - RR	2.073
46	Trinta e um de Março - Boa Vista - RR	1.631
47	5 de Outubro - Boa Vista - RR	1.542
48	Piscicultura - Boa Vista - RR	1.471
49	São Pedro - Boa Vista - RR	985
50	Olímpico - Boa Vista - RR	915
51	Canarinho - Boa Vista - RR	710
52	G. Aquilino Mota Duarte - Boa Vista - RR	519
53	Murilo Teixeira Cidade - Boa Vista - RR	112
54	Doutor Airton Rocha - Boa Vista - RR	69

RESUMO: Valores lidos: 54; Valores comparados: 54; Valores desprezados: 0

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

ANEXO I

Manuscrito da Diocese de Roraima⁶²

S. Vicente

ARQUIDIOCESE DE RORAIMA

Casa construída perto da
do Otacilio no terreno da
Igreja de S. Vicente.

25/3/76

O terreno foi dado à Conferência Vicentina
pela Prefeitura em 1954 - Parte deste terreno
foi dado pela Prefeitura - a Prefeitura mais
P. Dantas tarde mandou aliar estradas e o
terreno ficou todo retalhado em quadras -
P. Antonio Curti pediu para construir
uma capela e tendo sido autorizado
construiu a atual capela sobre lam-
alicerça, mas com as paredes de adobe.

Os vicentinos não fizeram mais
nada no terreno - e deixaram para a Igreja -
o Sr. Otacilio foi autorizado a fazer a
sua casa no terreno e ficou até a
morte, por D. José Nepote.

ESTRADA

CERCA

ESTRADA

casa e
terreno de
Otacilio

terreno
dado pela
P. Dantas -
D. Diolinda

Em fevereiro deste ano, P. Zimta deu uma
parte do terreno à família de D. Diolinda
sem pedir licença à Prefeitura -

⁶² Esse manuscrito faz menção ao terreno e a Igreja de São Vicente de Paulo. Por comparação de caligrafia, provavelmente esse tenho de punho seja de Dom Aldo Mongiano, bispo da época.

ANEXO J - Vista aérea da cidade de Boa Vista, anos 1960.



Não sabemos ao certo a data em que essas duas fotos, a cima, foram tiradas. É de um colecionador particular. A primeira parece-nos de um período mais antigo que a

segunda, isso é perceptível á partir do traçado das ruas e a ausência da ponte a esquerda. A segunda apresenta traços mais definidos em relação a primeira. Provavelmente são dos anos entre 1960, 1970.

Abaixo segue fotos que retratam Boa Vista em tempos bem mais antigos. Essas fotos foram colhidas no site: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php> As fotos seguem o ano informado pelo site.

Vista aérea de Boa Vista de 1924





Imagens de Hamilton Rice

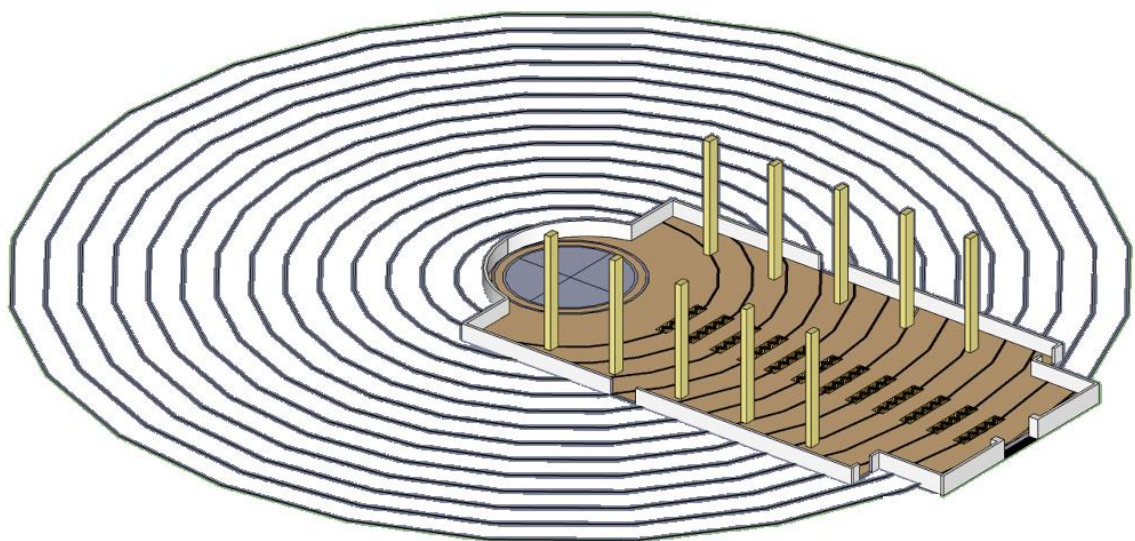
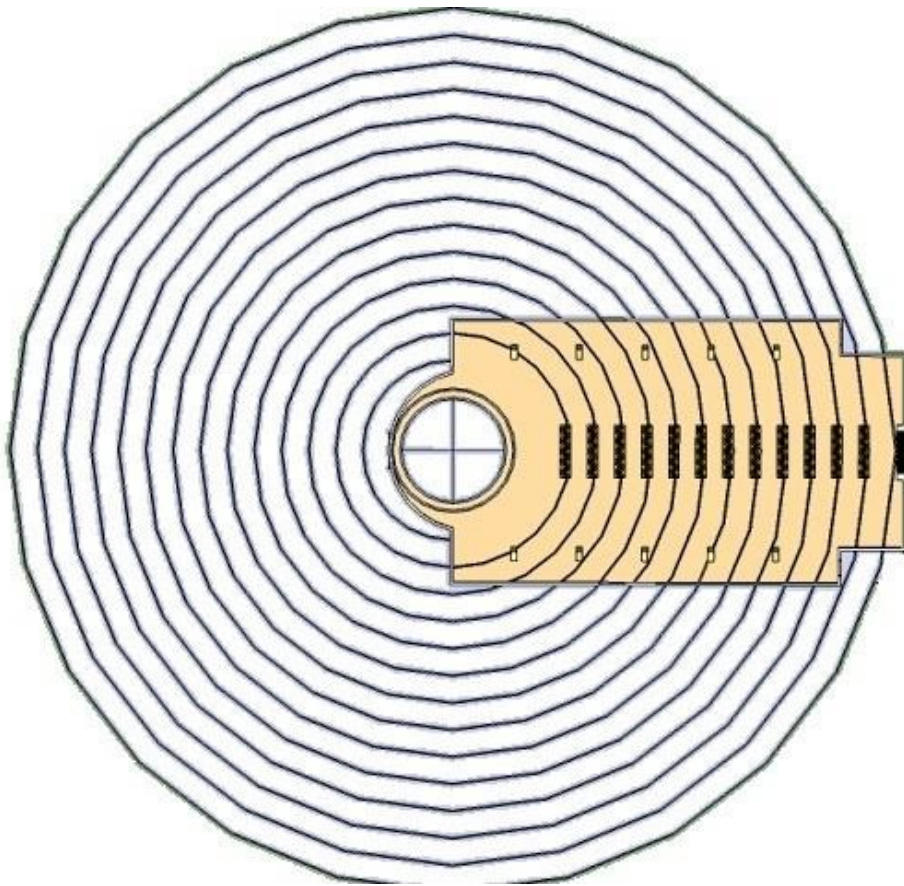
Fonte: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php>>

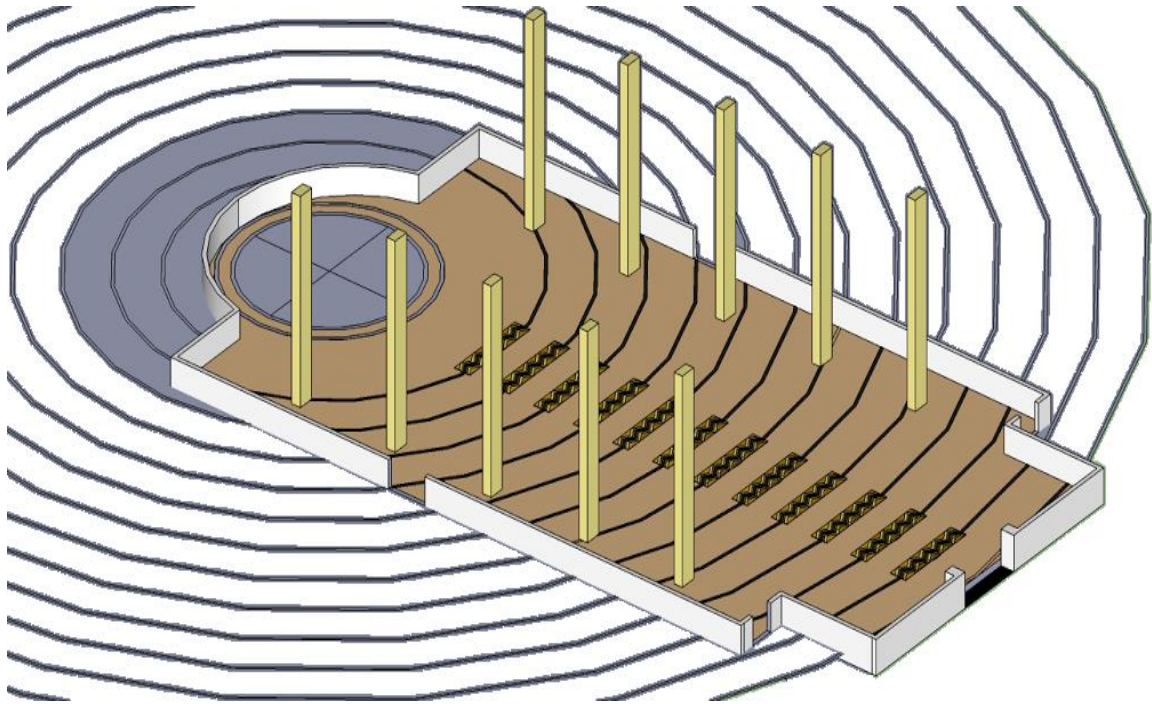
ANEXO L

Vista aérea de Boa Vista atualmente



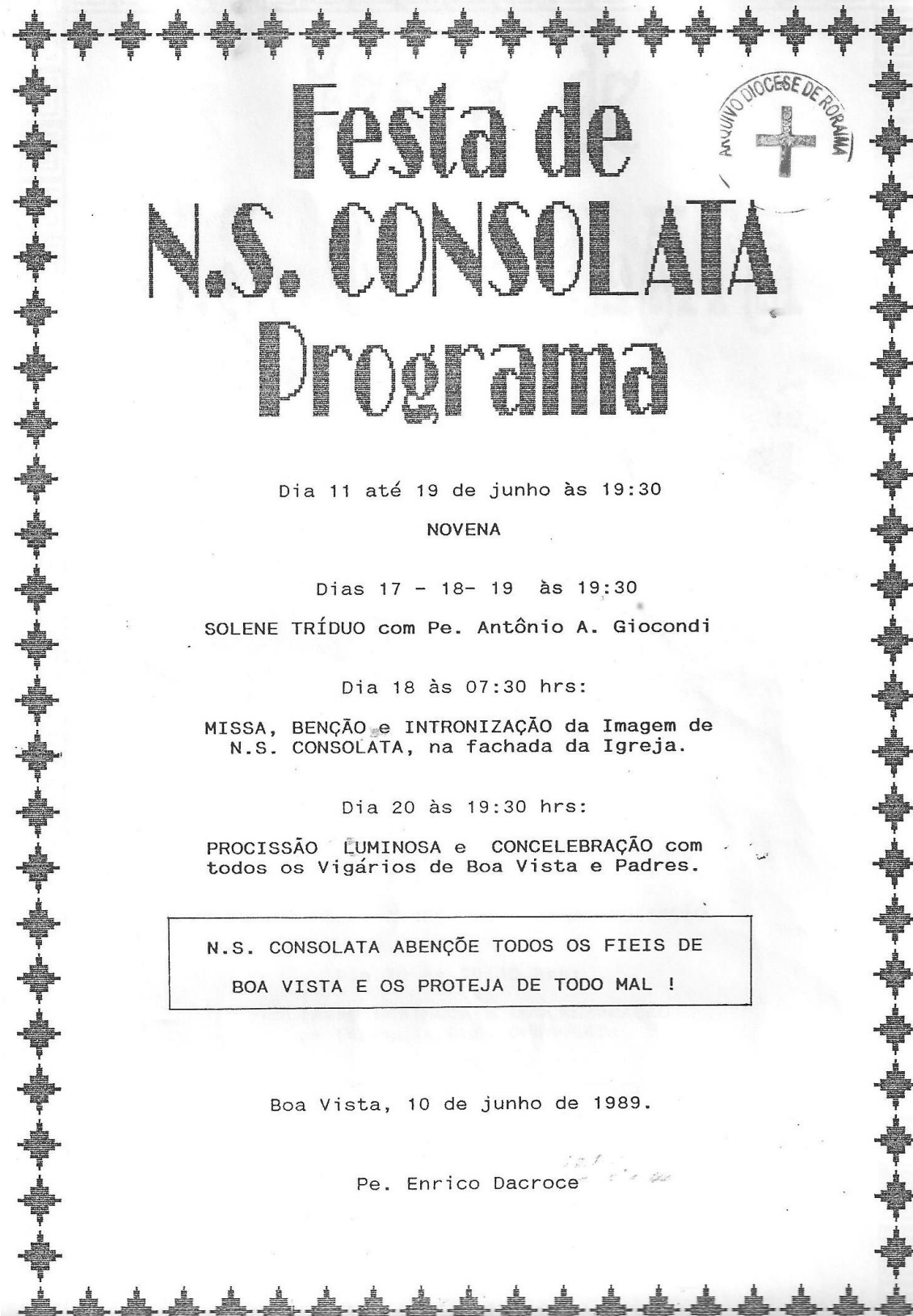
Anexo M: Projeção do piso da Igreja Nossa Senhora Consolata.






ANEXO N

Programação dos festejos do dia da padroeira Nossa Senhora Consolata, onde se deu a colocação da Imagem da referida santa.





Festa de N.S. CONSOLATA Programa

Dia 11 até 19 de junho às 19:30
NOVENA

Dias 17 - 18- 19 às 19:30
SOLENE TRÍDUO com Pe. Antônio A. Giocondi

Dia 18 às 07:30 hrs:
MISSA, BENÇÃO e INTRONIZAÇÃO da Imagem de
N.S. CONSOLATA, na fachada da Igreja.

Dia 20 às 19:30 hrs:
PROCISSÃO LUMINOSA e CONCELEBRAÇÃO com
todos os Vigários de Boa Vista e Padres.

N.S. CONSOLATA ABENÇÕE TODOS OS FIEIS DE
BOA VISTA E OS PROTEJA DE TODO MAL !

Boa Vista, 10 de junho de 1989.

Pe. Enrico Dacrocce

ANEXO O

Programação da festa de São Vicente de Paulo em julho e 1960.

No dia 24 de Julho de 1960
será celebrada a festa em louvor do glorioso

SÃO VICENTE DE PAULO ,
obedecendo ao seguinte

PROGRAMA :

Dia 19 - Às 6,00 horas na Matriz S.Missa com Comunhão geral dos Vicentinos -
- De noite às 19,30 novena ,paraninfada pelas Damas Missionárias da Consolata -
Patrocinadores : Conferência Vicentina de S.José -

Dia 20 - Às 19,30 : Apostolado da oração (ala feminina e masculina) ~~e feminina~~ -
Patrocinadores : Conferência Vicentina de São Sebastião -

Dia 21 - Às 19,30 : Pia União de N,S, do Perpétuo Socorro -
Patrocinadores -:Conferência de São Francisco -

Dia 22 - Às 19,30 - Legião Brasileira ,patrocinada pela sua DD. Presidente e auxiliares -

Dia 23 - Às 19,30 : Congregados Marianos e Filhas de Maria ,
patrocinados pelos seus Presidentes e auxiliares -

Dia 24 - Exmo.Sr. Governador ,Exmo. Sr,Secretário Geral ,Exmo.Sr. Prefeito e seus auxiliares ,
16.30 - Patrocinadores : Conselho particular das Conferências Vicentinas -

=====

Todos os dias haverá na Matriz S,Missa às 6 horas ; à noite às 19,30 horas novena em louvor de S.Vicente de Paulo -
No dia 24 de tarde às 16,30 seirá da Matriz solene Procissão com o andor do Santo ,rumo ao Calungá no local aonde será construída a futura Vila Vicentina - Ato contínuo : S.Missa Campal -
A banda musical abrilhanterá o glorioso desfile -

=====

BARRACAS : Bebidas (encarregado Sr.Antônio Moureira)
Frios e doces - As Senhoras -
De São Vicente - Os Vicentinos -

na Matriz -